

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**JOVENS E RELACIONAMENTOS AFETIVOS: MEDIAÇÕES
PSICOSSOCIAIS DO AMOR EM TEMPOS DO ‘FICAR’**

NÁDIA CORREIA FRUTUOSO DE ASSIS

Goiânia

2010

NÁDIA CORREIA FRUTUOSO DE ASSIS

**JOVENS E RELACIONAMENTOS AFETIVOS: MEDIAÇÕES
PSICOSSOCIAIS DO AMOR EM TEMPOS DO ‘FICAR’**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação da professora doutora Sônia Margarida Gomes de Sousa.

Goiânia,

2010

NÁDIA CORREIA FRUTUOSO DE ASSIS

**JOVENS E RELACIONAMENTOS AFETIVOS: MEDIAÇÕES
PSICOSSOCIAIS DO AMOR EM TEMPOS DO ‘FICAR’**

Dissertação defendida no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em 15 de março de 2010, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes de Sousa – PUC-GO (presidente)

Profa. Dra. Edna Mendonça Oliveira de Queiroz – UFG

Profa. Dra. Anita Cristina Azevedo Resende – UFG

Aos meus pais, Hélio e Zulmira, pela possibilidade de percorrer uma travessia nem sempre tranqüila, mas calcada na confiança, no apoio e na compreensão de que a minha felicidade é, na maioria das vezes, a felicidade de vocês.

Aos meus irmãos Diêgo, Hélio Júnior e à minha irmã e companheira Érika, pela alegria cotidiana de perceber que nós estamos crescendo juntos.

Ao meu namorado, amigo e companheiro Gabriel, pela paciência, pela força e por me possibilitar vivenciar e compreender que a diferença não põe fim ao amor, mas o torna mais denso e humano.

Agradecimentos

À Profa. Dra. Anita Cristina Azevedo Resende, agradeço pela possibilidade de discussões que, aos poucos, iam produzindo um descortinamento de uma realidade contraditória e pela persistência no compromisso com uma formação crítica e para emancipação humana.

Às professoras Dra. Edna Mendonça Oliveira de Queiroz e Dra. Sônia Margarida Gomes de Sousa, pelas comprometidas e atenciosas leituras do trabalho à época da qualificação, que muito contribuíram para o esclarecimento de questões até então um tanto obscuras e incertas e que, a partir daí, impulsionaram avanços e o crescimento da dissertação. Além disso, agradeço pela importante participação das professoras na banca de defesa desta dissertação.

Em especial à Prof. Dra. Edna Mendonça Oliveira de Queiroz, pela pronta disponibilidade em compartilhar de seu conhecimento e experiência com a temática da juventude, fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

À Universidade Federal de Goiás e às instâncias desta instituição que abriram suas portas à produção de conhecimento, permitindo e possibilitando a realização desta pesquisa.

Aos meus amigos e amigas, pelos momentos em que pacientemente escutaram meus reclames e minhas dúvidas e pelas palavras de incentivo, tão importantes nas horas de desânimo e cansaço.

Em especial à Cinthya, ao Fabrício, ao querido Lima, à Maíra e ao Tiago que, de uma forma ou de outra, me auxiliaram em diferentes etapas da construção desta dissertação e também fazem parte deste resultado.

Aos alunos da Universidade Federal de Goiás que prontamente concordaram em participar enquanto sujeitos da pesquisa, revelando-me histórias e experiências de vida singulares, imprescindíveis à compreensão da constituição psicossocial da juventude contemporânea.

Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente – o que produz os ventos. Só se pode viver perto de outro, e conhecer a pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. Deus é que me sabe. O Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu.

(João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra.

(Clarice Lispector, *Água Viva*)

RESUMO

ASSIS, Nádya Correia Frutuoso de. **Jovens e relacionamentos afetivos: mediações psicossociais do amor em tempos do ‘ficar’**. 2010. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

Partindo da compreensão de indivíduo e sociedade, objetividade e subjetividade enquanto realidades que se constituem em uma relação de unidade recíproca e indissociável, a presente pesquisa buscou apreender a participação de instâncias de mediação psicossocial fundamentais no processo de socialização, tais como a família, a religião, o trabalho, os grupos, a indústria cultural, na formação dos sentidos e significados que os jovens contemporâneos produzem acerca dos relacionamentos afetivos. O desenvolvimento histórico da noção de juventude, a constituição da sociabilidade, da sexualidade e da afetividade do jovem também são discutidas na tentativa de compreensão das novas e das tradicionais maneiras do jovem relacionar-se afetivamente na atualidade. A pesquisa foi realizada com alunos da Universidade Federal de Goiás, do quinto período dos cursos de Geografia e Pedagogia, ambos licenciatura e noturnos, e Medicina, integral, e Direito, matutino, dos quais foram selecionados oito alunos, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. A escolha dos cursos e dos estudantes foi fundamentada no objetivo de analisar e discutir as relações de universalidade, particularidade e singularidade, crivadas e mediadas psicossocialmente pelas diferenças de classe social e de gênero, relevantes para a produção dos sentidos e significados dos relacionamentos afetivos. Os dados empíricos para a realização deste estudo foram apreendidos através da aplicação de questionário e de uma entrevista semi-estruturada, com os oito jovens estudantes da universidade que atendiam aos critérios de renda familiar, gênero e quantidade de pessoas com que haviam ‘ficado’ no último ano. Mediada pelas contribuições de autores fundamentais como Adorno, Horkheimer, Freud, Marx e outros teóricos, também importantes para a compreensão das formas de sociabilidade do jovem contemporâneo, a análise dos dados resultantes da presente pesquisa aponta para uma constituição psicossocial tendencialmente conservadora da juventude, fortemente vinculada a valores familiares e religiosos, que ainda procura pelo grande amor de sua vida, sendo a escolha do parceiro afetivo pautada em critérios que dizem respeito à possibilidade de completude e satisfação sem grandes dificuldades e diferenças. Na verdade, a diferença é que constitui a dificuldade no relacionamento. Ao mesmo tempo, o ‘ficar com alguém’ expande-se entre os jovens como um tipo de relacionamento fugaz e descompromissado, que tem a obtenção do prazer imediato e egoísta como principal projeto. Em síntese, os relacionamentos afetivos entre os jovens desenvolvem-se marcados por tendências cada vez mais narcísicas e intolerantes ao diferente e, neste sentido, fortemente individualistas, auto-referidos e heterônomos.

Palavras-chave: juventude; mediação psicossocial; sentidos dos relacionamentos afetivos.

ABSTRACT

ASSIS, Nádia Correia Frutuoso de. **Young adults and affective relationships: psychosocial mediations of love in “casual dating” times.** 2010. Dissertation (Post-Graduate Program in Psychology) – Masters in Psychology, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

Starting from the comprehension of individual and society, objectivity and subjectivity as realities that constitute themselves in a reciprocal and inseparable relation, the following research has looked for the understanding of the participation of the instances of psychosocial mediation that are essentials in the process of socialization, such as family, religion, work, social groups, cultural industry, in the formation of signs and meanings that contemporary teenagers create related to relationships. The historical development of the youth notion, the young adult constitution of sociability, sexuality and affection are also discussed trying to comprehend the young adult new and traditional ways of relationships nowadays. The research has been done with fifth term UFG students from Geography, Pedagogy, Medicine and Law majors. From this group eight students has been selected, four males and four females. The degrees choice was based on the goal of analyze and discuss the universality, particularity and singularity relationships psychosocially mediated by social and gender differences, which are relevant to produce affective relationships meaning. The empirical data used in this study came from Question and Answers, as well as from interviews with the eight students who corresponded with the following criteria: family income, gender and number of people who they had dated during the last year. Mediated by fundamental authors` contributions, such as Adorno, Horkheimer, Freud, Marx and others who are also important for the comprehension of the contemporary young adult sociability ways, the research points to a conservative psychosocial constitution of youth in general, strongly linked to family and religious values, which is still looking for the love of their lives. Therefore, the choice of a partner is based on criterions related to a possibility of satisfaction without many difficulties and differences. As a matter of fact, these very differences are what constitute difficulties in relationships. At the same time, “casual dating someone” has been known among young adults as a short and uncommitted relationship, with the main goal being an immediate selfish pleasure. In short, affective relationships between young adults have been developing themselves marked by tendencies more and more narcissistically and intolerant about what is different, and in this way, strongly individualistic, self-aimed and heteronyms.

Key words: youth; psychosocial mediation; affective relationships meanings.

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo I	
Processos de socialização: indivíduo e sociedade.....	22
1.1 - Instâncias de mediação na constituição psicossocial de indivíduo e sociedade.....	26
Capítulo II	
Juventude: construção histórica, sociabilidade e afetividade.....	46
2.1 – A construção histórica da juventude.....	46
2.2 – Juventude: constituição social, sexual e afetiva.....	50
Capítulo III	
Universalidade e singularidade na produção dos sentidos dos relacionamentos afetivos.....	63
3.1 - Os jovens e suas histórias.....	63
3.2 – Sentidos e significados dos relacionamentos afetivos produzidos por jovens em Goiânia.....	80
Referências bibliográficas.....	96
Anexos.....	99

Introdução

O homem é um ser histórico, que se constitui na relação com o outro. É mediante esta relação que o homem se percebe como ser único, diferente e, também, como ser genérico, dotado de características comuns a todos os outros humanos. Ainda é mediante esta relação que o indivíduo externaliza sua própria natureza e internaliza as objetivações realizadas pelos outros homens, criando assim as possibilidades de vivência em sociedade.

Constitui-se desse modo, um desafio importante na contemporaneidade: o entendimento das relações entre indivíduo e sociedade, subjetividade e cultura e a compreensão dos processos de socialização e das condições de reconhecimento, autonomia e consciência do indivíduo frente a realidade. Assim, se torna imprescindível o desvelamento das condições objetivas atuais que permeiam e possibilitam a constituição subjetiva.

A velocidade da lógica produtiva do mercado capitalista globalizado, movida pela cada vez mais sofisticada divisão e tecnificação das relações de trabalho, pelo imperativo do individualismo, pela imposição do consumo de produtos muitas vezes desnecessários, dentre outras, caracteriza os modos do homem contemporâneo se relacionar com o outro e consigo mesmo. Em um mundo em que a concepção da constituição da individualidade atrela-se à capacidade individual de consumir os produtos oferecidos pelo mercado e pela indústria cultural como sinais de liberdade de escolha e felicidade, urge questionar como os processos de sociabilidade tem se configurado em tempos de primazia do privado e do enfraquecimento do sentido de público da vida.

Nesse sentido, Kehl (2004) propõe uma reflexão acerca dos modos de sociabilidade da juventude contemporânea que, para além de uma faixa etária da vida de qualquer ser humano, passou a ser explorada e veiculada pela indústria cultural como ideal de vida para todas as idades, por suas características de hedonismo, beleza, liberdade, sensualidade, que tão bem se identificam com a ideologia publicitária que promete a felicidade. Todos desejam e acreditam serem jovens e o mercado de produtos destinados a adolescentes busca evocar identificações de sujeitos de todas as gerações. Paradoxalmente, segundo a autora, esse culto à cultura *teen* acaba por cobrar seu preço em desamparo, vivenciado pelos jovens filhos de ‘pais adolescentes’, pois, como aparentemente vivem em um mundo em que as regras são feitas por

eles e para eles, o lugar dos modelos de autoridade e referência, imprescindíveis ao processo de identificação e construção da personalidade, encontram-se estremecidos.

A pesquisa que aqui se apresenta, buscou apreender as mediações desse processo na experiência do jovem e como estas mediações participam na constituição dos sentidos¹ que os jovens produzem acerca dos relacionamentos afetivos. Considera-se que, além da indústria cultural, outras instâncias de mediação assumem importante função nos processos de socialização dos jovens. A família é o primeiro e mais fundamental grupo em que o indivíduo estabelece relações sociais. É a relação da criança com os pais, ou responsáveis, que possibilita a internalização dos valores e regulamentos que regem a organização moral da sociedade. É a família que apresenta à criança uma realidade que há de sempre restringir e limitar seu desejo imperativo de satisfação. Ao passar pelo processo do complexo de Édipo, no qual a criança estabelece relações de amor e ódio com os pais, se efetiva a formação do superego, instância que internaliza e inscreve a autoridade no aparelho psíquico. Estas primeiras relações amorosas que a criança vivencia com os pais, constituir-se-ão como referência para seus futuros relacionamentos afetivos (FREUD, 1924/1996).

A religião é também uma mediação que ganha força e importância na formação do sujeito contemporâneo. Crenças e práticas religiosas, permeadas de valores e princípios, são bases da constituição social e podem contribuir para a reprodução e o fortalecimento da adaptação social, atuando com base na certeza da onipotência da autoridade do Pai. Uma tendência a formações psíquicas heterônomas e conservadoras pode ser analisada em sua relação com esta fé conformista e submissa, que a nada estranha nem questiona, e que com muita facilidade se atrela aos valores e princípios morais da família burguesa (ADORNO, 1965). Uma forte vinculação entre princípios familiares e “mandamentos” religiosos está na raiz da constituição dos sentidos que os jovens atribuem aos relacionamentos afetivos.

¹ A presente dissertação não tem como objetivo uma discussão aprofundada da conceituação e diferenciação das categorias *sentido* e *significado*. Diante das diferentes apreensões teóricas existentes destes dois conceitos indissociáveis, o trabalho em questão fundamenta-se na teoria de L. S. Vygotski, ao analisar como se desenvolve o processo de produção de sentidos dos relacionamentos afetivos pelos jovens. De acordo com este autor, os significados são produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências. Muito embora sejam mais estáveis, "dicionarizados", eles também se transformam na esteira do movimento histórico. Os significados referem-se, assim, aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos. Já o sentido, “é um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações de sentido” (VYGOTSKI, 1998, p. 181).

Os grupos – de amigos, colegas, primos – também comparecem como importante fonte de referência e modelos de identificação para o jovem. Desvincular-se da total dependência e tutela dos pais e confrontar-se com realidades e experiências diferentes, e muitas vezes contraditórias, à sua própria, alarga o campo de sociabilidade do jovem e lhe possibilita viver a tensa e conflitiva experiência da formação de sua identidade individual. Ao grupo de iguais, o jovem irá confidenciar dúvidas e segredos amorosos que, na maioria das vezes, lhe falta coragem e intimidade para confidenciar aos pais. É também pela mediação do grupo que, quase sempre, o jovem inicia sua vida afetiva e sexual (STENGEL², 2003). Os grupos, a família, a religião, a indústria cultural como mediações da constituição psicossocial da juventude contemporânea serão mais profundamente debatidas no capítulo I da presente dissertação.

Tomando a forma como tem se constituído as relações afetivas entre os jovens na atualidade, percebe-se, através de uma primeira e imediata análise, que aparentemente os relacionamentos podem ser apreendidos como breves, imediatistas, passageiros, voláteis e descompromissados, obedecendo assim, à mesma lógica que rege outros tipos de relações. Sua constituição efêmera e provisória está presente também na abreviação dos vínculos empregatícios e na rarefação de relacionamentos outrora sólidos e duradouros, tais como os familiares e os de vizinhança. Vive-se hoje uma condição de aceleração do tempo, alargamento do espaço e movimentação humana sem precedentes, características que dificultam a formação de vinculações psicossociais estáveis e prolongadas em todos os planos da vida: do trabalho ao amor (KEHL, 2004).

Neste sentido, o ‘ficar’ com alguém, compreendido como um relacionamento efêmero, descompromissado, em que o objetivo principal é a satisfação prazerosa instantânea, e que implica em desconsideração à singularidade do parceiro, constitui-se como um tipo de relacionamento que vem se tornando quase regra entre os jovens. Também a relação amorosa passa a se assemelhar a todas as outras formas de relacionamento humano, cada vez mais individualistas e narcísicas. Entretanto, o ‘ficar’ pode representar apenas uma ponte, um período de transição para um relacionamento mais duradouro, como o namoro (STENGEL, 2003). Estas e outras formas de relacionar-se afetivamente, características da juventude atual, serão melhor discutidas e analisadas no capítulo II deste trabalho.

² Embora esta autora não alcance a radicalidade das análises do indivíduo e da sociedade empreendidas por teóricos como Marx, Freud, Adorno e Horkheimer, que fundamentam teoricamente esta dissertação, suas contribuições são fundamentais para a compreensão dos relacionamentos afetivos entre os jovens.

A presente pesquisa justifica-se, assim, diante das configurações contemporâneas dos relacionamentos afetivos entre os jovens, como necessidade de compreensão e debate das transformações dos modos de sociabilidade na atualidade, recolocando mais uma vez em pauta de discussão, a constituição da relação indivíduo-sociedade, objetividade-subjetividade. Além disso, pode-se constatar a inexpressiva quantidade de estudos que elejam como temática a constituição psicossocial da juventude brasileira e, principalmente, que tenham como escopo a apreensão mais aprofundada da construção mediada psicossocialmente da afetividade destes jovens. Particularmente em Goiânia, a grande maioria das pesquisas restringem-se à discussão do tema da juventude relacionado à educação, à família e ao trabalho³.

O problema a ser pesquisado na presente dissertação se sintetiza na investigação dos sentidos produzidos por jovens universitários goianienses⁴ acerca dos relacionamentos afetivos. Para tanto, tem-se o seguinte objetivo geral: identificar e compreender estes sentidos produzidos por jovens em Goiânia acerca dos relacionamentos afetivos no contexto das novas formas de sociabilidade contemporâneas. Para a apreensão de tal objetivo, esta pesquisa pretende também empreender os seguintes objetivos específicos: discutir a temática da relação dos jovens com os relacionamentos amorosos e como esta vem se configurando ao longo do desenvolvimento histórico e social; investigar e analisar as principais mediações psicossociais constitutivas do jovem brasileiro na atualidade, tais como a família, os grupos, o trabalho, a religião, a indústria cultural; e por fim, analisar e discutir as relações de universalidade, particularidade e singularidade crivadas e mediadas psicossocialmente pelas diferenças de classe social e de gênero.

A partir da proposta de compreender as relações de universalidade, particularidade e singularidade presentes nas diferenças de classe social e de gênero, implicadas nos sentidos do relacionamento afetivo produzidos pelos jovens universitários em Goiânia e, na tentativa

³ Como referência aos trabalhos sobre o tema da juventude em Goiás ver: CANEZIN, M. T. G. *As referências simbólicas de jovens estudantes de um colégio militar*. Caxambu, ANPEd, 2003; CANEZIN, M. T. G. *Juventude, educação e campo simbólico*. Goiânia: Ed. UCG, 2007; CANEZIN, M. T. G.; QUEIROZ, E. M. O.; ANDRADE, M. D. P. Governo municipal e atores jovens: a Assessoria Especial para Assuntos da Juventude (AJ) de Goiânia – 2001/2004. Em: SPOSITO, M. P. (org.). *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, 2007. QUEIROZ, E. M. O. *O trabalho diurno/escolarização noturna: o cotidiano do jovem trabalhador*. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001; QUEIROZ, E. M. O.; CHAVES, E. G. *Retratos da juventude*. Goiânia: Verbo/Prefeitura de Goiânia, 2001; QUEIROZ, E. M. O. *Mediação familiar em processo: formação de jovens estudantes do ensino superior*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás, 2008.

⁴ A pesquisa foi realizada na universidade pelo fato de aí constituir-se um espaço que congrega jovens de diferentes faixas etárias e características sociais, econômicas, culturais.

de compreender como esta produção vem se configurando ao longo da constituição social, cultural, escolar, religiosa, familiar desses jovens, recorreu-se aos dados fornecidos pelos estudantes ao responderem ao Questionário sócio-econômico-cultural, aplicado a todos os que se inscrevem no vestibular da Universidade Federal de Goiás (UFG)⁵.

Tendo como principal objetivo desta pesquisa apreender como se constituem os sentidos que os jovens universitários de Goiânia produzem acerca dos relacionamentos afetivos buscou-se, a partir da investigação empírica, compreender como estes sentidos são constituídos pela mediação das formas de sociabilidade contemporâneas encontradas pela juventude. Para tanto, realizou-se um mapeamento dos alunos com base nos dados do Questionário Sócio-econômico-cultural, aplicado pelo Centro de Seleção da UFG a todos os estudantes que realizaram o processo seletivo do ano de 2007 da Universidade Federal de Goiás.

Partindo de uma primeira análise dos dados dos alunos classificados em todos os cursos do processo seletivo 2007, selecionou-se quatro cursos que contemplam os seguintes critérios: a amostra devia conter alunos tanto de cursos mais concorridos e nos quais observou-se a maior renda familiar, quanto de cursos menos concorridos e nos quais encontram-se estudantes de renda familiar mais baixa e cursos noturnos (estudantes trabalhadores). Assim, deveriam ser selecionados dois dos cursos mais concorridos e de maior renda familiar e outros dois cursos que representassem os cursos de menor concorrência e de menor renda familiar, além de serem compostos, em sua maioria, por estudantes trabalhadores.

A partir de uma análise dos dados gerais apresentados e que caracterizavam o total de alunos que tentaram o ingresso em todos os cursos oferecidos pela UFG, através do vestibular do referido ano, elegeu-se para a realização da pesquisa quatro cursos desta universidade em que, como base nos dados quantitativos apontados pelo Questionário-sócio-econômico, se encontravam os sujeitos mais representativos das categorias crivadas para a apreensão do objeto de pesquisa. Os cursos de Medicina (integral) e Direito (matutino) foram selecionados dentre os que obtiveram maior índice de concorrência estudantes/vaga, além de serem os cursos nos quais observou-se a maior quantidade de jovens com renda familiar alta. Já os cursos de Geografia (licenciatura/noturno) e Pedagogia (licenciatura/noturno)⁶ foram

⁵ Optou-se pela realização da pesquisa com alunos da Universidade Federal de Goiás pela abertura e facilidade de acesso aos sujeitos e à coleta de dados que esta universidade proporcionou à pesquisadora.

⁶ Os dados utilizados para este trabalho referem-se sempre aos alunos do curso de Direito, bacharelado, no turno matutino. Bacharelado em Medicina, período integral. E licenciatura em Geografia e Pedagogia, ambos no período noturno.

escolhidos dentre os demais, pois foi onde observou-se o menor índice de concorrência estudante/vaga e também grande parcela de alunos com renda familiar baixa.

Tabela 1 - Relação candidato/vaga por curso

Cursos	Direito (matutino)	Medicina (integral)	Geografia (noturno)	Pedagogia (noturno)
Relação candidato/vaga PS2007	26,12	36,98	3,88	3,70

Fonte: Questionário Sócio-Econômico-Cultural - Centro de Seleção-UFG

Tabela 2 - Distribuição dos classificados por renda familiar por curso ('Qual a renda mensal da sua família em R\$?')

Renda \ Cursos	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Até 300,00	1	01,67	7	06,36	1	02,50	3	04,29
301,00 a 900,00	2	03,33	2	01,82	13	32,50	24	34,29
901,00 a 1.500,00	5	08,33	6	05,45	10	25,00	26	37,14
1501,00 a 3.000,00	10	16,67	20	18,18	11	27,50	12	17,14
3.001,00 a 6.000,00	18	30,00	47	42,73	3	07,50	1	01,43
6.001,00 a 9.000,00	12	20,00	17	15,45	2	05,00	4	05,71
9.001,00 a 12.000,00	5	08,33	3	02,73	0	00,00	0	00,00
Acima de 12.000,00	7	11,67	8	07,27	0	00,00	0	00,00
TOTAL	60	100	110	100	40	100	70	100

Fonte: Questionário Sócio-Econômico-Cultural - Centro de Seleção-UFG

Após a escolha dos cursos da Universidade Federal de Goiás que atendiam aos critérios de concorrência no vestibular e de renda familiar especificados para a pesquisa, ambas caracterizações referentes à classe social dos estudantes, a pesquisadora, devidamente autorizada pelas instâncias da universidade responsáveis pelos cursos, apresentou a pesquisa aos estudantes. O fez através da apresentação de um pequeno texto que esclarecia os principais objetivos e os possíveis riscos e benefícios decorrentes de sua participação na pesquisa.

Em seguida, foi aplicado outro questionário (em anexo) elaborado com o objetivo de apreender com mais consistência o conjunto de características universais e particulares dos alunos de cada curso, para então se realizar a seleção dos oito sujeitos representativos para a realização da pesquisa. Foi aplicado um total de 192 questionários em turmas de quinto período⁷, ou primeiro semestre do terceiro ano (no caso de cursos com regime anual), nos cursos de Direito (matutino), Medicina (integral), Geografia (licenciatura/noturno) e Pedagogia (licenciatura/noturno). As questões apresentadas aos alunos no questionário exploraram assuntos individuais como sexo, idade, estado civil, moradia, trabalho, renda familiar, escola, religião, relacionamento afetivo, dentre outros. Os resultados colhidos através da aplicação do questionário serviram de banco de dados que, organizados e analisados, fundamentaram a seleção dos sujeitos mais representativos da amostra em questão, que foram posteriormente entrevistados.

Dentre os 192 estudantes que responderam ao questionário, 109⁸ ou 56,8% são do sexo feminino e 83 ou 43,2% são do sexo masculino. No curso de Direito 40,5% dos alunos é do sexo feminino e 59,5% masculino. Na Medicina, ocorre um grande equilíbrio entre os alunos do sexo feminino e alunos do sexo masculino, sendo 50,6% constituído de mulheres e 49,4% de homens. No curso de Geografia 37,5% dos alunos são do sexo feminino e 62,5% são do sexo masculino. Já na Pedagogia, constatou-se um predomínio de alunos do sexo feminino, 91,8% em contraposição a apenas 8,2% do sexo masculino.

Quanto à idade dos estudantes questionados, observou-se que a grande maioria situa-se na faixa etária dos 19 aos 22 anos⁹, nos quatro cursos, embora a distribuição dos alunos pela idade seja mais homogênea nos cursos de Direito e Medicina e mais heterogênea na

⁷ Optou-se pela realização da pesquisa com alunos do quinto período pois pressupõe-se que neste período do curso, os alunos já tenham estabelecido uma maior socialização com o grupo de colegas, fator importante para a constituição dos sentidos acerca dos relacionamentos afetivos.

⁸ Vide tabela 3 em anexo.

⁹ Vide tabela 4 em anexo.

Geografia e na Pedagogia. No curso de Direito 97,6% dos alunos tem entre 19 e 22 anos. Esse número é de 78,0% dentre os estudantes de Medicina. No curso de Geografia, os alunos que têm entre 19 e 22 anos compreende um total de 54,2%, havendo uma maior heterogeneidade com relação à idade, com alunos de 34, 42 e até 50 anos, o que não ocorre nos cursos de Direito e Medicina. Na Pedagogia, observou-se que 49,0% dos estudantes estão na faixa etária entre 19 e 22 anos, mas é também o curso em que se constatou a maior heterogeneidade de idade, sendo que 46,7% dos alunos tem entre 23 e 41 anos, e 2,0% tem 45 anos. Esta maior heterogeneidade nos dois últimos cursos pode ser compreendida analisando-se o fato de constituírem cursos de licenciatura e noturnos, em que boa parte dos alunos são professores da rede pública de ensino, que buscam uma formação para atender aos critérios do Ministério da Educação, além de grande parte dos estudantes advirem de classes sociais que necessitam muito cedo trabalhar para garantir a formação educacional própria e/ou de outros membros da família.

Do total de alunos que responderam ao questionário, 87,0% são solteiros, 10,4% são casados e 2,6% divorciados. No curso de Direito 100% dos alunos são solteiros. Na Medicina, os solteiros constituem 97,4%, um aluno ou 1,3% é casado e mais um aluno ou 1,3% é divorciado. Dentre os estudantes de Geografia 70,8% são solteiros e 29,2% são casados. A Pedagogia é o curso que tem o menor número de solteiros, 67,3% e o maior número de divorciados, 8,2%, sendo que 24,5% dos alunos são casados¹⁰.

Com relação à moradia¹¹, 69,3% dos alunos questionados moram com a própria família composta, neste caso, pela presença do pai, da mãe, ou substitutos destes, e irmãos (quando for o caso). Este número é maior quando os cursos analisados são Medicina (77,9%) e Direito (78,6%), por se tratarem de cursos em que há um maior número de jovens entre 19 e 22 anos, membros de famílias com renda familiar mais alta que os outros dois cursos e que tem a possibilidade de prolongar sua dependência econômica dos pais por um período maior de tempo em favor dos estudos. O índice de alunos que ainda mora com a própria família é de 50,0% na Geografia e de 57,1% no curso de Pedagogia. Nestes últimos dois cursos há uma quantidade significativa de estudantes que dividem a moradia com cônjuge e filhos, este número é de 29,2% na Geografia e de 26,5% na Pedagogia. Isso porque é nestes dois cursos que se encontram o maior número de estudantes numa faixa etária acima de 23 anos, casados e que precisam trabalhar para garantir o próprio sustento e o da família.

¹⁰ Vide tabela 5 em anexo.

¹¹ Vide tabela 6 em anexo.

Com relação à situação do estudante em relação ao trabalho¹² 56,2% responderam que trabalham e 43,8% afirmaram que não trabalham. Nos cursos de Geografia e Pedagogia o número de estudantes trabalhadores é significativamente maior, chegando a 79,2% na Geografia e a 93,9% na Pedagogia. Certamente por serem cursos de licenciatura no período noturno, constituídos em grande parte por estudantes que trabalham durante o dia, na rede pública ou privada de ensino, e que necessitam da remuneração ao final do mês para contribuir na constituição da renda familiar. Já entre os estudantes de Direito (60,5%) e de Medicina (66,2%), há uma maior parcela que não trabalha, pois tem suas despesas integralmente sustentadas pela família e podem dedicar-se exclusivamente à graduação.

Dentre os alunos que trabalham, 41,2% do curso de Direito e 11,5% da Medicina contribuem para a renda familiar, sendo que 100% destes alunos contribuem apenas parcialmente para a constituição do total da renda familiar. O número de estudantes que trabalham e que contribuem na formação da renda familiar sobe para 68,4% na Geografia, sendo 92,3% destes contribuintes parciais, e para 80,4% na Pedagogia, sendo que destes, 78,4% contribuem parcialmente para o total da renda da família¹³.

Com relação ao total da renda familiar 69,0% dos estudantes de Direito constituem famílias em que a renda familiar é superior a R\$ 5.000,00 por mês, sendo que 21,4% destes tem renda familiar acima de R\$ 12.000,00. Na Medicina, 88,4% dos alunos vivem em famílias com renda familiar mensal superior a 3.000,00 e destes 35,1% tem renda familiar maior que R\$ 8.000,00 mensais. Nestes dois cursos o pai continua sendo o principal provedor da renda, 45,2% no Direito, e 41,5% na Medicina. Já nos cursos de Geografia e de Pedagogia o total da renda familiar mensal é consideravelmente menor na grande maioria das famílias. O curso de Geografia foi o que apresentou estudantes com a renda familiar mais baixa proporcionalmente, 66,6% tem renda familiar até R\$ 3.000,00 e destes, 54,1% das famílias tem renda até R\$ 1.600,00, tendo o pai e a mãe juntos (25,0%) ou o próprio estudante (25,0%) como os principais provedores da renda. Na Pedagogia 85,7% dos alunos constituem famílias em que a renda familiar é de até R\$ 3.000,00 por mês, sendo que destes 55,1% vivem com até R\$ 1.600,00 mensais e tem a mãe sozinha (22,4%), o pai somente (18,4%), o pai e a mãe em

¹² Vide tabela 7 em anexo.

¹³ Vide tabelas 8 e 9 em anexo.

conjunto (18,4%) ou o cônjuge (18,4%) como principais provedores da renda familiar mensal¹⁴.

No que se refere ao nível de escolaridade do pai e da mãe dos estudantes questionados¹⁵ 40,5% dos pais e 38,1% das mães dos alunos de Direito cursaram o ensino superior completo e 19,0% dos pais e 38,1% das mães destes estudantes possuem curso de pós-graduação. Dos estudantes de Medicina, 35,0% possuem pais e 41,5% possuem mães que concluíram o curso superior e 29,9% dos pais e 26,0% das mães cursaram pós-graduação. Da Geografia apenas 4,2% dos pais e 12,5% das mães dos estudantes cursaram o ensino superior completo e somente 4,2% dos pais e 4,2% das mães possuem curso de pós-graduação. A maior parte dos pais dos alunos de Geografia (41,7%) apenas concluíram o ensino médio e 54,2% das mães destes estudantes não concluíram nem o ensino fundamental. Dos alunos de Pedagogia apenas 4,1% dos pais concluíram um curso superior e 6,1% possuem pós-graduação e 38,8% dos pais destes alunos não concluíram o ensino fundamental. Apenas 8,2% das mães dos alunos de Pedagogia concluíram o ensino superior e 4,1% cursaram pós-graduação. A maior parte delas não concluiu nem o ensino fundamental (30,6%) ou concluíram apenas o ensino médio.

Quanto ao tipo de instituição de ensino em que estudaram a maior parte da vida¹⁶, 71,4% dos estudantes de Direito estudaram somente em escola privada e 16,7% estudaram a maior parte da vida em escolas privadas e apenas 2,4%, ou seja, um aluno estudou em escola pública. Dos estudantes de Medicina também 71,4% estudaram somente em escolas privadas, 18,2% a maior parte da vida em escolas privadas e somente 1,3% (1 aluno) cursou apenas escola pública. No curso de Geografia 58,3% dos alunos estudou apenas em escolas públicas e 12,5% em escolas privadas exclusivamente. Já 49,0% dos alunos de Pedagogia cursaram apenas escolas públicas, 20,4% estudou a maior parte da vida em escolas privadas e somente 6,1% cursou apenas escolas privadas.

Estes dados recolocam e revelam que a questão da formação educacional está diretamente relacionada às condições econômicas familiares, tais como a renda familiar, o nível de escolaridade dos pais, que por sua vez está intrinsecamente relacionada com a profissão dos pais, dentre outros. Famílias que tem pais com pouca instrução escolar, não tem empregos muito rentáveis, e assim não tem condições econômicas para investir muito na

¹⁴ Vide tabelas 10 e 11 em anexo.

¹⁵ Vide tabelas 12 e 13 em anexo.

¹⁶ Vide tabela 14 em anexo.

educação escolar dos filhos, que geralmente é fornecida por instituições privadas, etc. Pais pobres reproduzem, na maioria das vezes, filhos pobres.

No que se refere à religião 64,3% dos alunos de Direito afirmam ter uma religião e destes, 51,8% dizem freqüentar raramente e 37,0% freqüentam semanalmente a sua igreja. Dos estudantes de Medicina 79,2% dizem possuir uma religião, sendo que 39,4% destes freqüentam semanalmente e 31,1% freqüentam raramente a igreja. Na Geografia 66,7% dos alunos afirmam terem uma religião e destes 50,0% freqüentam semanalmente a igreja e 25,0% a freqüentam mensalmente. No curso de Pedagogia 91,8% dos estudantes afirmam possuírem uma religião, sendo que 55,6% destes freqüentam a igreja semanalmente e 56,7% a freqüentam raramente¹⁷.

Quando questionados se atualmente possuem algum relacionamento afetivo fixo 57,1% dos alunos de Direito responderam que sim, sendo que 100% destes namoram. Na Medicina 44,2% tem relacionamento afetivo atualmente e 97,1% destes namoram e apenas 2,9%, ou seja, um estudante é casado. Já na Geografia há um equilíbrio, sendo que 50,0% dos alunos tem relacionamento fixo e 50,0% não o tem. Dos estudantes que afirmam terem relacionamento afetivo fixo, 41,7% destes apenas namoram e 58,3% são casados. No curso de Pedagogia 69,4% responderam que possuem sim um relacionamento afetivo fixo e destes 66,7% é namoro e 33,3% é casamento¹⁸.

A diferença da quantidade de alunos que tem relacionamento fixo atualmente, no que se refere ao número de estudantes casados, entre os alunos de Direito e Medicina e os de Geografia e Pedagogia está vinculada à maior variação etária nos cursos de Geografia e Pedagogia, que possuem estudantes mais velhos, que trabalham, certamente para sustentar a família.

Em relação ao número de pessoas com as quais ‘ficou’ nos últimos 12 meses¹⁹ não houve grande discrepância dos resultados entre os cursos. Grande parte dos estudantes respondeu que ‘ficou’ apenas com uma pessoa 45,2% do Direito, 32,5% da Medicina, 45,8% da Geografia e 69,4% da Pedagogia, resultados que combinam com a resposta dos alunos que possuem relacionamento afetivo fixo atualmente.

¹⁷ Vide tabelas 15 e 16 em anexo.

¹⁸ Vide tabelas 17 e 18 em anexo.

¹⁹ Vide tabela 19 em anexo.

No Direito 28,6% responderam que ‘ficaram’ com entre 2 e cinco pessoas no último ano. Na Medicina este número foi de 35,1%, na Geografia 16,7% e na Pedagogia de 10,2%. Entre os que ‘ficaram’ com entre 21 e 30 pessoas no último ano Medicina apresentou 7,8%, ou seja, 6 alunos e Geografia 8,3%, embora este número represente apenas dois alunos.

Com base neste mapeamento das características constitutivas dos estudantes de cada uma das turmas, referentes aos quatro cursos elegidos para a consecução da coleta de dados da pesquisa, alcançou-se os seguintes critérios para a seleção dos oito sujeitos que participariam da próxima etapa da pesquisa e que davam conta das características mais gerais apontadas pela análise dos dados do questionário:

1. Estudantes dos quatro cursos, com idade entre 19 e 22 anos²⁰;
2. Todos cursando o quinto período de seus respectivos cursos;
3. Quatro alunos do sexo masculino e quatro do sexo feminino;
4. Dentre os alunos do sexo masculino, foram selecionados dois advindos de famílias com renda familiar alta e dois advindos de famílias com renda familiar baixa; sendo o mesmo critério utilizado para os sujeitos femininos, dois de família de baixa renda e dois de família com renda alta;
5. Dos dois sujeitos masculinos de renda familiar alta, selecionou-se um que havia ‘ficado’ com uma ou nenhuma pessoa no último ano e outro que houvesse ‘ficado’ 16 ou mais pessoas nos últimos 12 meses. Dos dois sujeitos advindos de famílias com baixa renda, selecionou-se um que havia ‘ficado’ com uma ou nenhuma pessoa no último ano e outro que tivesse ‘ficado’ com 16 ou mais pessoas no último ano. O mesmo critério foi aplicado para os sujeitos do sexo feminino.

Elencados estes critérios, separou-se do total inicial de sujeitos apenas os que atendiam a estas cinco caracterizações e organizou-se os sujeitos em oito grupos distintos, os quais deveriam estar contemplados na coleta de dados através de entrevista semi-estruturada, próxima etapa da pesquisa, realizada com um representante de cada um dos oito grupos:

1. Um estudante do sexo masculino, de renda familiar baixa, que ‘ficou’ com uma ou nenhuma pessoa no último ano;
2. Um estudante do sexo masculino, de renda familiar baixa, que ‘ficou’ com 16 ou mais pessoas no último ano;

²⁰ Critério referente à faixa etária onde se observou maior quantidade de estudantes (vide tabela 4 em anexo).

3. Um estudante do sexo masculino, de renda familiar alta, que ‘ficou’ com uma ou nenhuma pessoa no último ano;
4. Um estudante do sexo masculino, de renda familiar alta, que ‘ficou’ com 16 ou mais pessoas no último ano;
5. Um estudante do sexo feminino, de renda familiar baixa, que ‘ficou’ com uma ou nenhuma pessoa no último ano;
6. Um estudante do sexo feminino, de renda familiar baixa, que ‘ficou’ com 16 ou mais pessoas no último ano;
7. Um estudante do sexo feminino, de renda familiar alta, que ‘ficou’ com uma ou nenhuma pessoa no último ano;
8. Um estudante do sexo feminino, de renda familiar alta, que ‘ficou’ com 16 ou mais pessoas no último ano;

Tendo sido organizados os oito grupos de possíveis sujeitos para a realização da entrevista, entrou-se em contato com os estudantes e todos se disponibilizaram prontamente a participar de uma entrevista semi-estruturada, que foi a principal ferramenta de coleta de dados da pesquisa. Os resultados apreendidos pela aplicação do questionário e pela realização da entrevista fundamentaram a elaboração dos capítulos teóricos.

O capítulo I foi dedicado à construção teórica acerca dos processos de socialização e as principais instâncias de mediação da relação indivíduo-sociedade, sejam elas a família, os grupos, a indústria cultural e a religião. O capítulo II apresenta uma discussão sobre o tema da juventude, seu desenvolvimento histórico, suas formas de socialização e os diferentes tipos de relacionamento afetivo entre os jovens na atualidade. No capítulo III estão contidas a apresentação dos sujeitos, todos com nomes fictícios e, por último, uma síntese que relaciona os resultados obtidos e a discussão teórica empreendida nos capítulos anteriores na apreensão universal e singular dos sentidos que os jovens entrevistados produzem acerca dos relacionamentos afetivos. Esta derradeira parte do terceiro capítulo apresenta as principais tendências da constituição psicossocial do jovem contemporâneo apreendidas pela análise dos dados da pesquisa que, assim como o processo de construção da identidade deste jovem, não se apresentam de forma definitiva e conclusiva.

Capítulo I

Processos de socialização: indivíduo e sociedade

Indivíduo e sociedade são realidades que nem sempre existiram na forma como as conhecemos hoje. Tanto um quanto o outro se desenvolveram e se constituíram na tessitura do processo histórico que possibilitou a emergência e a consolidação do modo de produção capitalista. O indivíduo, aparentemente único, livre e soberano de si, responsável por suas escolhas e seu destino e, por outro lado, a sociedade, formada por diferentes classes sociais desenvolvidas a partir das relações sociais do trabalho, são novidades tão modernas quanto a cidade e o comércio. Na esteira da emergência destas novas realidades históricas e na tentativa de compreendê-las é que se desenvolvem também as ciências humanas e sociais. Embora algumas perspectivas da Psicologia e da Sociologia, enquanto emblemas destas modernas ciências, façam recair a ênfase ora sobre a centralidade do indivíduo e ora sobre a fundamental determinação da sociedade, há um esforço em conceber a constituição de indivíduo e sociedade enquanto uma relação de formação recíproca e inseparável (RESENDE, 2007).

Em sua aparência imediata, indivíduo e sociedade podem parecer, à primeira vista, realidades estanques e antagônicas, unidades isoladas e com objetivos contraditórios. Porém, tanto o indivíduo quanto a sociedade são realidades históricas que se constituem mutuamente, em uma relação complexa e tensa de dependência, na qual o indivíduo não pode prescindir da sociedade, nem tampouco esta existe independente daquele. É na relação indivíduo-sociedade que, tanto a sociedade, enquanto unidade das diversas objetivações individuais e o indivíduo, enquanto expressão subjetiva e singular do complexo social, se constituem conservando cada qual sua especificidade, sem dissolver-se um no outro. A dinâmica indivíduo-sociedade exige um incansável esforço teórico-intelectual que apreenda a unidade entre o geral e o particular. Adorno e Horkheimer, pensadores críticos da cultura e da razão moderna, apontam que

No seu mais importante sentido, entendemos por “sociedade” uma espécie de contextura formada entre todos os homens e na qual uns dependem dos outros, sem exceção; na qual o todo só pode subsistir em virtude da unidade das funções assumidas pelos co-participantes, a cada um dos quais se atribui, em princípio, uma tarefa funcional; e onde todos os indivíduos, por seu turno, estão condicionados, em grande parte, pela sua participação no contexto geral” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p. 25).

Nessa compreensão, indivíduo e sociedade, o que é objetivo e público e o que é subjetivo e privado, são realidades intrinsecamente relacionadas e que constituem uma à outra. Pensar a subjetividade sem referi-la às condições materiais nas quais se realiza, resulta em um entendimento abstrato do indivíduo particular. Ao mesmo tempo, o movimento racional de exaltação do social em oposição à singularidade individual, ressoa uma concepção parcial e vazia da realidade objetiva. “(...) o conceito puro de sociedade é tão abstrato quanto o conceito puro de indivíduo, assim como o de uma eterna antítese entre ambos” (ADORNO, 1973, p. 53).

Marx (1998) indica como premissa de toda a história da humanidade a existência de seres humanos viventes, que só puderam se distinguir dos demais animais através de sua apropriação e transformação da natureza a fim de satisfazer suas necessidades, produzindo seus próprios meios de existência. O homem se constitui na relação com a natureza e com outros homens, que lhe são iguais e diferentes. A atividade do homem em sua relação com a natureza constitui, para além do modo de produção material, a maneira como se produz a vida em todas as suas esferas. “O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção” (MARX, 1998, p. 11).

A relação indivíduo-sociedade se funda e se desenvolve nas relações materiais de produção, determinadas pelo modo de produzir a vida objetiva e subjetivamente e que encerra em si um processo histórico que articula passado, presente e futuro. Os processos de socialização são historicamente particulares a cada época e seu respectivo modo de organização social. Nas relações sociais de produção, o homem não age somente sobre a natureza, mas também sobre os outros homens, com os quais ele estabelece uma relação de interdependência não só no momento da produção material, mas também na troca, no consumo, no lutar, no amar, no sofrer, no divertir-se. Marx (s/d) aponta que as relações sociais de produção transformam-se com as mutações e o desenvolvimento dos meios materiais de produção e das forças produtivas.

Em sua totalidade, as relações de produção formam o que se chama de relações sociais, a sociedade e, particularmente, uma sociedade num estágio determinado de desenvolvimento histórico, uma sociedade com um caráter distintivo, peculiar. A sociedade antiga, a sociedade feudal, a sociedade burguesa são conjuntos de relações de produção desse gênero e, ao mesmo tempo, cada uma delas caracteriza um estágio particular de desenvolvimento na história da humanidade (MARX, s/d, p. 69).

Ao colocar-se no mundo, imprimindo nele marcas humanas e o modificando conforme sua necessidade, o homem constitui o *trabalho* enquanto atividade fundamentalmente

humana. Trabalho é externalização, objetivação da natureza particular de cada homem na história. E neste sentido genérico, o trabalho é a atividade humana que possibilita o reconhecimento do sujeito em sua própria produção e se constitui assim, condição ontológica, possibilidade de ser do homem e que carrega consigo atributos de universalidade. O trabalho, nessa perspectiva, cria e recria a história. Ele é o alicerce, a determinação fundamental da sociedade capitalista (MARX, 2004). Todo o campo da sociabilidade está crivado pela categoria lógica e histórica do trabalho. Voltemo-nos então aos desenvolvimentos e peculiaridades do trabalho no mundo moderno.

Nesse sentido mais geral, o trabalho se relaciona com a atividade produtiva, com a transformação que o homem realiza no mundo objetivo e na natureza. O trabalho é a forma humana de existência, condição ontológica essencial da “humanidade do homem”, cuja constituição só se efetiva pela sua relação com a natureza, com a objetividade, mediação fundamental. Este é o fator absoluto da condição humana: sem a objetivação da subjetividade, sem as transformações da natureza realizadas pela atividade produtiva, o modo humano de existência é irrealizável (RESENDE, 2009).

A partir do momento histórico particular em que se constrói o modo capitalista de produzir a vida, o trabalho desenvolve-se numa relação direta com a propriedade privada e o capital. Tendo como finalidade última o salário para o proletário e o lucro para o capitalista, a produção realiza-se agora como um meio de sobrevivência do homem. O reconhecimento subjetivo que a objetivação humana possibilitava já não se efetiva mais enquanto um movimento de unidade e totalidade entre o homem e a natureza. O processo é cindido, pois ao trabalhador já não mais pertence o produto de seu trabalho, que se materializou em propriedade privada à qual corresponde um valor também material e do qual somente uma ínfima parcela é acessível ao produtor no final do mês, e assim “o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz” (MARX, 2004, p. 80).

Marx (2004) aponta que o trabalho, que antes se concretizava numa objetivação real do homem, converte-se, no capitalismo, pura e simplesmente em um ato de exteriorização, de venda, materialidade oca de sentido para o sujeito. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou no objeto, se fez coisa, estranha e alheia a seu produtor, o homem. Porém este estranhamento não se encerra apenas no produto final, mas, antes e principalmente, no processo produtivo mesmo, na exteriorização da atividade e mais, em todas as esferas da vida do homem, em todas as relações sociais em que se objetiva.

O trabalho nesta sociedade está obstaculizado em sua possibilidade de reconhecimento e, portanto, de instrumento formador e impulsionador da autonomia humana. Faz-se urgente refletir que conseqüências as condições objetivas de trabalho implicam na

constituição da subjetividade do homem contemporâneo (MARX, 2004). O processo de fissura e individualização da cadeia produtiva se desenvolveu a tal ponto que, atualmente, é possível, e até bastante corriqueiro, que o trabalhador não estabeleça nenhum tipo de relacionamento em seu ambiente de trabalho que não seja com seu principal e imprescindível meio de produção: a máquina.

O trabalho, em seu sentido geral de objetivação humana, forma, pois, não só capital, mas, sobretudo, produz e reproduz as relações sociais que constituem tanto o indivíduo em sua particularidade, quanto a sociedade, no que ela tem de universal (MARX, 2004). O trabalho socializa e, ao se constituir determinação fundamental da sociedade capitalista, determina também todos os outros campos de mediação da sociabilidade humana. O trabalho atravessa e forma todas as esferas da vida em que os homens se relacionam, inclusive a família, a religião, a escola, dentre outras.

Pois primeiramente o trabalho, a *atividade vital*, a *vida produtiva* mesma aparece ao homem apenas como um *meio* para a satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. A vida produtiva é, porém, a vida genérica. É a vida engendradora de vida. No modo da atividade vital encontra-se o caráter de uma species, seu caráter genérico, e a atividade consciente livre é o caráter genérico do homem. A vida mesma aparece só como *meio de vida*. (...) O objeto do trabalho é portanto a *objetivação da vida genérica do homem*: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectualmente, mas operativa, efetivamente, contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele (MARX, 2004, p. 84-5).

A tendência do pensamento científico em considerar o indivíduo como uma unidade indivisível, singular e que se assemelhava aos demais apenas no ideal de se constituir um ser autônomo e livre, foi na verdade uma concepção imprescindível à engrenagem do modo de produção capitalista, ao qual era condição necessária a existência de homens dispostos a vender sua força de trabalho para que a sociedade burguesa mercantil se desenvolvesse.

Embora sofra modificações de acordo com o modo de produção em que se desenvolve, em todos os tempos, passados e vindouros, a relação indivíduo e sociedade há de ser sempre uma relação mediada, de reciprocidade, de síntese e também de conflito, de tensão. O indivíduo não é influenciado pela sociedade, já que influência pressupõe uma relação de externalidade. A mediação não é um terceiro elemento que realiza uma ligação, uma união entre indivíduo e sociedade. O indivíduo é a sociedade e a sociedade é o indivíduo, resguardados os limites e especificidades de cada uma destas realidades históricas.

As instâncias mediadoras mais importantes na constituição da sociabilidade contemporânea são a família, os grupos, a religião, a escola, os meios de comunicação. Todas

estas esferas de mediação são determinadas pela forma social do trabalho, determinação primordial na sociedade capitalista. Desta forma, são mediações que se produzem em uma realidade histórica que se esconde ao se mostrar, ocultando que suas raízes brotam de relações sociais de produção decompostas em partes específicas e diferenciadas, que não possibilitam aos sujeitos trabalhadores reconhecerem-se na totalidade da produção. Voltemo-nos agora a estas esferas de mediação entre indivíduo e sociedade nos processos de socialização, desvelando e compreendendo sua real constituição histórica e social.

1.1 – Instâncias de mediação na constituição psicossocial de indivíduo e sociedade

A família nem sempre estruturou-se da forma como a conhecemos atualmente: pai, mãe e filhos, onde esposo e esposa fazem um acordo legal de fidelidade e, portanto de exclusividade afetiva e sexual; no qual o pai é o principal (quando não o único) provedor da renda familiar e, por isso, deve ser respeitado piamente por mulher e filhos; no qual a mulher é mãe e esposa e, neste sentido, responsável pelos cuidados domésticos e pelo cultivo de uma educação pautada no carinho e no amor entre os membros familiares, além de muitas vezes engajar-se também no mercado de trabalho, buscando complemento para a renda da família e realização profissional. Esta forma de organização familiar – nuclear, patriarcal e monogâmica – emerge constituindo e sendo constituída pelas condições históricas que possibilitaram o desenvolvimento da sociedade burguesa moderna (ADORNO E HORKHEIMER, 1973).

De acordo com a tese marxista, na qual muitos teóricos se fundamentam, quanto mais se recua na história, mais o grupo familiar aparece indissociado do todo social e menos seus membros são conhecidos pelo sobrenome que possuem mas, sobretudo, pela função social que exercem na comunidade. O sentido público da vida social, vivenciada em todas as suas esferas na comunidade, sobrepujava a necessidade de privacidade, e, neste sentido, família ainda não era sinônimo de laços restritos de intimidade e cumplicidade.

A vida no passado, até o século XVII, era vivida em público: apresentamos vários exemplos desse domínio da sociedade. As cerimônias tradicionais que acompanhavam o casamento, e que eram consideradas mais importantes que as cerimônias religiosas, como a bênção do leito nupcial, a visita dos convidados aos recém-casados já deitados, as brincadeiras durante a noite de núpcias, etc., são uma prova do direito da sociedade sobre a intimidade do casal. Porque haveria alguma objeção, se na realidade não existia quase nenhuma intimidade, se as pessoas viviam misturadas umas com as outras, senhores e criados, crianças e adultos, em casas permanentemente abertas às indiscrições dos visitantes? A densidade social não deixava lugar para a família. Não que a família na existisse como realidade vivida: seria paradoxal contestá-la. Mas ela não existia como sentimento ou como valor (ARIÈS, 2006, p. 190-191).

A concepção de família como um núcleo relativamente fechado e independente da sociedade é tão moderna quanto as noções de indivíduo e sociedade, tal como as compreendem hoje as ciências humanas e sociais. No entanto, essa aparente dissociação entre assuntos familiares e interesses sociais é falsa, e Adorno e Horkheimer (1990) foram teóricos que se debruçaram sobre o desenvolvimento histórico da família e se ocuparam dessa desmistificação e da apreensão do caráter contraditório da família burguesa.

Na história, a família apresenta-se primeiro como uma relação espontânea e natural que, depois, vai se diferenciando até chegar à moderna monogamia e, em virtude desse processo, cria uma área distinta, que é a das relações privadas. (...) Na verdade, a família não só depende da realidade social, em suas sucessivas concretizações históricas, mas também está socialmente mediatizada, mesmo em que estrutura mais íntima (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p. 133).

O sentimento de família se estendeu à medida que a sociabilidade se retraiu. A família tornou-se uma sociedade restrita e fechada, na qual seus poucos membros se apazem em permanecer e compartilhar a intimidade da vida privada, em lugar das anteriormente valorizadas relações comunitárias de vizinhança, de amizade e de tradições populares. A história das relações sociais desvenda-se, em parte, pela compreensão desse insistente esforço do indivíduo para se separar dos outros, para se afastar de uma comunidade cuja pressão não pôde mais suportar. “Toda a evolução de nossos costumes contemporâneos torna-se incompreensível se desprezamos esse prodigioso crescimento do sentimento da família” (ARIÈS, 2006, p. 191).

Este sentimento de reconhecimento e pertença a um grupo que, cada vez mais se restringia e se fechava em sim mesmo, crescia paralelo a uma crescente privatização da afetividade e da sexualidade. A regulamentação das relações sexuais orientada pelos princípios da exclusividade e da fidelidade a um único parceiro, como passa a ser estatuto para as uniões legais do novo modelo familiar no mundo ocidental capitalista, é condicionada pelas determinações econômicas e foi, em parte, socialmente imposta. Horkheimer (1990) afirma que é com essa restrição da sexualidade que nasce o amor romântico, outro fenômeno herdeiro do modo de produção burguês, embora seja ideologicamente tratado, por poetas e amantes, como sendo natural e universal. O atrelamento entre prazer sexual e afeto, entre lealdade e compromisso não é de modo algum um dado natural, mas um processo que se desenvolveu historicamente relacionado às condições materiais de produção (HORKHEIMER, 1990).

De acordo com Horkheimer (1990), as condições materiais de produção sofreram um processo de sistematização e endurecimento a partir do capitalismo. O autor afirma que a

família desenvolveu muito eficazmente a função de apascentar e acostumar o indivíduo a não se desesperar diante da rígida e severa nova disciplina de trabalho que se alastrava pelo ocidente. A família cumpriu a tarefa de educar seus membros para o comportamento autoritário, em uma sociedade que exigia o constante vigor e disposição para o trabalho pesado, associados à fria impiedade contra o próprio sofrimento e contra o dos outros.

A família cuida, como uma das componentes educativas mais importantes, da reprodução dos caracteres humanos tal como os exige a vida social, e lhes empresta em grande parte a aptidão imprescindível para o comportamento especificamente autoritário do qual depende amplamente a sobrevivência da ordem burguesa (HORKHEIMER, 1990, p. 214).

Horkheimer (1990) compreende a autoridade como uma categoria histórica e que se desenvolveu atrelada ao desenvolvimento da família. O repúdio hostil e radical a qualquer autoridade tradicional que não se fundamentasse na razão, foi um dos princípios basilares do projeto iluminista, movimento artístico e filosófico ocorrido em meados do século XVIII. O Iluminismo se contrapunha radicalmente aos ditames religiosos e irracionais que tradicionalmente organizavam a vida social no período medieval e defendia a universalização da razão como a possibilidade que todos os homens, sem exceção, tinham de conhecer todo e qualquer objeto do conhecimento. Além disto, apostava na idéia de que este esclarecimento resultaria em emancipação e progresso para a humanidade. Para os iluministas, a razão é que deveria ser a autoridade, que iluminaria e libertaria os homens das trevas de uma dominação “natural” e aprovada pelos céus (HORKHEIMER, 1990).

O pensamento burguês tem início como luta contra a autoridade da tradição e contrapõe-lhe a razão de cada indivíduo como fonte legítima de direito e verdade. Ele termina por divinizar a mera autoridade como tal, que é tão vazia de conteúdo como o conceito de razão, desde que justiça, felicidade e liberdade deixaram de ser para a humanidade palavras de ordem históricas (HORKHEIMER, 1990, p. 195).

Era necessário superar crenças, valores, preconceitos tradicionais, pois a tradição impedia o livre conhecer e, portanto, tinha como conseqüência um conhecimento errôneo, falso, baseado na explicação divina. A tradição também precisava ser submetida ao tribunal da razão! Entretanto, no lugar da exploração direta e escancarada, legitimada na transparente relação de autoridade entre senhor e servo, os ideais iluministas de *liberdade, igualdade e fraternidade* decretaram o fim da dominação explícita da maioria dos homens por uma minoria privilegiada e fizeram recair sobre o indivíduo a responsabilidade pela concretização da sua liberdade (ADORNO E HORKHEIMER, 1985).

Se a liberdade passava a ser atributo interno ao sujeito e anterior a qualquer ação, não constituía nenhuma privação de liberdade sujeitar-se à rígida jornada de trabalho ordenada

pelo patrão, já que a exploração do corpo e da força vital, propriedades físicas do trabalhador, em nada afetavam sua possibilidade de sentir-se livre. O espírito livre devia ser aquele capaz de se desprender e se sobrepor à dominação material. No entanto, aponta Horkheimer (1990), o indivíduo moderno se deparou com sua real condição de solidão; ele estava só no mundo e tinha que submeter-se ao trabalho assalariado se não quisesse perecer. “As próprias condições se tornaram autoritárias” (p. 199).

Até o modo de produção feudal, a autoridade do pai sobre sua família era transparente, a função e a pessoa não se separavam. O pai era o mestre. Com a revolução industrial, a relativa auto-suficiência da família tende a desagregar-se. O pai passou a ausentar-se, pois o local de trabalho deixou de coincidir com o de habitação e sua autoridade na dinâmica social passava a nem sempre coincidir mais com o poder doméstico. O pai deixava em casa esposa e filhos e partia diariamente para sua dura jornada de horas e horas de trabalho árduo, no qual não mais se reconhecia e nem se realizava, pois foi apartado do processo produtivo como um todo e, do produto final de seu esforço, apenas recebia uma mínima parte em forma de salário ao final de um mês de trabalho (HORKHEIMER, 1990).

A autoridade submeteu-se à hierarquia de classes: passou do patrão ao pai e deste à esposa/mãe e aos filhos. Em contrapartida, o pai tinha de continuar sendo autoridade em seu lar. É em função de seu lugar de autoridade incontestável no seio familiar, que o pai constituirá modelo, para os filhos, da moralidade e dos valores avalizados socialmente. É através do pai que a autoridade passará a surgir como algo natural e eterno. Foi pela mediação da família monogâmica burguesa que o indivíduo se tornou filho da sociedade civil. Neste sentido, considera Horkheimer (1990), a família constitui-se a mediação que assegura a educação do homem para a autoridade.

Devido à aparente naturalidade do poder patriarcal, que se origina da dupla raiz de sua posição econômica e sua força física juridicamente secundada, a educação na família pequena constitui uma excelente escola para o comportamento autoritário nesta sociedade. (...) Graças à divisão espaço-temporal entre vida profissional e familiar, todo pai burguês, mesmo que na vida social ocupe uma posição mesquinha e tenha de curvar o espinhaço, pode agora aparecer em casa como senhor e exercer a função sumamente importante de acostumar os filhos à humildade e obediência (HORKHEIMER, 1990, p. 220-1).

A família nuclear burguesa desempenha, deste modo, seu papel contraditório no desenvolvimento da sociedade capitalista: ela representa o primeiro meio de socialização, de internalização pelo indivíduo de valores e normas morais. Além disto, constitui também o locus onde se dá a glorificação, a reificação da autoridade paterna, a fixação dos papéis masculinos e femininos e, por fim, a aceitação e submissão à relação de autoridade em geral.

Embora, em sua essência, o aconchego e a paz encontrados no convívio familiar aparentemente divirjam da racionalidade econômica da exploração e da concorrência em prol do lucro sempre maior, característica das relações sociais de produção no capitalismo, a dinâmica da família é inteiramente dependente e determinada pela dinâmica social (HORKHEIMER, 1990).

Adorno e Horkheimer (1973) afirmam que é o antagonismo próprio da sociedade capitalista que produz a dinâmica contraditória constituinte da família enquanto instância mediadora da relação indivíduo-sociedade. Partindo dessa compreensão, descobre-se que a crise e o declínio da instituição familiar, da qual tratam diversos estudos atuais, são, na verdade, originadas e determinadas pela produção social da vida. É a sociedade burguesa que está em crise. A partir da popularização do divórcio, por exemplo, “os indivíduos tornam-se substituíveis, como na vida profissional, na qual se abandona um cargo quando um outro melhor se lhes oferece” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p. 142). E é neste sentido ainda que os autores afirmam que

É ilusório pensar que se possa realizar uma família de pares e iguais numa sociedade em que a humanidade não é autônoma e na qual os direitos humanos ainda não tenham sido realizados numa medida mais concreta e decisiva que a atual. (...) A família sofre com isso, como qualquer particular que aspira a sua própria emancipação; não haverá emancipação da família se não houver a do todo (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p. 147).

A consequência fundamental desta submissão das relações intrafamiliares à lógica do mercado é a produção de sujeitos acessíveis e adaptáveis aos processos de expropriação e domínio objetivo e subjetivo de uma cadeia produtiva fragmentada e que pouco faz além de alienar do trabalhador a sua possibilidade de reconhecimento na universalidade. A cada nova geração, saem de suas casas sujeitos cada vez mais pobres material e intelectualmente e que, contraditoriamente, geram cada vez menos resistência e perigo à manutenção da exploração consciente no capitalismo²¹.

Para Horkheimer (1990) a família cumpre sua função de refúgio, de paraíso próprio e perfeito para o descanso da estressada e fadigosa rotina de trabalho e, além disto, funciona também como tempo e espaço instituídos e apropriados para a fruição afetiva e o gozo sexual. Ao cumprir essas funções, possibilita uma conciliação do indivíduo com a estrutura social,

²¹ O desenvolvimento da família nessa relação com o trabalho nos últimos séculos preconizou a debilitação do poder do indivíduo, isolado e impotente, obrigado a aceitar as condições do mundo da produção e submeter-se aos propósitos do capital. Sedimentada nos objetivos sociais, portadora de relativa autonomia e capacidade de resistência, a instituição familiar tende a suportar a restrição do domínio da vida pública e a reduzida capacidade de interferir na realidade (QUEIROZ, 2008, p. 64).

pois a família, que poderia ser um lugar de contraposição e de resistência à engrenagem do capital, afaga e torna inócua qualquer chance de luta do indivíduo contra a reificação totalizante. O amor romântico afasta o casal da coletividade à medida que se voltam e se fecham para a afeição mútua e exclusiva. O amor materno, que é tomado como instintivo e incondicional, transforma a família em um ninho de afetividade e aconchego e arranca as mulheres da participação na vida coletiva. E o afável e confortável seio familiar se converte, neste sentido, em mais um obstáculo cerceador da emancipação humana.

Entretanto, esta mesma relação de dependência recíproca, fundamentada no amor e no cuidado mútuos, na possibilidade de expressão dos desejos, frustrações e conflitos individuais, transforma a família em um espaço que ainda se diferencia da lógica da racionalidade técnica de mercado. A família é, dentre todas as instituições fundamentais na constituição do indivíduo e da sociedade, a que mais fortemente resiste às mudanças e à universalização total do social sobre o particular. Neste sentido, as relações familiares consolidam-se, contraditoriamente, como possibilidade de reconhecimento do outro, constituindo-se, deste modo, em um espaço em que a resistência à pressão social ainda pode engendrar-se (HORKHEIMER, 1990).

A transformação da família na travessia dos séculos se deu diretamente relacionada ao desenvolvimento histórico da autoridade. A passagem que tornou possível a transição de uma relação de autoridade pautada pela clara e incontestável subserviência do servo ao senhor, que se realizava sob uma coação imediata e consciente à moderna relação de autoridade que, mediada pela razão, subordina a dinâmica familiar à ordem do capital, se efetiva por uma coerção não evidente que invoca o direito individual à liberdade de pensar e agir e naturaliza assim a autoridade enquanto tal, é tributária à internalização da autoridade do pai resultante do processo de desenvolvimento e formação do aparelho psíquico (HORKHEIMER, 1990).

Por meio de uma consistente e aprofundada análise da constituição psíquica do indivíduo, a psicanálise freudiana apresenta-se como contribuição fundamental à compreensão deste processo de internalização da autoridade paterna na modernidade. Ao analisar como se desenrola este processo de subjetivação da autoridade e sua centralidade na constituição do aparelho psíquico, Freud retomou em seus estudos o processo civilizatório que possibilitou e ainda possibilita a socialização do homem. Dois conceitos da teoria freudiana são fundamentais ao entendimento de sua concepção da psicologia humana: *repressão e identificação*. Freud (1927) aponta a repressão como condição necessária à

formação da civilização, pois é pela efetivação do processo repressivo que os desejos individuais mais primitivos são interditados e o animal homem pôde e pode se humanizar e assim conviver socialmente com outros homens.

Em seu texto *'O Futuro de uma Ilusão'* (1927), Freud teoriza sobre a constituição da civilização humana e afirma que esta se funda através da coação da satisfação individual, quando esta aparece como antagonista ao bem estar social. Esse mecanismo se faz necessário porque o processo civilizatório se apresenta ao indivíduo como um “pesado fardo”, que lhe impõe sacrifícios e renúncia. Viver em comunidade, se deparar com um outro indivíduo, que pode aparecer tanto como possibilidade de realização, quanto como de interdição do desejo, encarar o poder grandioso da natureza, a fragilidade do corpo humano e, além do mais, ter que aceitar e se adequar aos regulamentos que visam ajustar os relacionamentos entre os seres humanos na família, no Estado e na sociedade. Tudo isso implica, ao mesmo tempo, renúncia e desamparo ao indivíduo, que deve encarar esse processo com resignação, em prol de um bem maior, a vida em civilização.

É digno de nota que, por pouco que sejam capazes de existir isoladamente, sintam, não obstante, como um pesado fardo os sacrifícios que a civilização deles espera, a fim de tornar possível a vida comunitária. A civilização, portanto, tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa. Visam não apenas a efetuar uma certa distribuição da riqueza, mas também a manter essa distribuição; na verdade, têm de proteger contra os impulsos hostis dos homens tudo o que contribui para a conquista da natureza e a produção de riqueza (FREUD, 1927/1996, p. 16).

A cultura, para Freud, se alicerça então sobre a proibição de desejos individuais, pois a satisfação destes tornaria impossível a convivência civilizada com outros homens. “Fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção” (FREUD, 1927/1996, p. 16). Esse poder e coerção se expressam na cultura por meio das instituições sociais, que têm como objetivo organizar e regulamentar as relações entre os homens. Esta organização se apresenta como fundamental porque, além do mais,

(...) existem duas características humanas muito difundidas, responsáveis pelo fato de os regulamentos da civilização só poderem ser mantidos através de certo grau de coerção, a saber, que os homens não são espontaneamente amantes do trabalho e que os argumentos não têm valia alguma contra suas paixões (FREUD, 1927/1996, p. 18).

O superego se apresenta, então, como uma conquista nesse embate entre indivíduo e civilização, pois é pelo desenvolvimento desse agente psíquico que os regulamentos e valores sociais, responsáveis pela coerção dos instintos e conseqüente manutenção da vida em

comunidade, deixam de ser apenas externos, alheios ao sujeito, passando a ser também internalizados, constituindo parte da formação psíquica humana.

Acha-se em consonância com o curso do desenvolvimento humano que a coerção externa se torne gradativamente internalizada, pois um agente mental especial, o superego do homem, a assume e a inclui em seus mandamentos. Toda criança nos apresenta esse processo de transformação; é só por esse meio que ela se torna um ser moral e social. Esse fortalecimento do superego constitui uma vantagem cultural muito preciosa no campo psicológico. Aqueles em que se realizou são transformados de opositores em veículos da civilização (FREUD, 1927/1996, p. 21).

Com o desenvolvimento do superego, instância psíquica formada a partir da relação do ego com a realidade externa coercitiva, as ações do sujeito deixam de ser controladas pelo seu medo da punição e da perda do amor da autoridade externa, isso porque o superego é o representante psíquico da autoridade no indivíduo. A partir dessa substituição pela introjeção “a distinção entre fazer algo mau e desejar fazê-lo desaparece inteiramente, já que nada pode ser escondido do superego, sequer os pensamentos” (FREUD, 1930/1996, p. 129). Desse modo, a renúncia ao instinto, que até então era efetuada devido ao medo de uma autoridade, consolida-se agora com o medo do superego, que mantém constante vigilância sobre as ações e intenções do ego, julgando-o e punindo-o quando necessário com um ‘sentimento de culpa’.

Quanto ao medo do superego, porém, o caso é diferente. Aqui, a renúncia instintiva não basta, pois o desejo persiste e não pode ser escondido do superego. Assim, a despeito da renúncia efetuada, ocorre um sentimento de culpa. [...] Uma ameaça de infelicidade externa – perda de amor e castigo por parte da autoridade externa – foi permutada por uma permanente infelicidade interna, pela tensão do sentimento de culpa (FREUD, 1930/1996, p. 131).

Pode-se afirmar então que o superego é o representante da cultura no indivíduo. E a cultura, por sua vez, constitui para o indivíduo o que Freud denomina de ‘superego cultural’ que, com suas leis e normas regula os relacionamentos entre os indivíduos de uma comunidade, em um dado momento da História. “O superego de uma época da civilização tem origem semelhante à do superego de um indivíduo. Ele se baseia na impressão deixada atrás de si pelas personalidades dos grandes líderes (...)” (FREUD, 1930/1996, p.144). Ao inserir o conceito de superego no plano da cultura e da História, Freud destitui seu pensamento de uma concepção dicotômica entre indivíduo e civilização, por entender que, apesar de possuírem interesses e objetivos distintos, ambos compreendem uma relação de constituição e, portanto, não se separam.

Nos primórdios da infância, o próprio pai constitui para a criança uma fonte de perigo e, portanto de temor, certamente por causa do relacionamento afetivo anterior desta com a mãe, “assim ela o teme tanto quanto anseia por ele e o admira”. (FREUD, 1927/1996, p. 32). Isso acontece porque, ao desejar *ter* a mãe, tomando-a como objeto de amor, a criança

identifica-se com o pai, desejando *ser* o pai, mas também o odiando, pois ele é quem efetivamente tem o amor da mãe. “A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém” (FREUD, 1921/1996, p. 115).

Na concepção de Freud, o indivíduo não tem existência em si. O indivíduo se confronta objetiva e subjetivamente com outros indivíduos e com outros objetos externos aos quais se abre, enquanto modelos de identificação. Através do processo inconsciente de identificação há um esforço no sentido de moldar o próprio ego pela introjeção de características daquele que foi tomado como modelo. Nessa passagem, a figura externa, que era responsável pela função de proteger e cuidar da criança indefesa, é desprovida de suas responsabilidades, já que agora o indivíduo deve enfrentar as adversidades do mundo por conta própria, à luz do modelo internalizado (FREUD, 1921/1996).

Da ambivalente relação da criança com pai e mãe no aconchego familiar constitui-se o complexo de Édipo, que realiza de forma definitiva e necessária um disciplinamento e inibição das pulsões sexuais infantis, que não mais poderão satisfazer-se na relação familiar e também inscreve a criança na organização moral indispensável ao convívio em sociedade. A internalização dos preceitos e regulações que regem moralmente as relações sociais se efetiva na relação de autoridade que a criança estabelece com o pai, a quem obedece respeitosamente e que na sociedade moderna, entrega sua força e sua vida ao trabalho fragmentado e alienante. O capital e as leis da economia passam, assim, ao status de autoridade central nesta sociedade (HORKHEIMER, 1990).

Porque, então, o poder econômico e educativo do pai é, de fato, nas circunstâncias dadas, indispensável para os filhos, porque na sua função educativa e administrativa, mesmo na sua rigidez, até a transformação da sociedade inteira, se impõe uma real necessidade social, embora de maneira problemática, assim também no respeito dos seus filhos não se pode separar o elemento racional do irracional, e a infância, na família pequena, converte a autoridade num hábito, que une de forma imperceptível a execução de uma função social qualificadora com o poder sobre as pessoas (HORKHEIMER, 1990, p. 221).

Para Freud, portanto, o homem se humaniza nessa relação tensa com a natureza, com outro homem e com as limitações e obrigações que estas lhe impõem, fato que não invalida a possibilidade da vida em civilização enquanto uma conquista da humanidade. Mas essa conquista tem um preço a ser pago. Como a cultura se alicerça na repressão dos desejos, as possibilidades de felicidade e liberdade individual acabam tornando-se restritas, em prol da sobrevivência do grupo. A cada nova criança que nasce, reproduz-se insistentemente o duelo entre as urgências pulsionais, que pelejam irracionalmente pela satisfação prazerosa a

qualquer custo, e as forças moralizantes da sociedade, que objetivam o arrefecimento e a adaptação das pulsões aos interesses da vida social.

A partir das construções teóricas freudianas, a família pôde ser compreendida como uma instância que constitui-se, neste embate entre indivíduo e sociedade, em uma mediação fundamental no processo de socialização, pois da relação edipiana do triângulo mãe-filho-pai decorre a formação do superego, responsável pela internalização da autoridade no indivíduo. E assim, a coação não necessita mais ser externa e violenta, pois a autoridade se inscreve sutil e livremente na dinâmica psíquica dos sujeitos que aderem sem nenhuma resistência e estranhamento à constante pressão do todo social.

A par da diversidade de reestruturações e modificações que a organização familiar sofreu ao longo do desenvolvimento histórico²², a família ainda continua sendo uma fundamental instância de mediação da socialização da criança e do jovem, justamente por sua imprescindível importância na estruturação psíquica, anteriormente discutida com base nas fundamentais contribuições freudianas e de Adorno e Horkheimer.

A intrínseca relação da família com outras, também relevantes, esferas socializadoras como a religião e a indústria cultural, por exemplo, deve ser apreendida e analisada no movimento que busca a compreensão da constituição psicossocial da juventude contemporânea. Uma das características que mais surpreendem em pesquisas atuais acerca de uma juventude, aparentemente liberal e desprezada de tradicionalismos, é a sua marcante constituição conservadora e referida a valores tradicionais. Freud lança luz sobre a indissociável relação entre a dinâmica familiar e alguns fundamentos religiosos, importante para a apreensão da religião enquanto uma instância mediadora em que se dá a continuidade da autoridade paterna constituída no seio familiar.

Em *Totem e tabu*, Freud (1913/1996) recorre a uma série de estudos antropológicos e etnológicos na tentativa de apreender alguns pontos que possibilitassem uma relação entre a

²² O modelo de família patriarcal, nuclear e monogâmico não impera mais com exclusividade na atualidade. O desenvolvimento histórico das relações sociais possibilitou transformações na organização familiar, tais como a popularização do divórcio e dos métodos contraceptivos; a revolução sexual e o movimento feminista, que permitiram um significativo crescimento da participação social da mulher; os avanços da medicina e da ciência genética, que desenvolvem a cada dia novas possibilidades de concepção e de gestação planejadas e controladas. Tudo isso contribuiu para a emergência de novos e diversos formatos familiares: monoparentais, biparentais, multiparentais, co-parentais, etc. Neste sentido, a família se rearranja na tentativa de encontrar novas formas de enfrentamento das condições e adversidades com que se depara no seu confronto com a sociedade (QUEIROZ, 2008).

organização familiar, social e religiosa dos povos primitivos e a vida mental dos neuróticos modernos. De Darwin, Freud (1913/1996) retoma a hipótese de que os seres humanos originalmente viviam em pequenas hordas, cada qual sob o governo despótico de um macho mais velho, senhor e pai de toda a horda, que tinha o poder de se apropriar de todas as fêmeas e de castigar ou se livrar dos machos mais novos, inclusive dos filhos. De Atkinson, tomou emprestada a idéia de que esse sistema patriarcal levou a cabo uma reunião dos machos filhos que se rebelaram contra o pai supremo, matando-o e devorando-o em comunidade. Fundamentando-se na teoria totêmica de Robertson Smith, Freud (1913/1996) afirma que, posteriormente ao assassinato do pai, a horda paterna cedeu lugar ao clã fraterno totêmico, no qual os irmãos vitoriosos renunciaram à posse das mulheres pela qual, afinal, haviam matado o pai e instituíram o tabu do incesto e a exogamia como regras que permitiriam a convivência pacífica entre os irmãos, que agora deveriam guiar-se independentemente, sem os desígnios paternos. O poder paterno foi rompido e as famílias passaram a se organizar em matriarcado.

O totemismo, apontado por antropólogos como a forma mais primitiva de religião que se tem notícia, era constituído por uma série de regulamentos e proibições que não tinham outra significação que não a renúncia instintual necessária à manutenção da ordem familiar após a morte do pai. Exigia-se dos irmãos a adoração ao totem, que proibia qualquer dano ou a morte do animal totem, exceto na ocasião do banquete totêmico; a exogamia e a proibição do incesto, que representaram a renúncia a relacionamentos sexuais com as desejadas mães e irmãs da horda; a concessão de direitos iguais a todos os membros da aliança fraterna, que significou a proibição da rivalidade violenta e do homicídio entre os irmãos. Nestas restrições, Freud (1913/1996) assinala os primórdios de uma ordem moral e social.

Um animal poderoso e imponente era eleito como o substituto e representante simbólico do pai que haviam assassinado. De tempos em tempos, realizava-se o banquete totêmico no qual o animal totem era sacrificado e devorado. A cerimônia realizava-se em momentos de luto e lamento pela morte do totem, em contraste com períodos de celebração e festa, em que comemoravam a morte do pai que possibilitou a liberdade dos irmãos. Nesses efêmeros momentos eram permitidos atos de transgressão às proibições que regulavam a comunidade durante todo o resto do ano. Essa cerimônia, que misturava rituais de reverência e temor a rituais de sacrifício e contravenção ao respeito à moralidade instituída pela sacralização do totem, lança luz sobre a ambivalência que em geral domina a relação com o pai: os filhos o

admiram e o temem ao mesmo tempo em que o odeiam e invejam seu poder (FREUD, 1913/1996).

Com relação ao animal totêmico, a dicotomia original na relação emocional com o pai (ambivalência) foi inteiramente mantida. Por um lado, o totem era encarado como ancestral de sangue e espírito protetor do clã, a ser adorado e protegido, e, por outro, marcava-se um festival em que se lhe achava preparado o mesmo destino que o pai primevo havia encontrado. Ele era morto e devorado por todos os membros da tribo, em comum. Esse grande festival, na realidade, era uma celebração triunfante da vitória dos filhos combinados com o pai (FREUD, 1939/1996, p. 97).

A partir de um exame crítico da construção histórica da religião monoteísta judaica, Freud (1939/1996) desenvolve uma análise da essência de toda religião monoteísta e sua relação com a organização do clã primitivo em torno de um totem. Segundo ele, a concepção de Moisés de uma religião fundamentada em um único e soberano deus é, na verdade, uma revivescência da experiência primitiva do totemismo. “Após a instituição da combinação de clã fraterno, matriarcado, exogamia e totemismo, começou um desenvolvimento que deve ser descrito como um lento ‘retorno do reprimido’” (1939/1996, p. 146). Neste ponto, Freud indica que elementos psíquicos da era primitiva não foram completamente subsumidos por outras características mentais ao longo do desenvolvimento histórico da humanidade. Em contrapartida, muito do que caracteriza a dinâmica psíquica do indivíduo atual remonta a propriedades herdadas de nossos antepassados que, a cada nova geração, não exigem aquisição, apenas um redespertar.

Este retorno do reprimido produziu-se de modo vagaroso e não espontâneo, pois realizou-se em conformidade com as transformações das condições históricas da relação entre os homens. O pai torna a ser o poder de autoridade na família e o animal totêmico é substituído por um deus que aos poucos foi perdendo seus atributos animais e transmutando-se em uma entidade cada vez mais humanizada. A devoção a um deus exclusivo constitui um retorno ao grande pai. A ambivalência, enquanto coexistência de sentimentos amorosos e hostis na relação de identificação com o pai não podia ser expressada contra o deus-pai e emerge assim, na dinâmica psíquica, como uma reação poderosa a esta hostilidade, na forma de um sentimento inconsciente de culpa.

Não havia lugar, na estrutura da religião de Moisés, para uma expressão direta do ódio assassino pelo pai. Tudo o que podia vir à luz era uma reação poderosa contra ele – um sentimento de culpa por causa desta hostilidade, uma má consciência por ter pecado contra Deus e por não ter deixado de pecar. (...) Se queriam evitar renunciar a essa felicidade, um sentimento de culpa devido à sua própria pecaminosidade oferecia um meio bem vindo de exculpar Deus: não mereciam mais do que serem punidos por ele, visto não terem obedecido a seus mandamentos. E impulsionados pela necessidade de satisfazer esse sentimento de culpa, que era insaciável e provinha de fontes muito mais profundas, tinham de fazer com que esses mandamentos se tornassem ainda mais estritos, mais meticulosos e, até mesmo mais triviais (FREUD, 1939/1996, p. 148).

A ética e a moral preconizadas pela religião judaico-cristã na sociedade moderna vinculam-se, em sua origem, ao respeito à vontade do pai e justificam-se pela imperiosa e fundamental necessidade de limitar e organizar a relação entre indivíduo e sociedade, que é, essencialmente, permeada por tensões e interesses contraditórios. Para Freud (1930/1996), portanto, o *mal estar na cultura* caracteriza-se pelo desconforto sentido pelo indivíduo em consequência dos sacrifícios pulsionais exigidos pela vida social. A renúncia efetuada deve se dar tanto no sentido das pulsões eróticas quanto dos impulsos destrutivos: “quando uma tendência instintiva experimenta a repressão, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em sentimento de culpa” (FREUD, 1930/1996, p. 141).

Acrescenta-se a essas fontes de sofrimento, os danos que as forças indomadas da natureza infligem aos homens, o que significa um golpe narcísico à humanidade, já que o poder superior da natureza não se rende inteiramente aos domínios do homem, que também a constitui. E como se defender então dessa força avassaladora que é a natureza e que desde a origem dos tempos assola o homem com suas catástrofes? De acordo com Freud (1927/1996), a reunião dos indivíduos isolados em civilização teve como principal e original missão somar forças para se defenderem contra a natureza. Contudo,

A civilização não se detém na tarefa de defender o homem contra a natureza, mas simplesmente a prossegue por outros meios. Trata-se de uma tarefa múltipla. A auto-estima do homem, seriamente ameaçada, exige consolação; a vida e o universo devem ser despidos de seus terrores; ademais, sua curiosidade, movida, é verdade, pelo mais forte interesse prático, pede uma resposta (FREUD, 1927/1996, p. 25).

Diante da questão do propósito da vida humana, Freud (1930/1996) não hesita em indicar a busca pela felicidade como o principal desejo e o que impulsiona a vida dos homens. Essa procura incessante, segundo Freud (1930/1996), é regida pelo Princípio de Prazer, que domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início e que atua no sentido de obter o prazer e evitar o desprazer. Ao apontar as diversas fontes de desprazer do homem, sejam elas seu próprio corpo, o mundo externo ou a relação com outros homens, Freud considera que “nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição” (FREUD, 1930/1996, p. 84) e que, portanto, a felicidade só pode ser sentida como tal, se ocorrer de forma repentina e efêmera e deve vir em contraste com o habitual, com o cotidiano.

E perante o ressentimento contra a civilização, advindo do mal estar produzido pela repressão social que restringe as possibilidades de liberdade e felicidade individuais e pelos prejuízos causados pelas forças destruidoras da natureza, a cultura deve elaborar meios que se

destinem a amenizar o conflito entre os interesses particulares e os coletivos, atuando assim numa tentativa de reconciliar o indivíduo com ela, recompensando-o por seus sacrifícios e fornecendo-lhes explicações e soluções para questões insolúveis. Freud considera que essas construções culturais, “proclamadas como ensinamentos, não constituem precipitados de experiência ou resultados finais de pensamento: são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos” (FREUD, 1927/1996, p. 39).

O que caracteriza essas ilusões produzidas culturalmente é o fato de derivarem de necessidades humanas reais, somadas a importantes reminiscências históricas. Mas o reconhecimento de que o desamparo na verdade não tem fim, pois diz respeito a necessidades pulsionais incompatíveis com a vida civilizada, e que portanto, perdurará por toda a existência, levam o sujeito a aferrar-se a tentativas de amenizar esse sofrimento advindo do desamparo diante de tão vasto mundo.

Freud, em “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), aponta a religião como emblema desses mecanismos ilusórios, pois esta não permite ao homem encarar sua real condição de finitude e incompletude. Sua eficiência reside no fato de apresentar à humanidade um pai, que toma o lugar do protetor e guardião da infância e também estabelece leis universais de moralidade e justiça, fornece respostas aos enigmas que sempre tentaram a curiosidade humana e, além disso, resolve o pavor diante da obscuridade da morte prometendo uma existência extra terrena, na qual se realizarão todos os desejos impedidos nessa vida. “Constitui alívio enorme para a psique individual se os conflitos de sua infância, que surgem do complexo paterno – conflitos que nunca superou inteiramente –, são dela retirados e levados a uma solução universalmente aceita” (FREUD, 1927/1996, p. 39).

Freud prefere restringir sua análise da função das ilusões na manutenção da civilização às doutrinas religiosas, mas não deixa de apontar a existência de outros predicados culturais de mesma natureza, dos quais “fazemos alta opinião e pelos quais deixamos nossas vidas serem governadas” (FREUD, 1927/1996, p. 43).

Para além de uma ilusão, no sentido dado por Freud, a religião é uma importante produção social que atua como instância fundamental de mediação da sociabilidade. Por meio das crenças e rituais religiosos valores de moralidade e de subserviência a um ser superior, imbricados na constituição da dinâmica familiar, se reproduzem e fortalecem a adequação ao

todo social. Adorno (1965) dedicou um capítulo de *A personalidade autoritária* ao estudo das correlações possíveis entre a adesão a diferentes idéias e práticas religiosas e sua relevância na formação do preconceito e da intolerância, características centrais do fascismo. Através da aplicação de um questionário, Adorno pôde observar que o número de sujeitos que afirmavam professarem alguma religião era assustadoramente maior do que os que afirmavam não participarem de nenhuma religião. Uma constatação obtida através dos dados do questionário aplicado por Adorno e que merece ressalva é a de que os sujeitos não-religiosos são menos preconceituosos e conservadores que os sujeitos que professam algum tipo de religião.

Outro dado importante que a investigação de Adorno (1965) apontou é a intensa vinculação entre a religião e as relações familiares e como a intensidade e a forma desta vinculação produz sujeitos conservadores. Com base nos resultados da pesquisa Adorno (1965) afirma que “para compreender porque algumas pessoas religiosas são preconceituosas e outras não, é necessário explorar os aspectos psicológicos mais profundos do problema e não limitar-se aos fatores sociológicos gerais” (ADORNO, 1965, p. 222).

Constatou-se que sujeitos cujos pais lhes transmitiram um legado religioso forte e consistente são mais etnocêntricos do que sujeitos que sofreram uma influência religiosa variável, parcial ou nula. Quando a igreja ou seita religiosa constitui uma escolha própria do sujeito ou contrária à religião dos membros familiares mais influentes religiosamente, observou-se uma tendência a uma não submissão à autoridade e, conseqüentemente, uma tendência ao não-conservadorismo. Fundamentando-se nestes resultados, Adorno (1965) afirma que a submissão à pressão familiar e a dependência à autoridade dos pais constitui importante determinante da personalidade autoritária. De acordo com a pesquisa, os elementos psicológicos centrais que possibilitam e facilitam a adesão a atitudes fascistas são o conformismo, o convencionalismo, a submissão à autoridade e a determinação por pressões externas, para melhor dizer, a heteronomia (ADORNO, 1965).

A religião aparece assim como um importante elemento de socialização e que é inteiramente atravessada e estruturada por valores morais rígidos e conservadores da sociedade burguesa e que se aliam aos princípios, também conservadores, da família moderna, que atuam na produção de sujeitos potencialmente fascistas. Ademais, a religião enquanto produção social que busca na transcendência deste mundo a explicação e a salvação da humanidade, acaba por reforçar e dar continuidade à vida humana tal qual ela se organiza e se consolida neste mesmo mundo objetivo.

Além da família e da religião, mas em indissociável relação com essas instâncias, a indústria cultural se apresenta também como uma esfera de mediação na constituição psicossocial dos jovens e que, assim como a religião, se efetiva ao acessar a condição de desamparo do sujeito, acionando a promessa ilusória de completude. A indústria cultural aparece na contemporaneidade como uma mediação que atua com requintes, sutileza e sofisticação, mas cumprindo efetivamente sua função de mediar a relação entre o indivíduo e a sociedade. É relevante ressaltar que a indústria cultural é uma instância fundamental na socialização dos jovens, como se pode observar pela facilidade e a intensidade do acesso de crianças e jovens à televisão, à internet, à telefonia móvel, ao cinema.

Algumas características estruturantes da indústria cultural revelam sua relevante determinação na formação psíquica e social da juventude atual. Ela é formada por idéias, imagens e representações que não correspondem à realidade de seu consumidor, mas em sua aparência se apresentam como reais e possíveis, constituindo assim a consciência social. “As idéias de ordem que ela inculca são sempre as do *status quo*. Elas são aceitas sem objeção, sem análise, renunciando à dialética, mesmo quando elas não pertencem substancialmente a nenhum daqueles que estão sob a sua influência” (ADORNO, 1994, p. 97).

A indústria cultural, enquanto produto e produtora da racionalidade técnica moderna, marcada pela estandardização e pela produção em série, desloca para o campo dos produtos culturais as motivações e significações de qualquer bem de consumo da sociedade capitalista, a saber, a comercialização e o lucro. A transformação das criações culturais em produtos comerciais sacrifica a distinção e a autonomia que distanciava sua lógica da lógica do sistema social. A diferenciação converte-se em padronização, em reprodução do existente²³. “As produções do espírito no estilo da indústria cultural não são mais *também* mercadorias, mas o são integralmente” (ADORNO, 1994, p. 93-94).

Através da ideologia da indústria cultural, a consciência é substituída pelo conformismo. Dificilmente as ordens por ela transmitidas são questionadas ou confrontadas com suas verdadeiras pretensões. O imperativo categórico da indústria cultural é *tu debes submeter-te*, mas sem indicar a quê.

Aquele que resiste só pode sobreviver integrando-se. Uma vez registrado em sua diferença pela indústria cultural, já faz parte desta, assim como a reforma agrária no capitalismo. A revolta que rende homenagem à realidade se torna a marca de fábrica de quem tem uma nova idéia para levar à indústria (ADORNO, 2002, p. 23).

²³ Essa padronização toma maior importância em se tratando dos processos de socialização do jovem, compreendendo que este é um período da vida em que a formação da identidade está a pleno vapor e instâncias mediadoras como os grupos e os produtos da indústria cultural atuam como valorizadas bases de referência neste processo de construção da identidade singular.

Ao mesmo tempo em que mascara a realidade enquanto condicionante de impedimentos aos desejos e repleta de contradições sociais, a indústria cultural a reproduz e a confirma. O cinema e a televisão, com seus filmes e telenovelas, pouco fazem além de reproduzir e duplicar a vida cotidiana para as telas da “arte”. Esse processo de duplicação do cotidiano se efetiva numa restrição das possibilidades de fantasia, de imaginação de reflexão do sujeito, que na indústria cultural se converte em objeto. Essa dificuldade em fantasiar, criticar e até negar a autenticidade e liberdade de interesses desses produtos culturais vincula-se não ao produto final, acabado, mas antes à forma com estes são produzidos, desprezando a mensagem e o conteúdo e enfatizando a forma e o efeito, primados da técnica na indústria cultural (ADORNO, 2002).

O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena (ADORNO 2002, p. 9).

Herbert Marcuse introduz em sua obra “Eros e civilização” (1999) a noção de ‘mais-repressão’ que, segundo ele, se diferencia e se sobrepõe ao conceito freudiano de repressão enquanto modificações instintivas necessárias à perpetuação da cultura. Para Marcuse, a ‘mais-repressão’ refere-se às formas históricas de coerção social, que introduzem controles adicionais acima e além dos indispensáveis à associação humana civilizada e é efetivada pelas instituições históricas específicas de dominação.

Atuam sobre o indivíduo como leis objetivas externas e como uma força internalizada: a autoridade social é absorvida na “consciência” e no inconsciente do indivíduo, operando como seu próprio desejo, sua moralidade e satisfação. No desenvolvimento “normal”, o indivíduo vive a sua repressão “livremente” como sua própria vida: deseja o que se supõe que ele deve desejar; suas gratificações são lucrativas para ele e para os outros; é razoavelmente e, muitas vezes, exuberantemente feliz (MARCUSE, 1999, p. 59).

Questiona-se então se a instituição indústria cultural não constitui para os indivíduos um elemento *sobrerrepressivo*, já que o poder que exerce sobre a constituição pulsional destes é o de uma repressão em excesso, que atua principalmente sobre as possibilidades de enfrentamento dessa realidade social que limita, tanto objetiva quanto subjetivamente, a capacidade do homem de estranhar, de negar e de transformar essa realidade. Nesse sentido, os produtos para o divertimento oferecidos pela indústria cultural em nada acrescentam de humano ao homem, apenas repetem e reafirmam a afinidade entre diversão e negócio.

Divertir-se significa estar de acordo. (...) Divertir-se significa que não devemos pensar, que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra. Na base do divertimento planta-se a impotência. É, de fato, fuga, mas não, como pretende, fuga da realidade perversa, mas sim do último grão de resistência que a realidade ainda pode haver deixado. A libertação prometida pelo entretenimento é a do pensamento como negação (ADORNO, 2002, p. 41).

Freud (1930/1996) considera que apesar das frustrações e sofrimentos que a realidade impõe ao sujeito, a busca pelo prazer e felicidade, imposta pelo princípio de prazer, não deve ser abandonada e cada qual tem que descobrir por métodos próprios a melhor maneira de ser feliz.

A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem que descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. (FREUD, 1930/1996, p.91)

Em contrapartida, a indústria cultural através da falsa identidade entre o universal e o particular, uma de suas marcas registradas, ao apresentar-se em programações distintas para os diferentes *tipos* de espectadores, não se funda na realidade e possibilidades destes, mas antes, o faz para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los. E este processo reflete ao fim quando os consumidores da indústria cultural perseguem e consomem cada um o seu *tipo* adequado de produto cultural, como se fosse um processo espontâneo, fruto da liberdade de escolha. No entanto, as diferenças são apenas aparentes e ilusórias, e a indústria cultural oferece a todos as mesmas maneiras de encontrar a felicidade, que seja, render-se ao consumo de seus produtos em um eterno *mais do mesmo*, que limita as possibilidades de diferenciação e autonomia.

A máquina gira em torno do seu próprio eixo. Chegando ao ponto de determinar o consumo, afasta como risco inútil aquilo que ainda não foi experimentado. (...) Mesmo por isso sempre se fala de idéia, novidade e surpresa, de alguma coisa que ao mesmo tempo seja plenamente familiar sem nunca ter existido (ADORNO, 2002, p. 27).

“A indústria cultural continuamente priva seus consumidores do que continuamente lhes promete” (ADORNO, 2002, p. 34). Ideais culturais como os de liberdade e felicidade constituem o *slogan* publicitário desta indústria, pelo qual esses ideais se tornam cada vez mais distantes do homem e portanto, perpetuam no campo das ilusões, apesar da constante afirmação da sua concretização. A impossibilidade da efetivação da completude prometida encontra respaldo na contradição desta promessa com as condições sociais objetivas. A indústria cultural promete a fuga da penosa vida cotidiana e fornece como paraíso a mesma vida cotidiana (ADORNO, 2002).

Ao contrário de liberdade e felicidade irrestritas, a indústria cultural repõe a todo momento a frustração e repressão estruturantes da vida em civilização. No entanto, a forma como conduz sua função civilizatória é marcada por crueldade bárbara, pois ela simultaneamente oferece o gozo e coíbe sua satisfação.

A indústria cultural coloca a renúncia alegre em lugar da dor, que é presente tanto no orgasmo como na ascese. Lei suprema é que nunca se chegue ao que se deseja e que disso até se deve rir com satisfação. Em

cada espetáculo da indústria cultural, a frustração permanente que a civilização impõe é, inequivocamente, outra vez imposta. Oferecer-lhes uma coisa e, ao mesmo tempo, privá-los dela é processo idêntico e simultâneo. Este é o efeito de todo aparato erótico. Tudo gira em torno do coito, justamente porque este não pode acontecer (ADORNO, 2002, p. 36-37).

E assim, a indústria cultural cumpre sua função socializadora repondo no âmbito das produções culturais as mesmas motivações e interesses que regem a lógica da produção de mercadorias. O movimento é o de uma incessante (re)criação e reposição do novo e do belo, ideais que segundo Kehl (2004), acessam a juventude como uma etapa privilegiada e invejada da vida. Nas telas da TV não se admitem rugas ou outras marcas que expressem a travessia dos anos. A juventude se converte, com a ajuda da indústria cultural, de um período de transição e, por isso, passageiro, em um estilo de vida. Se tornou insuportável não possuir eternamente a vitalidade e a inconseqüência do jovem. Kehl (2004) considera, além disso, que a indústria cultural encontra na juventude de fato, uma fatia de enorme fertilidade comercial. Jovens de todas as classes sociais, filhos do patrão e do empregado, identificam-se com o ideal publicitário do adolescente hedonista, belo, livre e sensual. A indústria cultural, por não se contrapor de forma autônoma à produção material desta sociedade, acaba por repetir e reforçar as contradições de classe. Evidentemente, ao jovem que deve trabalhar o dia todo para ajudar nas despesas do lar não será possível o acesso aos bens de consumo oferecidos por essa indústria.

Esta constituição genericamente indiferenciada e atrelada à produção social das referidas instâncias mediadoras da sociabilidade, ou seja, o trabalho, a família, a religião, a indústria cultural, assim como apresentada até agora, deve ser consistentemente compreendida também ao analisar-se a centralidade dos grupos na formação dos jovens. Adorno afirma que “na tensão entre o indivíduo e a sociedade, a divergência do universal e do particular implica, necessariamente, que o indivíduo não se insere de forma imediata na totalidade social, mas através de instâncias intermediárias. Estas instâncias intermediárias são as que se encontram abrangidas pelo conceito de *Grupo (...)*” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p. 61). Neste sentido, a família, os colegas de escola, os amigos, os vizinhos, o grupo esportivo, religioso, político, dentre tantos outros com os quais o jovem se relaciona em seu cotidiano, constituem importantes esferas de socialização que comporão a totalidade de sua identidade singular.

O grupo mais restrito de amigos e colegas constitui uma importante fonte de referência e identificação para o jovem, que vivencia no grupo experiências de confronto com iguais e diferentes a ele próprio. É no grupo também que o jovem se depara com parâmetros e modelos de identificação com os quais deve relacionar-se, quase sempre de forma tensa e

conflituosa, confrontando-os com suas referências pessoais já erigidas com base em suas identificações anteriores.

Nos microgrupos, os indivíduos podem ter experiências de si próprios como pessoas particulares, simultaneamente vinculadas a outras pessoas, mas insubstituíveis por estas. A visão da vida dos indivíduos e de suas relações recíprocas é adquirida em grupos deste tipo, não só na origem – na infância – mas também na vida adulta, em que essa experiência original é consolidada e ampliada (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p. 71).

Os microgrupos compostos pelos amigos mais íntimos e próximos formam uma rede de sociabilidade em que os jovens compartilham experiências afetivas e sexuais, além de também conhecerem e se relacionarem afetivamente com novos parceiros (STENGEL, 2003). No caso dos jovens que participaram da presente pesquisa, a universidade se apresenta como um espaço de socialização em que abrem-se novas possibilidades de amizades e relacionamentos afetivos.

A universidade é um tempo e um espaço em que o confronto com novos grupos e valores e o conflito destes com suas antigas referências se efetiva de maneira intensa e particular na vida do jovem. A universidade, enquanto um espaço formalizado de produção do conhecimento, constitui um campo em que se entrecruzam elementos de singularidades e também de universalidade. A instituição universitária se desenvolve, para além de lócus da educação formal, em espaço de entrelaçamento de experiência das contradições, das diferenças, no qual o jovem aprende a teoria, mas também aprende a se relacionar, a namorar, a trabalhar, a se posicionar politicamente. A noção de educação amplia-se e vincula-se definitivamente à formação intelectual, política, moral, cultural e subjetiva (ADORNO, 2003).

Mais uma vez, assim como quando analisamos a família, a religião, a indústria cultural, e por fim os grupos, entendemos que a constituição subjetiva e singular do jovem desenvolve-se atrelada e determinada pelas condições materiais da vida em sociedade. A caracterização da juventude contemporânea como fundamentalmente conservadora e preconceituosa, aparentemente indiferenciada, que exalta os ideais de beleza valorizados culturalmente, que adere sem muita resistência aos meios de comunicação e às informações padronizadas da indústria cultural, não deve nunca perder de vista a indissociável relação de constituição desta subjetividade com as condições históricas em que se desenvolvem. O passado, o presente e o futuro dos jovens dependem necessariamente da constituição material da sociedade em que crescem e da qual participam ativamente e, neste sentido, não se deve responsabilizar e exigir a revolução emancipatória de um grupo social que se forma em um mundo cada vez mais fragmentado e alienante.

Capítulo II

Juventude: construção histórica, sociabilidade e afetividade

Partindo da compreensão da constituição mediada psicossocialmente de indivíduo e sociedade faz-se importante considerar os modos de socialização da juventude na contemporaneidade, afinal, trata-se de um momento de transição em que não se vive mais totalmente na dependência familiar sem grandes responsabilidades da infância, mas que, ao mesmo tempo, já são exigidas atitudes e preocupações atribuídas à vida adulta. Apesar de constituir-se uma fase transitória entre dois períodos bem distintos e definidos da vida humana, a juventude é formada por características que lhe são particulares e diferenciadas e, neste sentido, requer estudos teóricos que apreendam as especificidades desta temática.

2.1 – A construção histórica da juventude

De acordo com León (2005) a juventude é uma construção social, histórica, cultural e relacional, sendo, portanto, diversificadamente constituída pelas condições econômicas e culturais em que se desenvolve. As noções de infância, adolescência e juventude, como fases diferenciadas da vida humana, nem sempre existiram como as compreendemos atualmente. Ariès (2006) narra que na Idade Média, até o início da Modernidade, as crianças viviam pouco tempo à mercê dos cuidados dos adultos. Assim que passavam pelo processo do desmame e se tornavam independentes das mães ou das amas de leite, o que acontecia aproximadamente aos 7 anos de idade, os pequenos homens eram inseridos na comunidade dos adultos, onde relacionavam-se socialmente, no trabalho e no lazer, com jovens e velhos de maneira indiferenciada. “(...) assim que era desmamada, ou pouco depois, a criança tornava-se a companheira natural do adulto” (ARIÈS, 2006, p. 194).

No período medieval não se valorizava o amor cortês nem a sensibilidade. “O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para um setor privado” (ARIÈS, 2006, p. 193). A indiferença aos sentimentos e à privacidade entrelaçava as relações entre os homens medievais, que

compartilhavam com a comunidade as tradições, o trabalho, o divertimento, a criação dos filhos. Até a Idade Média, a atividade das relações sociais predominava sobre a referência às características singulares e diferenciadoras de cada membro da comunidade. A vida era tecida publicamente, aos olhos de todos. Com o desenrolar da história, a necessidade de uma existência cada vez mais privada e individual do homem moderno preponderou sobre a vivência do sentido público da vida humana. (ARIÈS, 2006).

A família medieval cumpria sua função social na criação dos filhos: transmitia-lhes a vida, os bens e o nome, sem penetrar muito fundo na sensibilidade e na educação. A educação de crianças e jovens não era sistematizada, nem tampouco planejada. Segundo Ariès (2006) todo o processo de aprendizagem de crianças - desde a mais tenra idade -, de jovens e adultos acontecia no convívio social e de maneira não diferenciada, nem organizada.

Até este período histórico, como afirma Ariès (2006), não havia a compreensão da noção de idade. A passagem dos anos não era quantificada, nem registrada. Como para a sociedade ocidental medieval não existia separação entre o mundo das crianças e o dos adultos e, portanto, não percebiam qualquer transição (juventude) entre a infância e a adultez, não concebiam também a educação como uma iniciação, uma preparação do sujeito para este período de passagem e entrada na atividade social produtiva e organizada. A civilização medieval não percebia essa diferenciação e, portanto, não possuía essa noção da juventude como passagem. Foi somente com o desenvolvimento das condições históricas que possibilitaram o advento da Modernidade que a forma de educar os filhos assumiu status de preocupação e prioridade na vida familiar.

Passou-se a admitir que a criança não estava madura para a vida, e que era preciso submetê-la a um regime especial, a uma espécie de quarentena antes de deixá-la unir-se aos adultos. Essa nova preocupação com a educação pouco a pouco iria instalar-se no seio da sociedade, e transformá-la de fio a pavio. A família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas (ARIÈS, 2006, p. 194).

A partir do século XV, e mais intensamente nos séculos XVI e XVII, a valorização e a responsabilização da família pela educação dos filhos foram grandemente incentivadas e reforçadas por alguns grupos de reformadores católicos e de juristas. Estes pioneiros da formalização da escola priorizavam a educação de crianças e apontavam o moralismo como o principal fundamento do processo educacional. Como afirma Ariès (2006), iniciou-se então uma verdadeira moralização da sociedade. Foi assim que esses guerreiros da ordem moral foram levados a reconhecer a importância da educação. A transformação da escola coletiva e

livre em colégio recluso e vigiado foi uma transformação que data deste período histórico e que deve ser tributada a estes educadores moralistas.

Os pais não se contentavam mais em pôr filhos no mundo, em estabelecer apenas alguns deles, desinteressando-se dos outros. A moral da época lhes impunha proporcionar a todos os filhos, e não apenas ao mais velho - e, no fim do século XVII, até mesmo às meninas - uma preparação para a vida. Ficou convencional que essa preparação fosse assegurada pela escola. A aprendizagem tradicional foi substituída pela escola, uma escola transformada, instrumento de disciplina severa, protegida pela justiça e pela política (Ariès, 2006, p. 194-5).

De acordo com o mesmo autor, a família e a escola foram simultaneamente responsáveis pela retirada da criança do convívio integral e irrestrito com os adultos. A liberdade e a não discriminação das crianças pela idade foram restringidas pela escola. O início da popularização dos registros de idade data justamente desta época, em que os coordenadores das escolas exigiam documentos que especificassem a data de nascimento e a idade das crianças, e assim “a juventude escolar foi separada do resto da sociedade, que continuava fiel à mistura das idades, dos sexos e das condições sociais” (ARIÈS, p.111). A educação agora passava a ser sistematizada e diferenciada de acordo com a idade e a condição social da criança, mas sempre pautada em um regime disciplinar cada vez mais rigoroso.

A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato. A solicitude da família, da Igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade que ela gozava entre os adultos. Infligiu-lhe o chicote, a prisão, em suma, as correções reservadas aos condenados das condições mais baixas. Mas esse rigor traduzia um sentimento muito diferente da antiga indiferença: um amor obsessivo que deveria dominar a sociedade a partir do século XVIII” (ARIÈS, 2006, p. 195).

Ainda neste período não se reconhecia a necessidade de diferenciar a chamada segunda infância – entre 12 e 13 anos – da adolescência ou da juventude. Essas categorias de idade ainda continuavam a ser confundidas. Elas só se distinguiriam nos finais do século XIX, graças à difusão, entre a burguesia, de um ensino superior: a universidade ou as chamadas grandes escolas. Deste modo, insiste Ariès (2006), a diferenciação etária em infância, adolescência e juventude se desenvolveu progressivamente na relação entre a idade e a classe escolar.

De acordo com Stengel (2003), a consolidação da juventude como uma fase particular e fundamental da vida, dotada de sentido, iria se dar apenas após a Primeira Guerra Mundial, num momento em que o jovem torna-se alvo privilegiado de ações educativas, políticas, culturais e, principalmente, apresenta-se como uma potencial parcela de mercado consumidor, neste período de grande avanço industrial.

No Brasil, este processo de fortalecimento e reconhecimento da juventude enquanto etapa composta por características específicas se deu com progresso da industrialização

urbana e a conseqüente debandada da população rural para as cidades, na esperança de empregos que lhe possibilite uma vida melhor, não resultaram necessariamente em melhorias e desenvolvimento para todos os setores da sociedade. Tendo como pano de fundo o avanço da desigualdade e da miséria, começa a emergir no cenário das grandes cidades a figura do ‘menino de rua’, que causou inicialmente espanto e pânico em uma sociedade que tinha os olhos voltados para o a modernização iminente. O crescimento do número deste personagem malquisto no enredo de uma peça tão promissora motivou uma onda de violência e repressão destes meninos que viviam nas ruas, em situação de abandono social e de criminalização. Em contraposição a estas medidas estatais de brutalidade contra estes ‘menores’ mobilizaram-se grupos de intelectuais, políticos, educadores em “defesa dos direitos destas crianças para que passassem a ser tratados como sujeitos de direitos e não como elementos perigosos para a sociedade” (ABRAMO, 2005, p. 23).

Este embate reivindicou o lugar da adolescência e da juventude²⁴ na agenda pública e implicou na elaboração de diversos programas e políticas voltados para esta, agora, importantíssima parcela da sociedade brasileira. Esta ascensão da temática juvenil teve como principal conseqüência a criação do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente “considerada uma das leis mais avançadas do mundo e que tem sido um importante marco para o estabelecimento de uma nova noção de cidadania para esses segmentos, mesmo que ainda se observe uma grande distância entre a lei e a realidade” (ABRAMO, 2005, p. 24). No entanto, mesmo o ECA tendo significado um marco no avanço jurídico e político na luta pelos direitos de crianças e jovens, Abramo (2005) indica que por mais de uma década o alvo principal da preocupação e das políticas do governo foram as crianças, ficando os adolescentes e jovens muito mais sob os cuidados de organizações não governamentais (ONG’s) que tinham como foco adolescentes em situação de risco, aos quais eram oferecidos programas sociais que objetivavam a retirada destes jovens da rua, o reforço escolar, atividades esportivas e artísticas, o ensino técnico que possibilitasse a estes adolescentes algum tipo de renda.

²⁴ Há uma tendência contemporânea em distinguir em dois momentos o período da vida amplamente denominado como juventude, sendo que a *adolescência* corresponde à primeira fase (tomando como referência a faixa etária que vai dos 12 aos 17 anos, como estabelecido pelo ECA) e *juventude* refere-se à fase posterior, dos 18 anos acima. A presente dissertação desenvolve uma discussão sobre a categoria da juventude, já que esta extrapola a de adolescência tanto no que diz respeito à faixa etária, como também nos elementos sociais, jurídicos, políticos que a constituem. Além disto, optou-se por abordar a temática da juventude em função de os sujeitos participantes da pesquisa possuírem idade entre 19 e 22 anos.

Somente a partir dos anos 90 é que os jovens na faixa etária acima de 18 anos aparecem com substantiva relevância nas discussões e programas voltados à juventude. Esta visibilidade foi tributária ao grande crescimento do grupo formado por membros da população que tinham idade entre 15 e 19 anos e que, segundo Sposito (2003), com base em dados do Censo 2000 (correspondiam então em 2003 à faixa etária de 18 a 22 anos), eram responsáveis por formar uma ‘barriga jovem’ na pirâmide etária do Brasil, que neste período alcançou sua porcentagem mais alta na história brasileira. Inerente a este *boom* demográfico, cresceram e se complexificaram também alguns dilemas da juventude como a dificuldade de inserção no mercado de trabalho; questões de saúde pública, como a gravidez precoce e a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, em especial a AIDS; o aumento do uso de drogas ilícitas e da violência urbana, que crescentemente tem como principais vítimas jovens masculinos e de classe baixa, dentre tantos outros problemas de ordem político-social que os jovens nascidos dos anos 80 para cá têm enfrentado. Estas questões fizeram com que os jovens emergissem como foco grave de desajustes e problemas, para si próprios e para a sociedade, reforçando a concepção da juventude como *etapa problemática e de crise*.

2.2 – Juventude: constituição social, sexual e afetiva

Esta noção de crise, que esta na raiz dos estudos sobre juventude desde Stanley Hall, é justificada, desde a sua emergência, pela turbulência psicológica provocada pelas transformações corporais e hormonais próprias da puberdade, e que se somam às novas responsabilidades sociais. De acordo com Stengel (2003), a puberdade é um ato da natureza, do organismo humano e, portanto, um fenômeno universal; a juventude, um ato da cultura, constituição social e psíquica do jovem, determinada pela sua pertença a grupos e instituições particulares à sua condição social.

Stengel (2003) afirma que a grande maioria dos estudos sobre juventude concentra-se na discussão do desenvolvimento sexual do jovem e apenas toca ou, como ocorre na maior parte das vezes, ignora o aspecto afetivo nas discussões acerca da juventude. Todavia, esta aparente negligência ressoa, na verdade, diferenças e limitações epistemológicas, já que grande parte das pesquisas realizadas no Brasil e na América do Sul restringe-se aos campos da sociologia e da educação. Se faz importante, neste sentido, uma análise que se volte também, para além

da ênfase nas modificações do corpo e da sexualidade, para a afetividade do jovem e as implicações psicossociais destas transformações.

Para a Psicanálise, não existe separação entre afeto e sexualidade. A sexualidade é o motor da vida humana, o que a move em todas as suas dimensões, noção que amplia e desatrela a noção de sexualidade do prazer puramente genital. Freud questionou a concepção popular (e até científica) da época que, em sua grande maioria, concebia o desenvolvimento sexual como um processo que florescia a partir do período da puberdade, sendo a infância uma fase completamente dessexualizada e inocente. Retorna à sexualidade infantil e aponta no desenvolvimento destes processos que determinarão a vida sexual do adulto. “Um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes” (FREUD, 1905/1996, p. 163).

De acordo com Freud (1924), o complexo de Édipo é o fenômeno sexual central da primeira infância. Em idade muito precoce o menino desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno responsável pela nutrição, ao mesmo tempo que identifica-se com o pai. Durante certo tempo, esses dois relacionamentos avançam lado a lado até que os desejos sexuais do menino em relação à mãe se tornam mais intensos e o pai é percebido como um obstáculo à concretização desse amor. Sua posição identificatória com o pai assume então uma tonalidade hostil e transforma-se em um desejo de livrar-se dele, a fim de ocupar seu lugar junto à mãe. E assim, de maneira bastante simplificada, a criança entra no percurso do Complexo de Édipo, que é contemporâneo da fase fálica. Daí por diante, a relação do menino com o pai é ambivalente (FREUD, 1923/1996).

Após o ápice do complexo de Édipo ocorre a sua dissolução, ele sucumbe à regressão e a fase fálica fica subsumida por um período de latência. Sua abolição se efetiva pelo medo da criança perante uma ameaça de castração de seu tão valorizado órgão, que geralmente se dá como uma resposta punitiva dos adultos às atividades infantis masturbatórias comuns nessa fase. Além disso, o desmame do seio materno e a exigência cotidiana de que a criança defeque, são duas experiências pelas quais toda criança passa e que a preparam para a ‘perda’ de partes altamente valorizadas do corpo, ou seja, para a castração. Nada porém é mais efetivo para a ameaça de castração do que a visão dos órgãos genitais femininos. Com isso, a perda de seu próprio pênis passa a ser imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado.

O complexo de Édipo oferece à criança duas possibilidades de satisfação: uma *ativa*, na qual ela identifica-se com o pai na tentativa de possuir a mãe, e outra *passiva*, em que a criança identifica-se com a mãe e deseja o pai. Ambas as formas de realização do complexo de Édipo acarretam na ameaça de castração à criança; a masculina (ativa) tem a possibilidade da perda do pênis como punição e a feminina (passiva) tem essa perda como pré-condição. Logo, a satisfação do amor edipiano custaria à criança o golpe narcísico da perda de seu tão estimado órgão, que assim, desiste então da relação incestuosa.

As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (...) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. (...) Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe e desenvolvimento sexual da criança (FREUD, 1924/1996, p. 196).

Enfim, o complexo de Édipo constitui o principal fenômeno sexual do período da primeira infância. Após atingir seu ápice e se desenrolar até a passagem pela castração, realiza-se sua dissolução, que é efetivada pela impossibilidade de sucesso, de satisfação real. Com a entrada do sujeito no período da adolescência, em decorrência do amadurecimento hormonal, há uma revivescência do complexo de Édipo, que agora intensifica-se diante da possibilidade da satisfação real das pulsões sexuais. O jovem tem de abandonar um dos pais eleitos na infância como objeto de amor para que possa, de agora em diante, encontrar outros objetos com quem possa relacionar-se e satisfazer-se e constituir sua própria família. O complexo edipiano constitui deste modo, o fenômeno central e determinante da vida afetiva e sexual do ser humano. Neste sentido, a passagem por tão importante momento do desenvolvimento sexual não fica de todo para trás, ela deixa marcas que constituirão a sexualidade do adulto e que insistirão em se viver de novo, repetindo-se em um movimento de eterno retorno a um passado que teima em se fazer presente em cada novo amor que encontramos pela vida (FREUD, 1924/1996).

A sexualidade é um dos principais (embora não seja o único) elementos atuantes na constituição da identidade do indivíduo particular, que é construída ao longo de toda a vida, mas que se realiza de forma significativa no período transitório da juventude. Conforme afirma Stengel (2003), a identidade só se constitui no nexo de relações sociais objetivas e subjetivas que o sujeito vivencia. Para a autora, o processo de socialização, mediado psicossocialmente pela família, religião, trabalho, grupos, dentre outros, é a base da formação da identidade.

A socialização é um processo que se desenvolve desde o nascimento até a morte do indivíduo e, portanto, forma uma unidade, que se constitui continuamente ao longo da vida. Desde os primeiros contatos do bebê com o mundo externo, ele está se inserindo na comunidade social. Os pais, ou seus representantes, são fundamentais nesse processo, pois introduzirão a criança na cultura e se tornarão suas primeiras figuras de identificação. Eles atuam como modelos de moralidade, que irão operar na estruturação da identidade de cada filho de maneira diversa, dependendo de alguns fatores singulares, dentre eles a passagem da criança pelo complexo de Édipo e pela castração. Horkheimer (1990) afirma que é a partir destas relações de identificação com os modelos parentais que o indivíduo se socializa e passa a reproduzir os valores e tradições de sua sociedade.

A socialização da criança e do adolescente se desenvolve em continuidade com o alicerce já construído pelas primeiras relações de identificação. Acompanhando o crescimento e a gradual independência da criança em relação aos familiares, o processo de socialização introduz um indivíduo já socializado em novas dimensões da sociedade como a escola, a religião, o grupo de amigos, o trabalho, os movimentos sociais, dentre outras. A juventude está mais intrínseca e diretamente constituída pela relação do jovem com estes grupos, sem apartar-se do importante vínculo familiar. Os inseparáveis momentos da socialização compõem um processo contínuo e complexo de inserção de cada indivíduo na teia de relações sociais que constituirão a totalidade da sua identidade singular (STENGEL, 2003).

Neste sentido, compreende-se a fundamental relevância da família como um espaço em que a socialização tem sua base e que cumpre a função de referência nos aspectos moral, afetivo-sexual, educacional para a formação da identidade da criança e, mais posteriormente, do jovem. No entanto, a importância da família nem sempre é reconhecida pelo jovem, sendo, em diversas situações, negada. Há uma tendência da juventude de rechaçar os valores da geração mais velha, julgando-os antiquados e ‘caretas’. Todavia, apesar das queixas e dos conflitos na relação entre os jovens e seus familiares, estudos sobre a juventude indicam que os jovens desejam e procuram a aprovação da família em assuntos importantes como suas escolhas profissionais e, principalmente, no momento de apresentar o parceiro afetivo à família. “A família, como referência está mais presente em momentos de decisões e de crises ou em assuntos de maior relevância na vida do adolescente, como, por exemplo, a profissão e as relações afetivas” (STENGEL, 2003, p. 139-0).

Ao contrário da caracterização que comumente se atribui ao jovem como transgressor, revolucionário, inovador, radical, a juventude contemporânea tem se apresentado demasiadamente conservadora, sobretudo nas relações eróticas, afetivas e de gênero. Há um esforço em avaliar os possíveis parceiros afetivos com base em parâmetros de conduta utilizados pela tão criticada geração passada. *Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais*, afirma a canção. O que o jovem busca é o (a) namorado (a) de boa e íntegra família e igual conduta o suficientes que se possa apresentar em casa. “Ingênuos somos nós que conjugamos juventude com mudança, com radicalidade, ou com rechaço ao instituído” (STENGEL, 2003, p. 14).

Além da família, outra significativa fonte de referência para os jovens é o grupo de amigos. “A possibilidade da construção de sua identidade de adulto passa pela separação dos pais e pela inserção em outros grupos, que adquirem um valor preponderante” (STENGEL, 2003, p. 142). As amizades têm presença marcante na vida afetiva dos jovens, atuando tanto como confidentes das aventuras e desventuras amorosas, quanto como mediadores ou “cupidos” que aproximam os parceiros interessados em relacionar-se.

Stengel (2003) afirma que os jovens tendem a dividir os amigos em um grupo daqueles considerados íntimos, com quem se relacionam com maior proximidade e em outro grupo composto pelos companheiros de “farra”, que estão juntos nos momentos de lazer, mas com quem não compartilham sua intimidade. Em geral, é apenas com amigos do primeiro grupo que os jovens partilham seus segredos e confidências. Assim como acontece em relação à família, o jovem, muitas vezes, nega a importância dos amigos numa tentativa de auto-afirmar sua independência. Entretanto, os jovens confidenciam com os amigos mais íntimos experiências e conflitos que, quase sempre, esforçam-se para esconder dos pais.

O primeiro beijo e a primeira relação sexual ainda são experiências da vida afetiva e sexual do jovem fortemente envolvidas por tabus, proibições e segredos. O diálogo entre pais e filhos, no que tange a esses temas, é frequentemente difícil e raro, ficando o inexperiente jovem à mercê de conselhos e ensinamentos de amigos e colegas, quase sempre tão iniciantes quanto ele próprio. O grupo se apresenta assim, como uma importante fonte de referência e troca de experiências para o jovem, que se lança com toda sua imaturidade e deslumbramento à tão esperada e gostosa novidade dos relacionamentos afetivos. “O grupo é um elemento forte e presente na vida do adolescente. Seguir o grupo e não destoar do que ele faz é importante para o jovem” (STENGEL, 2003, P. 111).

Stengel (2003) destaca três diferentes tipos de relações afetivas: o ‘ficar’ com alguém, o namoro e o casamento. O namoro e o casamento são formas de relacionamento presentes ao longo do desenvolvimento histórico e que, por isso, são experiências afetivas reconhecidas e consolidadas socialmente, embora também tenham sofrido diversas transformações no decorrer da história. Já o “ficar” com alguém é uma forma de relacionar-se afetivamente recente, que data mais precisamente do início da década de 1980. De acordo com a autora, desde então, o ‘ficar’ com alguém é um relacionamento que tem conquistado a atenção de pais, educadores, pesquisadores e profissionais que lidam com a juventude. As razões para tal preocupação encontram-se na estranheza que as características desta nova maneira de relacionar-se provocam na geração mais velha, acostumada com as etapas e o percurso do namoro tradicional (STENGEL, 2003).

O ‘ficar’ é um relacionamento que caracteriza-se pela ausência de compromisso entre os parceiros, em que o principal objetivo é a busca pelo prazer. É um encontro geralmente rápido, que pode ter duração de um dia ou uma noite, ou apenas alguns minutos, e pode ir de uma simples troca de beijos a uma relação sexual. Em síntese, ‘ficar’ com alguém é uma forma de relacionar-se sexual e afetivamente, que implica em uma ruptura entre prazer e compromisso (STENGEL, 2003).

Stengel (2003) afirma que os motivos alegados pelos jovens para se ‘ficar’ com alguém podem ter uma conotação positiva ou negativa e justificam-se pela carência e solidão; como uma forma de preencher o tempo ocioso e vazio; como uma maneira de exhibir-se perante os amigos, aderindo às atitudes reconhecidas e valorizadas pelo grupo; mas é também um meio para conhecer novas pessoas e, assim, poder escolher melhor o parceiro com quem se deseja firmar um relacionamento mais comprometido. É neste sentido que, segundo a autora, os jovens quase sempre consideram esse tipo de relação como pertinente a alguns períodos específicos e restritos da vida, quando mais novos ou quando não estão namorando, mas não admitem o ‘ficar’ como o tipo ideal de relacionamento. “(...) à medida que vão ficando mais velhos, os adolescentes não querem mais *ficar* com a mesma frequência, sentem-se frustrados quando esse é o relacionamento básico no cotidiano e preferem viver o *ficar* como ponte para um namoro” (STENGEL, 2003, p. 62-3).

No entanto, de acordo com Stengel (2003), a maioria dos jovens inicia sua vida afetivo-sexual pela via do ‘ficar’. As pessoas com quem se ‘fica’ podem ser conhecidas ou desconhecidas, o que está em causa é a satisfação prazerosa e momentânea e, portanto, a

singularidade de quem se ‘fica’ é irrelevante, “se o outro não tem uma individualidade, tanto faz se ele é conhecido ou não” (STENGEL, 2003, p. 63). O outro com quem eu ‘fico’ não existe enquanto sujeito, mas como objeto para a minha satisfação e, por isso, suas características singulares não merecem grande atenção.

Entretanto, uma característica individual é grandemente valorizada ao se escolher alguém com quem ‘ficar’: sua beleza. Os jovens sujeitam-se fortemente aos padrões de beleza valorizados e reforçados pela indústria cultural e aderem a eles como critérios na hora de escolher um parceiro para se relacionar sem grandes vínculos.

O corpo e a aparência física são cada vez mais valorizados em nossa cultura, o que pode ser confirmado pela multiplicação de academias de ginástica, pela procura por cirurgias plásticas e por produtos de beleza. Os adolescentes não fogem a essa regra e valorizam a beleza, tornando-se este um critério de escolha do parceiro para *ficar*. Associada à exigência cultural, no *ficar*, a escolha pode se dar por via especificamente física, corporal, de beleza; possibilitada pela ausência de compromisso e de responsabilidade. (...) *ficar* com alguém bonito é como ganhar um troféu, que pode ser exibido e faz com que seu ganhador seja valorizado (STENGEL, 2003, p. 65-6).

A beleza, enquanto critério de qualidade da escolha, pode ser relevada em algumas situações que geralmente assumem uma conotação pejorativa. ‘Ficar’ com uma pessoa “feia” quase sempre acontece em ocasiões de diversão descomprometida ou, como afirma a autora, “por bagunça”, em que a intenção é ‘ficar’ com o maior número possível de parceiros, em uma competição com o grupo de amigos, na qual o campeão é aquele que ‘fica’ com a maior quantidade de pessoas. Os relacionamentos afetivos constituindo-se, assim como grande parte das relações entre os homens, sob a lógica da competitividade e do consumismo, características das relações sociais de produção no capitalismo. Competição por qualidade (o mais belo) e competição por quantidade (*quanto mais, melhor*) (STENGEL, 2003).

Como o consumo dos objetos é mais uma tentativa para encobrir a falta – e essa falta é estrutural, nunca haverá nada que realmente a complete – o tempo de duração de cada objeto é fugaz. O sentimento de fracasso e incompletude se instala com facilidade, fazendo com que o indivíduo necessite consumir cada vez mais. Essa situação atribui-se também às pessoas, tornando-as objetos de consumo, e estende-se às relações afetivas. (...) se o objetivo é ter muitos parceiros, na loucura de consumir indiscriminadamente, o parceiro deixa de existir como singular, pois o consumismo iguala o diferente. O fundamental é *ficar* (STENGEL, 2003, 72-3).

Estas características do ‘ficar’, relacionamento tão difundido contemporaneamente entre os jovens, apontam para uma tendência narcisista das relações afetivas. Freud (1914/1996) afirma que o narcisismo, enquanto direcionamento do investimento libidinal, não é uma característica exclusiva dos perversos, mas constitui o curso regular do desenvolvimento sexual humano. Uma atitude narcisista é também muito comum em neuróticos. Uma posição narcísica (egoísta) pretende proteger o indivíduo de ‘adoecer’, de sofrer diante da inconstância

e limitação dos objetos do mundo externo investidos libinalmente. Mas, reitera Freud (1914/1996), a retirada libidinal de objetos externos em decorrência de uma não satisfação pode também acarretar o adoecimento do sujeito. “Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar” (FREUD, 1914/1996, p. 92).

Individualismo, egoísmo e indiferença caracterizam a posição erótica de sujeitos que, na grande maioria das vezes, tomam o próprio ego como modelo em suas escolhas amorosas, atuando desse modo, conforme afirma Freud (1914/1996), de acordo com o tipo narcísico de escolha objetal. A escolha narcísica do objeto de amor indica estruturas de personalidade marcadas pela intolerância à diferença e pela dificuldade em suportar as frustrações diante da não realização do ideal de perfeição que o ego projeta sobre o outro. Frustração da idealização que aposta que um relacionamento afetivo poderá salvar a existência de um sujeito que, por vezes, ignora o fato de que o outro é, assim como ele, um ser humano incompleto e limitado.

Na cultura do narcisismo, o indivíduo, na tentativa de escamotear a falta, utiliza o processo de narcisização, o culto do narcisismo primário. Porém, esta tentativa esta fada ao malogro, pois, apesar de suas ilusões de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua auto-estima. Mas, para que isso aconteça, é necessário que haja uma relação intersubjetiva, isto é, um relacionamento recíproco, uma relação entre dois sujeitos. E é justamente nesse ponto que reside o problema. O narcisismo não propicia relação com o outro, pois o outro é uma exterioridade absoluta, é objeto. (...) umas das consequências disso é o sentimento de desamparo. À medida que o indivíduo não tem quem o reconheça, sente-se abandonado e, para reverter esse sentimento, narcisiza-se cada vez mais. É um efeito bola de neve (STENGEL, 2003, p. 72).

A impressão de o ‘ficar’ ser um relacionamento paradoxal ao namoro e ao casamento, pois, contrariamente a esses dois tipos de relacionamento, é marcado pela falta de compromisso e de necessidade de envolvimento afetivo, desfaz-se com a compreensão do ‘ficar’ enquanto um relacionamento circunstancial e circunscrito na vida dos jovens. Não é um relacionamento para ser vivido sempre e em qualquer situação. Ele funciona como uma maneira de experimentar e conhecer melhor o próprio corpo e o corpo do parceiro, de vivenciar as práticas afetivas e sexuais e os limites possíveis de cada relação. Além disso, o ‘ficar’ possibilita ao jovem o adiamento do compromisso do vínculo para que se possa realizar melhores e mais sólidas escolhas afetivas. “Na impossibilidade de resolver internamente a sua dificuldade de se relacionar com um outro, o indivíduo muda o que está fora, lançando mão do *ficar* para estar perto do outro sem se comprometer e sem se sentir ameaçado por ele” (STENGEL, 2003, p. 74).

Apesar de o ‘ficar’, em sua aparência imediata, ser vivido de maneira isolada e independente dos outros tipos de relacionamento que implicam em comprometimento

sentimental, Stengel (2003) afirma que o jovem não consegue realizar uma cisão completa entre prazer e culpa/sofrimento. O que ocorre é que esta relação prazer-culpa é vivenciada de maneira minimizada no ‘ficar’, já que as exigências de compromisso e envolvimento afetivo com o parceiro praticamente não existem nesse tipo de relacionamento. O jovem pode e consegue ‘ficar’, sem perder de vista a perspectiva do namoro e os planos afetivos do casamento (Stengel, 2003).

O namoro continua sendo um tipo de relacionamento afetivo muito desejado pelos jovens. Entretanto, Stengel (2003) indica que há uma concordância entre homens e mulheres de que o namoro é um desejo mais comum entre as mulheres. Diferentemente do ‘ficar’, no namoro a ênfase recai sobre o sentimento, em detrimento da beleza física. “Na nossa cultura, o namoro é visto como uma relação afetiva constante, duradoura, compromissada, em que o afeto está presente” (STENGEL, 2003, p. 75).

O namoro, assim como o casamento, são formas de relacionamento muito anteriores ao ‘ficar’ e que foram se transformando com o decorrer do desenvolvimento histórico. O namoro à moda antiga ou tradicional tinha como referência e finalidade a escolha do cônjuge para o casamento. O relacionamento constituía-se em fases, que evoluíam de acordo com a evolução do compromisso entre os amantes. Em uma primeira etapa, os parceiros conversavam discretamente no portão ou pela janela da casa da moça, debaixo da constante fiscalização dos pais dela. Essa fase durava até que o rapaz alcançasse condições financeiras satisfatórias para pedir a mão da moça em casamento. “Sobre o casal era exercido um controle rigoroso, tendo como referência imediata a preservação da honra, da reputação, da pureza da moça; em última análise, pela virgindade como bem de troca para o matrimônio na família burguesa” (STENGEL, 2003, p. 75).

Diferentemente do relacionamento à moda antiga, na forma contemporânea há uma ruptura do vínculo entre namoro e casamento. No entanto, um aspecto do namoro tradicional ainda permanece imprescindível: o compromisso. “O compromisso hoje, ao pressupor pelo menos em tese um vínculo estável, monogâmico e fiel, não implica obrigatoriamente em casamento” (STENGEL, 2003, p. 76). Contrariamente aos elementos econômicos e sociais que motivavam o namoro das gerações passadas, namorar nos dias de hoje consiste fundamentalmente na presença de um sentimento amoroso recíproco, baseado na escolha individual e livre do parceiro e na fidelidade a ele.

Em grande parte dos casos, o namoro atual tem início com o ‘ficar’, mas não necessariamente se namora os parceiros com quem se ‘fica’. Apesar da falta de compromisso

e responsabilidade que há no ‘ficar’, muitos jovens o fazem na expectativa de encontrar um (a) namorado (a). Para uma relação ter continuidade a partir de uma ‘ficada’ é imprescindível que haja interesse de pelo menos um dos parceiros. De um modo geral, o primeiro passo para essa evolução do relacionamento é a troca de telefones ou contatos virtuais pelos quais possam continuar se comunicando (STENGEL, 2003).

Stengel (2003) afirma que os jovens geralmente estabelecem alguns critérios para a escolha do parceiro ideal para namorar. Os homens preferem namorar garotas mais novas que eles e que façam o tipo “certinha”, “moça de família”, que não sejam “atiradinhas” e não ‘fiquem’ com qualquer um. Já as jovens têm preferência por rapazes mais velhos e, portanto, mais experientes afetiva e sexualmente que elas e que não sejam imaturos. Tanto para os homens quanto para as mulheres, o parceiro ideal deve ser também uma pessoa responsável, que se dedique à sua formação escolar, seja comunicativo e preocupado com o futuro profissional.

Para o jovem, os projetos afetivo e profissional estão intimamente imbricados. A juventude condiciona a tão desejada estabilidade profissional como pré-requisito para a concretização de um relacionamento afetivo mais duradouro e comprometido, como o casamento e a criação dos filhos. Os jovens estabelecem uma hierarquia de prioridades para o futuro. Casar e ter filhos é um dos principais planos a serem realizados na vida adulta, porém só deverá se realizar após a formação superior e o alcance da independência e estabilização financeira. Entretanto, afirma Stengel (2003), jovens de nível sócio-econômico baixo e outros de nível médio-alto relacionam-se de maneira particularmente diferente com a entrada no mundo do trabalho, fato que geralmente se dá nesta fase da vida.

Tomando o pressuposto marxista de que, na realidade, toda luta é luta entre interesses de classe, empreendamos uma análise das relações do jovem com o trabalho nesta sociedade. Corrochano, Freitas e colaboradores (2008), em *Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas*, apontam que 66%, cerca de 35.940.374 pessoas (dados do IBGE/Pnad, 2006) dos jovens brasileiros em idade entre 14 e 29 anos estão trabalhando ou em busca de trabalho. Enquanto que 21% ou 11.212.957 de jovens apenas estudam e não trabalham e outros 6.835.259, 13% da população jovem, não estudam, não trabalham e nem procuram trabalho. Estes dados indicam que a grande maioria dos jovens no Brasil está no mercado de trabalho. As autoras afirmam que estes dados assinalam a necessidade de se considerar a relevância do trabalho na vida do jovem, conjugado com sua situação escolar. Neste sentido, optaram por organizar a pesquisa de acordo com a relação entre o trabalho e a

vida escolar do jovem. Assim, primeiramente consideraram os jovens que estudam e trabalham ou buscam trabalho, que constituem a maioria dos jovens; jovens que estudam exclusivamente, sem buscar qualquer tipo de inserção no mercado de trabalho; e por fim, os jovens que não estão na escola, não trabalham e também não buscam trabalho.

Partindo dos resultados empreendidos junto aos sujeitos da presente pesquisa, nos reportaremos apenas aos dados que as autoras apresentam sobre os grupos de jovens que trabalham e estudam e os que apenas estudam. Observou-se que são os jovens das famílias mais pobres que ingressam no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que permanecem estudando. No tocante à situação escolar deste grupo de jovens, constatou-se realidades contrastantes: alta proporção dos que se encontram no ensino superior e também elevada proporção dos que não concluíram os ensinos fundamental e médio. Nos grupos mais velhos, de 22 a 29 anos, a frequência ao ensino superior é a realidade de mais da metade dos jovens que trabalham e estudam. “Novamente aqui, esses dados não deixam dúvidas sobre os impactos do recente processo de expansão do acesso à educação, inclusive a superior. Trata-se de uma realidade bastante recente no país, o que talvez justifique o decréscimo de jovens com idade entre 25 e 29 anos no ensino superior, se comparado com a faixa etária anterior” (CORRONCHANO, FERREIRA, FREITAS e SOUZA, 2008, p. 36).

Outra tendência apontada pela pesquisa e importante a ser ressaltada é que os jovens advindos de famílias com renda *per capita* mais elevada frequentemente ingressam no trabalho apenas a partir dos 18 anos, enquanto que filhos de famílias com renda mensal baixa se veem obrigados a muito cedo iniciarem sua vida ocupacional, para auxiliarem a compor a renda familiar, sendo que a grande maioria destes (64,6%) ocupa no trabalho a posição de empregado e outra quantia significativa (16%) trabalha sem nenhuma remuneração.

Existiam no país na data da pesquisa (2008) 18 milhões de jovens que não trabalhavam, o que representava 33,4% da população jovem entre 14 e 29 anos, e destes, 11,2 milhões dedicavam-se exclusivamente aos estudos. Os jovens que só estudam estão mais concentrados entre os mais novos e diminuem sua presença conforme avançam as idades, além de participarem, em sua maioria, de famílias com renda média e alta e viverem por mais tempo que os jovens pobres sob a dependência financeira dos pais.

Em síntese: os jovens que se dedicam exclusivamente aos estudos são mais novos em relação aos demais; em sua grande maioria ocupam a posição de filhos. Sua renda familiar per capita concentra-se acima da média nacional; 45,4% estão no ensino fundamental, 39% no ensino médio; e o grupo apresenta a melhor relação série-idade. Depois dos 22 a 24 anos, a maior parte está no ensino superior (CORRONCHANO, FERREIRA, FREITAS E SOUZA, 2008, p. 53).

Os dados apresentados apontam para uma tendência já há muito debatida e nomeada *moratória social* por estudiosos da sociabilidade juvenil. A noção de moratória implica em um adiamento, uma postergação para o jovem das responsabilidades em relação ao trabalho e à independência financeira e social. Nas últimas décadas observou-se um aumento do número de jovens que, por permanecerem por mais anos de sua vida na condição de estudante, atravessando cursos de graduação e pós-graduação, qualificando-se e especializando-se para atender às crescentes exigências do mercado de trabalho, permanecem assim por mais tempo sob a tutela da família. Evidentemente que este período de moratória se processa diferente para jovens de famílias de classe baixa e outros de classe alta. Quanto maior for a capacidade financeira dos pais, mais tempo os filhos podem dedicar-se à formação intelectual e artística sem ter que se preocupar com o *ganha pão* (Kehl, 2004; León, 2005).

E assim, como aponta Kehl (2004), o aumento progressivo da formação escolar e profissional, a alta competitividade no mundo do trabalho e crescente escassez de empregos atrelada ao fantasma do desemprego levam o jovem adulto a viver mais tempo na condição de “adolescente”, incapaz de emancipar-se dos desígnios paternos, e sendo que esta condição é inteiramente sustentada e avalizada pelos pais. Ser jovem tornou-se ideal de saúde, beleza e bem estar, sem grandes preocupações. É neste sentido que a autora afirma que a juventude contemporânea deixou de ser uma fase transitória e, portanto, de preparação para as responsabilidades da vida adulta e passou a constituir um estado de espírito, do qual sujeitos de 30, 40, 50 anos insistem em não abdicar e continuam a manter uma postura diante da vida como se fossem eternamente jovens belos e inseqüentes.

Enfim, embora a questão da juventude seja abordada de diferentes perspectivas, há uma convergência que a aponta como uma realidade que se construiu historicamente, mais precisamente a partir da modernidade e seu processo de industrialização, com a necessidade da delimitação entre o que seria a criança, incapaz de trabalhar, e o adulto, sinônimo de força de trabalho. A juventude se configurou como uma etapa de transição entre as duas fases bem demarcadas, e sua potencialidade para o trabalho a colocou em pauta de estudos e discussão. Estas análises contemplam os aspectos psíquicos e subjetivos da juventude, da efervescência hormonal da puberdade, que a faz ser freqüentemente considerada uma fase de conflito e revolta, à iniciação da vida afetiva e sexual, marcada pelo primeiro beijo, pelo ‘ficar’, pelos primeiros namoros, e primeira relação sexual. Além dos elementos psicológico e afetivo, os estudos acerca da juventude também se dedicam à compreensão e discussão de elementos

sociológicos dessa etapa da vida, como o alargamento da condição de estudante e a entrada no mundo do trabalho.

Capítulo III

As histórias singulares e a universalidade dos sentidos e significados

Serão apresentadas a partir de agora breves sínteses que procuram articular as histórias de vida singulares de cada sujeito entrevistado, entremeadas pelas mediações da família, dos amigos e colegas, da religião, da indústria cultural, apreendidas pelo questionário e pelos relatos individuais acessados pela entrevista. O intuito destas sínteses é tecer uma análise que permita a compreensão da constituição singular, mas socialmente mediada, do sentido de relacionamento afetivo de cada jovem e que, ao final, possibilite uma reflexão desta construção particular e individual em sua relação intrínseca e indissociada com instâncias universais de mediação apresentadas no capítulo 1.

3.1 - Os jovens e suas histórias

Murilo, 19 anos

Murilo é estudante de Geografia, proveniente de uma família de baixa renda e afirmou, na época da aplicação do questionário, haver ‘ficado’ com apenas uma pessoa nos últimos doze meses. Murilo mora com os pais e uma irmã mais velha. Trabalha como professor entre 30 e 40 horas semanais e contribui parcialmente com seu salário para a composição da renda familiar. A mãe que, assim como o pai possui o ensino fundamental incompleto, é a principal provedora da renda da família, que está entre 801,00 e 1.600,00. Murilo estudou a maior parte da vida escolar em instituições de ensino públicas.

Murilo afirma várias vezes que compartilha da “visão arraigada” que seus pais têm sobre a família e o casamento como algo sagrado.

Tenho, assim como meus pais, uma visão arraigada, do casamento ser algo sagrado, que tem que ser algo para a vida toda. De que quando você casa com alguém você une em uma só carne e tem que viver assim até que e a morte os separe. E essa minha visão de casamento, de família, vem dessa visão que meus pais têm de casamento.

E é interessante observar que esse seja o discurso preponderante em uma família em que o casamento dos pais parece só se conservar em função deste compromisso sagrado, de que o casamento tem que durar até que a vida os separe, já que Murilo conta que pai e mãe vivem uma relação tensa e complicada, constituída por muitas brigas, discussões e desentendimentos.

É complicado! É tensa... ‘vixe Maria’, coitado do meu pai. Eles têm quase trinta anos de casados, acho que são vinte e oito anos, e é bastante complicada a relação deles, com muita discussão, muita briga. Mas assim, acho que por eles também terem essa visão de família tão arraigada eles mantêm o casamento, mesmo com todas as discussões e as entrelinhas dessa história.

É muito presente também na fala de Murilo apreensões acerca da família, da sociedade, dos relacionamentos afetivos que certamente foram mediadas pelos estudos e teorias do curso de Geografia, do qual Murilo cursa o quinto período.

Então ‘qual é o sentido da família?’ a família é todo o conjunto que te auxilia, te ensina, te faz ter uma personalidade, é um meio externo que influencia na própria personalidade da gente. (...). E se a estrutura familiar, considerando que a família começa a partir de um casal que vai se reproduzir e produzir um grupo, eu acho que se esta estrutura está abalada, a sociedade vai se abalar também. Até mesmo os fatores psicológicos começam a serem abalados dentro da família e vai ser transmitido, externalizado na sociedade. Isso é na minha opinião, não tenho nenhum empirismo científico para provar isso, mas...

Murilo participa semanalmente da igreja evangélica Congregação Cristã do Brasil, ou ‘igreja do véu’, como é popularmente conhecida, de acordo com o jovem. Nesta igreja, as mulheres devem ser totalmente submissas ao marido e não podem ter vaidades como cortar o cabelo, se maquiar e se produzir. Murilo afirma que não escolheu a igreja, mas que a freqüenta desde pequeno por influência de uma tia, que levou ele e a irmã primeiramente, e que depois seu pai e sua mãe também passaram a freqüentar a igreja. Diz acreditar que os princípios da fé religiosa orientam sua vida em todas as esferas.

Se você acredita em um caminho a seguir ou se você acredita em uma doutrina, que seja religiosa ou que esteja arraigada em uma divindade e que te oriente na conduta da sua vida, isso com certeza vai ter influência em todo o seu modo de viver. (...) Então ela é indispensável! Em todo este conjunto, em tudo isto que a gente discutiu tem sempre algo da religião no meio. Nestes valores, nestes princípios que eu muito prezo e que para outras pessoas não tem mais este significado.

Murilo namorou dois anos e cinco meses com uma garota. Segundo ele, um ‘namoro sério’, de freqüentar a casa dos pais dela e não ‘ficar’ com mais ninguém além da namorada. Porém, como não entrevia a possibilidade de se casarem tão logo, Murilo resolveu terminar o namoro. Afirma que, desde então, sua vida melhorou, pois agora está tendo “*uma vida mais aberta a outros relacionamentos, digamos, o ‘ficar’*”. Confessa que ‘ficou’ com várias meninas desde que terminou o namoro e que até tem compreendido o ‘ficar’ como algo normal e bom. Quando questionado se esse tipo de relacionamento curto e sem compromisso não ia contra os rígidos princípios de sua igreja ele responde que

Não! Depende do ponto de vista. Porque, na verdade, quando eu falo em ‘ficar’ eu estou falando em namoros passageiros. Não é nenhum casamento, mas também acho que não é nada que fira a integridade religiosa da doutrina da minha igreja. E como eu disse também, eu não sigo a religião. Eu tenho a minha fé e sigo uma doutrina cristã bíblica.

Percebe-se aqui um arranjo psíquico para que não haja contradição interna entre a fé religiosa e o modo de comportar-se afetivamente.

Alex, 21 anos

Alex é estudante do curso de Geografia, advém de uma família de renda mensal baixa. Mora com a mãe, o padrasto e dois irmãos mais novos, frutos do casamento da mãe com o padrasto. Contou ter ‘ficado’ no último ano com um número que varia de 21 a 30 pessoas. Alex disse que a mãe se separou do pai quando ele tinha cinco anos e que desde então tem pouco contato com o pai, que também se casou de novo e teve mais três filhos. Viveu sempre com a mãe e, depois, com o padrasto, a quem considera um verdadeiro pai. *“Então pra mim, família mesmo, é minha mãe, meu padrasto, que é como um pai pra mim, porque eu era pequeno quando ele foi morar com minha mãe, então virou pai”*. Alex repete por vezes que não tem uma estrutura familiar perfeita, que sua família é toda dividida e que também considera família como um grupo mais amplo, que inclui parentes e amigos mais próximos.

Trabalha em uma banca de frutas de um mercado popular de Goiânia durante todo o dia, ou seja, 40 horas semanais e do trabalho vai direto para a faculdade de Geografia. Ao encerrar as aulas, Alex vai de ônibus até a Praça Universitária, onde pega o ônibus escolar que o leva até sua cidade, que fica a aproximadamente 40 quilômetros de Goiânia. Apesar de trabalhar, Alex não contribui para a constituição da renda familiar, que tem como principal responsável o padrasto e que está entre 801,00 e 1.600,00. Tanto o pai como a mãe de Alex possuem o ensino fundamental incompleto.

Alex afirma ter uma fé cristã, mas não uma religião, pois apesar de acreditar em Deus não frequenta nenhuma igreja, pois se decepcionou muito com o comportamento das pessoas que frequentam com assiduidade a igreja.

É, eu sou cristão! Mas eu não tenho uma igreja. Eu não sou católico, eu não sou evangélico, não sou de nenhuma igreja. Eu me decepcionei muito com a igreja. A igreja deveria ser um lugar que você vai para orar, para meditar e não para ficar falando das outras pessoas que vão lá, se elas têm isso ou tem aquilo, isso para mim não interessa. Aí eu deixei de ir na igreja. Acreditar em Deus eu acredito! Agora, eu não acredito na igreja, no jeito que é a igreja hoje. Eu tenho uma fé, mas não tenho uma religião.

O jovem afirma a importância da fé frente ao desamparo de ser humano, na importância de acreditar em algo para além desta vida terrena e cheia de dificuldades.

Eu acho que tem essa carência do ser humano de achar que tem um ser superior, uma coisa maior que olha pela gente, mesmo quando a gente está sozinho. Eu acho que isso é muito importante para todo mundo, ter uma religião, uma fé. (...) É um conforto para a gente, você achar que tem algo mais, que você não vai se perder. Tudo o que a gente faz no mundo hoje é para ter algum status, alguma coisa, para ser uma pessoa. E você imaginar que, quando você morrer, isso tudo vai acabar é uma coisa que a mente humana não consegue processar. É o nada! E o que é o nada? O que vai acontecer comigo depois que eu morrer? Não vai sobrar nada? E minhas memórias, minhas recordações, tudo o que eu aprendi tudo o que eu vivi vai ficar perdido? Eu acho que a gente não consegue elaborar isso na cabeça e por isso que a gente busca alguma coisa.

Alex afirma que sua fé não é um fator que tem relevância na hora em que vai se relacionar afetivamente, isso porque, segundo Alex, ele não se encaixa nos padrões bíblicos justamente pela maneira como costuma se relacionar, ‘ficando’ com várias pessoas em uma noite, sem nunca buscar um compromisso.

E eu já nem leio a bíblia mais por isso, porque eu vejo que eu não estou enquadrado nos planos do que está escrito lá de jeito nenhum. Eu não sou exemplo de pessoa. Eu não faço tudo certo. Aliás, eu faço mais coisas erradas do que certas. E se eu for seguir á risca tudo o que está escrito na bíblia, eu já começo a imaginar que eu não tenho salvação não. Justamente pelos relacionamentos... e que não se enquadra no que está escrito lá. Eu, com os meus relacionamentos de hoje, ficaria totalmente de fora desses padrões.

Além disto, conta que não se apega agora tanto aos princípios religiosos como há um tempo atrás, quando era bastante perfeccionista e chegou a ter sintomas obsessivos. Hoje em dia se permite ser mais livre para ‘ficar’ com quantas e com quais pessoas quiser, sem se preocupar com o que está escrito na bíblia.

Agora nem tanto! Eu passei por uma fase complicada, em que eu era muito perfeccionista, cheguei até a ter alguns sintomas de T.O.C. Eu queria uma coisa, mas não podia fazer porque eu achava que ia acontecer outra coisa, não passava em alguns lugares. Agora não! Agora eu consegui controlar isso e acabou.

Alex conta que, comparado a outros meninos da sua idade, demorou a começar a ‘ficar’ com as meninas, pois durante a infância e grande parte da adolescência foi obeso e, segundo ele, isso o inibia, além de não despertar a atenção das garotas. E com o intuito de ser inserido no grupo dos que já ‘ficavam’ ele, com dezesseis, dezessete anos se esforçou, fez dieta, malhou bastante até não ser mais ‘gordinho’. E foi então que começou a se relacionar afetivamente.

E eu era bem gordinho, bem gordinho e as meninas não se interessavam por mim e eu ficava puto da vida com aquilo. Eu não queria mais ser gordinho! Eu via que aquilo me prejudicava muito, não é todo lugar que te cabe, as pessoas geralmente tem preconceito ‘ah, você é gordo, não vamos levar ele aqui não porque cabe’. Então resolvi fazer uma dieta, correr, malhar e fazer de tudo, até que eu consegui perder peso. Aí fiquei magro (risos). E foi mais ou menos nessa época mesmo, de dezesseis para dezessete anos. Comecei a emagrecer e aí, depois eu comecei a namorar, aí eu perdi a vergonha.

Alex declara que tem uma enorme dificuldade de se apaixonar por alguém e manter um relacionamento afetivo com uma pessoa por muito tempo. E, deste modo, apenas ‘fica’ com

várias meninas nas diversas festas automotivas que gosta de frequentar com o grupo de amigos pelo interior do estado. Ele relaciona essa dificuldade de se apegar e se entregar a um relacionamento amoroso a uma decepção amorosa que teve com seu primeiro ‘amor adolescente’, no qual gostou e continua gostando muito de uma pessoa, mas que não foi correspondido.

Não consegui mais me apaixonar por ninguém. E eu relaciono isso a experiências passadas, coisas que aconteceram. Eu até tento, namoro às vezes, fico um tempo namorando com uma pessoa, mas logo acaba, não dá certo. E não dá certo por desinteresse da minha parte, eu vou me desinteressando... Eu acho que é mais por decepção do passado, por ter tido relacionamento que não deu certo. Alguma coisa que fracassou no passado, que eu não tive correspondência. (...) Eu namorava uma menina da minha cidade. Eu gostava demais dela, muito, muito, muito mesmo! E parece que ela não tinha o mesmo interesse por mim. Eu gostava muito. E a gente foi namorando e a coisa foi esfriando, ficando cada vez mais ruim. E acabou que ela terminou comigo. E aí eu não consegui mais a partir disso aí... Continuo gostando dela. Gosto dela, mas não dá. Já tem seis anos, era um amor de adolescente. Eu tinha meus dezesseis, dezessete anos. Aí de lá pra cá, eu fui para o mundo mesmo. Fui conhecendo muita gente... conheci de tudo no mundo! E não consegui mais ter um relacionamento fixo por muito tempo com uma pessoa. E acho que é até por isso que eu não confio mais, tanto, em outras pessoas, falar que gosta. Eu não dou conta de chegar em uma pessoa e falar, mesmo que eu esteja namorando, falar ‘eu te amo’. É uma coisa que para mim é difícil. Acho que é um medo de me expor, de me abrir para a pessoa e tomar de novo...

Contando tudo isso, Alex demonstra que essa sua dificuldade de se apaixonar e de manter um relacionamento duradouro não lhe parece estranho ou algo que deva ser mudado. Segundo ele, o que mais esse seu jeito desapegado o atormenta é o fato de que sem um relacionamento fixo, estável com uma única pessoa não será possível que ele tenha filhos, que é um grande desejo seu. Neste sentido, afirma que espera que esta ‘fase’ de gostar de ‘ficar’ com muitas pessoas diferentes e não gostar de nenhuma seja superada no futuro pela vontade e responsabilidade de constituir uma família.

Nossa! Meu sonho é ter um filho. Mas eu não queria ter um compromisso com a pessoa, sabe? Aí eu acho que já é complicado, eu ter um filho e não ter um compromisso com a pessoa. A criança vai ficar desamparada também, com pais separados, o pai de um lado, a mãe do outro, sem conhecer a mãe ou sem conhecer o pai. Eu queria ter uma criança e criar ele mesmo. Espero que no futuro eu não continue com essa mesma dificuldade de me vincular. Pra mim ter um filho, eu tenho que ter um vínculo e se eu não for capaz de gostar de ninguém não vai ser um relacionamento legal, não vai ser uma coisa boa.

Jonas, 20 anos

Jonas é estudante do terceiro ano do curso de Direito, mora com os pais e com a irmã mais velha e afirma não ter ‘ficado’ com nenhuma pessoa no último ano. O pai, que possui o ensino médio completo, é o principal responsável pela renda familiar, que está entre 8.001,00 e 12.000,00. A escolaridade da mãe é o ensino superior completo. Jonas estudou somente em escolas privadas.

Afirma acreditar que a família é um plano de Deus, que a planejou, segundo Jonas, para que se realize na estrutura tradicional: homem, mulher e filhos. *“Então família para mim é isso, um plano de Deus que foi estabelecido para que o homem pudesse se desenvolver”*. Não só o significado de família, mas também vários outros aspectos da vida de Jonas estão atravessados e fundamentados pela religião. Afirma que sua fé religiosa funciona como uma visão de mundo, que guia sua maneira de se comportar em todas as esferas da vida.

A minha visão de mundo é basicamente uma visão cristã. (...) Eu procuro estudar a bíblia quase diariamente, estou sempre escutando músicas cristãs. É quase que natural, para mim, religião e vida. Para mim não tem essa diferença. Então a minha vida perpassa pelo cristianismo, quase tudo que eu faço tem a ver com o cristianismo, as minhas atitudes quase todas têm a ver. Minha visão de mundo é isso, tem o cristianismo como base, como fundamento.

Essa marcante transversalidade da religião na vida de Jonas, que diz frequentar a Igreja Cristã Evangélica de Campinas todos os dias, é apontada por ele como advinda de uma tradição da família que, desde a geração dos bisavós, é cristã protestante.

Eu sou da igreja cristã evangélica de Campinas, que é uma igreja evangélica protestante. Minha família toda é. É tradição na família, apesar da minha fé não ser tradicional. Eu digo que é tradição porque meus bisavós foram. Então vem de muito tempo, quase cem anos que a minha família é cristã protestante.

Jonas indica que tenta se comportar e fazer escolhas de acordo com os princípios da bíblia. Certamente essa forte ligação com a religiosidade é o que marca a singularidade deste sujeito frente aos outros do sexo masculino no que se refere principalmente à concepção de relacionamento afetivo. Ele não considera certo iniciar um relacionamento com uma pessoa quando não há condições que possibilitem uma relação fixa e duradoura que vise o casamento.

É um dos motivos pelo qual eu não estou namorando, não estou me relacionando com ninguém hoje. Porque eu não prevejo ainda, hoje, uma possibilidade de casamento. Para mim o plano é o casamento. Então o que vem antes do casamento é quase uma preparação para o casamento. Então eu entendo o namoro, não como um passatempo ou alguém para você dividir suas experiências, se bem que é. Eu vejo como uma pessoa que vai construir, junto com você, um relacionamento no casamento.

Jonas relata também o caso de um relacionamento com uma menina que era muito diferente dele, da qual ele gostava muito. E, de acordo com ele, chegou um ponto do relacionamento em que eles partiam para um namoro ou terminavam a relação, pois, de acordo com o jovem, eles não poderiam continuar ‘ficando’, por não concordar com este tipo de relacionamento.

E como a gente era muito diferente, um namoro não daria certo. ‘Ficar’ daria certo, porque a gente ‘ficaria, ficaria, ficaria’, sem nenhum compromisso e não teria problema nenhum. Mas como chegou num ponto em que ou a gente namorava ou a gente terminava, então a gente decidiu terminar. E para evitar isso, eu não ‘ficaria’, porque ‘ficar’ gera um vínculo que, na verdade, você não pode alimentar, muitas vezes, você não pode prolongar.

E Jonas afirma que foram as diferenças entre ele e a garota de quem gostava que motivaram a decisão de dar um basta ao relacionamento que, segundo o jovem, não suportaria divergências e conflitos, principalmente no que se referia à escolha religiosa.

Nesse exemplo mesmo que eu te contei, dessa história dessa menina que eu tive, a gente estava 'ficando' e chegou no ponto de namorar. Eu perguntei para ela o que ela esperava de um namorado e ela disse que queria um namorado que fosse para a balada com ela, que saíssem juntos. E eu, imaginava que minha namorada fosse para a minha igreja comigo. Então a gente teria um conflito! Não que não pudesse ser diminuído, se fosse o caso. Mas tem problemas que podem ser evitados. Assim, não é um ambiente que eu gosto, então vai gerar conflito. E então a gente conversou e viu que, apesar de ter 'ficado' um tempo junto, não daria certo, então a gente terminou, não 'ficou' mais. Justamente por essa questão que é relevante para minha religião. Então uma maneira de evitar isso seria escolher alguém que tenha a mesma visão que eu, mas não necessariamente a mesma religião.

Jonas aponta assim os fatores que motivam sua posição de não se relacionar de maneira alguma com alguém até que possa assumir as responsabilidades de um compromisso mais sério: o fato de não possuir no momento condições materiais para casar-se, sua dificuldade em relacionar-se com alguém que tenha valores e escolhas diferentes das suas e, enquanto isso, também não julga certo apenas 'ficar' com pessoas, pois teve uma experiência no passado que deixou marcas que não passaram.

Frederico, 20 anos

Frederico é aluno do curso de Medicina, filho de uma família de renda alta e conta que 'ficou' no último ano com "umas 50" mulheres. Frederico vive com a mãe, o padrasto e a irmã mais nova. Seus pais se separaram quando ele tinha 2 anos de idade e sua mãe casou-se com o atual marido há aproximadamente 10 anos. Frederico afirma ter uma relação muito boa com o padrasto e que o considera como um "segundo pai". Seu pai também casou-se novamente e teve outras duas filhas. Frederico diz ter um "contato" bom com o pai, que reside próximo à sua faculdade, onde ele almoça pelo menos três vezes por semana.

Frederico aponta a pouca idade e imaturidade dos pais como o motivo do fracasso do casamento.

Durou uns quatro anos. Também foi... os dois eram muito jovens, irresponsabilidade... foi mais pela paixão, mesmo, de adolescente. Minha mãe me teve ela tinha vinte anos, dezenove. Então é um típico exemplo pra mim também de que não vale a pena (...). E o exemplo negativo eu acho que é a lição, de que se for pra fazer pelo impulso, não fazer... É uma escolha que tem que ser pensada bastante. Não pode sair por aí casando e tendo filho...

A experiência da separação dos pais em função da imaturidade é marcante no significado que Frederico dá ao namoro e ao casamento como algo que, para dar certo, tem que ser bem pensado e na hora certa.

Eu acho que depende da hora que a pessoa escolhe. Se for pra ela casar num momento que ela acha, que ela sabe que não vai poder cumprir com as obrigações de tudo o que implica um casamento, eu acho que é melhor ela não casar. E mesma coisa com o namoro. Se ela acha que não vai namorar direito, então é melhor não namorar. Então eu acho que o casamento quando ele é feito na hora certa, com planejamento, os dois querendo de verdade... eu acho que é bom. Mas, não sendo nessa hipótese, eu acho que não compensa. Se for pra terminar o casamento dois, três anos depois, melhor não casar.

Apesar de Frederico estar a dez meses namorando uma moça seis anos mais velha que ele, foi, dentre os sujeitos masculinos, o que afirmou ter ‘ficado’ com o maior número de pessoas no último ano, “umas 50”. Em vários momentos da entrevista, Frederico refere-se a uma prática muito comum entre os homens que é a competição entre eles, em que o vencedor é aquele que consegue ‘ficar’ com o maior número de mulheres. Frederico aponta que, desde o início de seus relacionamentos afetivos, ele convive com esta prática competitiva no seu grupo de amigos e que ele indica como uma característica cultural do homem.

Competição por quantidade! Aí depois, lá pela sexta, sétima vem a qualidade também. Mas homem é mais a quantidade mesmo. É mais forte no homem! Com certeza! Pela própria criação, de que o homem tem que ser macho, tem que ‘pegar’ mesmo e tal... acho que é mais por causa disso. Acho que criação cultural mesmo. O homem é mais liberal, tem menos pudor, pode falar... A menina mesmo quando ela faz, ela não tem essa competição, até porque muitas têm vergonha de contar, de assumir. Agora o homem não, o homem acha é bom contar ‘fiz isso, fiz aquilo...’.

E quando questionado acerca da importância do grupo de colegas e amigos nesta competitividade, Frederico responde:

Ah, influencia, porque desde cedo tem a competição. No começo mais mascarado, mas sempre tem. Não é declarada, é lógico, ninguém assume. Mas acaba que, bem ou mal, se você está numa boate ou em um show, sempre tem a competição. Um chega e fala ‘fiquei com três’, daí vem outro e fala ‘ih, não fiquei com nenhuma ainda hoje’... aí ele já sai mais preocupado, começa a olhar melhor... e talvez até por isso ele não fique com nenhuma. Mas tem sim, até hoje. É mais forte no homem! Com certeza!

É possível apontar, com base nestes relatos de Frederico, que sua facilidade para ‘ficar’ com diferentes garotas sem se vincular a nenhuma, constituiu-se principalmente em sua relação com seus grupos de sociabilidade, como os amigos.

Vixe, eu tava numa fase... a maioria dos meus amigos estavam solteiros na época, então eu estava saindo muito. E bebendo muito também... tava ficando com muitas meninas, muitas. Eu achava bom! Porque quando você está solteiro você quer é isso, pelo menos a maioria que eu vejo dos homens... fica com três, depois mais para o final escolhe uma pra ficar mais, até o fim da festa. É, quatro, sete, dez... é normal! (...) Eu acho até certo ponto bom, porque se a pessoa não está querendo namorar, não está com cabeça pra isso, é melhor ela só ficar mesmo, que aí ela não dá problema para a outra pessoa. Então se ela não quer namorar, está com problema em casa ou acabou de sair de um namoro, ou não quer mesmo, não tem cabeça pra isso... o que ela tem que fazer é ficar mesmo, porque não ilude ninguém. Então é melhor só ficar mesmo, no outro dia some, é melhor que... se os dois quiserem, de um jeito ou de outro vai ter

continuidade. Quando eu saio pra ficar com alguém eu só fico, no outro dia... geralmente eu nem pego telefone que é pra nem criar expectativa, só se eu gostasse mesmo.

Mesmo afirmando que seu comportamento, como é comum entre os homens, é mais liberal, mais despudorado em relação ao sexo feminino, observa-se características fortemente conservadoras em relação aos relacionamentos afetivos e que se relacionam com valores familiares tradicionais. Apesar de ‘ficar’ com várias mulheres em uma noite e considerar isso normal em se tratando de um homem, Frederico está em seu segundo namoro e recai no discurso masculino de que existe mulher pra ‘pegar’ e mulher para namorar.

É a segunda namorada que eu levo lá em casa. Então minha mãe sabe, se eu namoro e se eu levo, é porque eu gosto, é mais seguro. Então ela nunca interferiu em nada não. Acho que se eu levasse muitas ela poderia ficar mais preocupada. E como é a segunda... a outra durou só sete meses, eu era muito novo, tinha dezesseis anos, dezessete. Então ela sabe que quando eu levo é porque é mais sério.

Além disso, demonstra conservadorismo também ao caracterizar as transformações que têm ocorrido na relação homem-mulher.

Eu acho que o que mais mudou foi o feminismo. Por exemplo, a mulher não é mais aquela de ficar em casa e o namorado sair depois; o namorado vai jogar futebol com os amigos ela fica em casa... sabe, então hoje eu dia já não é bem assim. Eu vejo muito pelas meninas aqui ‘ah não, hoje é só as meninas, vamos fazer um brigadeiro na casa de fulana...’. Por exemplo, um casal de amigos terminou aqui agora, aí o menino já saiu né, show, festa, não sei o quê... a gente achou que a menina fosse ficar chorando em casa, e ela também está saindo. Então acho que foi isso que mudou, a mulher hoje já não é tão submissa, tão atônita, eu acho que ela já está mais esperta pra vida. Eu como homem acho errado, eu acho errado assim... não, eu acho certo!

E ao falar sobre o que acha deste costume masculino, Frederico aponta que, muitas vezes, a ânsia pela quantidade acaba por comprometer a qualidade do relacionamento. Mas é interessante observar que, mesmo tendo esta concepção, ele continua aderindo às práticas do grupo.

Eu acho que isso acaba prejudicando ele mesmo, porque ele fica nessa ânsia de querer mostrar para os outros e acaba que ele aproveita menos. Ele mesmo não se satisfaz. Ele quer fazer uma coisa para mostrar para os outros. Então ser ‘o catador’, ser ‘o bonitão’, acaba que ele é quem sai mais prejudicado, porque é o que menos aproveita.

Frederico conta que, apesar de continuar acreditando em Deus, não tem nenhuma religião e não frequenta mais a Igreja Católica com a família, que vai à missa todo domingo. De acordo com ele, de uns dois anos para cá (equivalente ao tempo em que ingressou na universidade) tem se questionado muito sobre o papel da igreja na sociedade e, por discordar de muitas atitudes da Igreja Católica, tem mantido uma postura cética em relação a ela.

Não tenho nenhuma religião. Assim, minha mãe e todo mundo é católico, então assim, eu sempre fui na igreja. Mas de uns dois anos para cá eu não estou indo muito à igreja não, eu estou meio cético quanto à igreja. A fé continua, não diminuiu nada a fé, continua. A única coisa que eu fico pensando é no papel da igreja... não na fé, em Deus... essas coisas não. Eu estou falando do papel da igreja, eu fico olhando lá

e... não concordo muito. Jesus andava sem nenhum real no bolso e a igreja fica aí com esse tanto de dinheiro, com esse tanto de coisa, por que que não vai ajudar então? É uma ou outra que tem um asilozinho pra cinqüenta velhinhos. E com o dinheiro que eles ganham dá para fazer e ajudar muito mais. Então é isso que eu fico pensando, sabe...? Será que eu preciso ir na igreja pra rezar ou eu posso fazer isso em casa?

Larissa, 21 anos

Estudante do curso de Pedagogia, Larissa pertence a uma família de classe baixa, que afirma ter ‘ficado’ com apenas uma pessoa nos últimos doze meses. Larissa mora com a mãe, o padrasto e dois irmãos, sendo que um dos irmãos é filho da mãe com o padrasto e o outro é filho da mãe com o mesmo pai de Larissa. Ela conta que não conhece o pai, apenas sabe que ele reside em Brasília. Mas considera o padrasto como um pai, com quem convive desde bem pequena, mantendo um bom relacionamento. O padrasto, que não completou o ensino médio, é o principal provedor da renda familiar, que está entre 801,00 e 1.600,00. Larissa, que estudou apenas em escolas públicas, trabalha entre 30 e 40 horas semanais como professora, porém não contribui com seu salário para a constituição da renda familiar. A mãe de Larissa cursou até o ensino fundamental.

Larissa afirma que sua família é muito unida, que mãe e padrasto não são casados oficialmente, apenas ‘amigados’.

Eu quero seguir... Igual, por exemplo, minha mãe é muito unida com meu padrasto, nunca vi eles brigando, eles se dão super bem. Então, se eu tiver a sorte de ter um casamento assim, em que eu me dou bem com meu esposo, pra mim vai ser perfeito. E eu não tomaria como exemplo o fato de não casar mesmo, porque minha mãe não é casada no papel, ela só amigou. Então, se eu for casar, eu quero casar direitinho.

Questionada acerca da sua fé religiosa, Larissa afirma que não possui uma religião, mas que já participou de diferentes igrejas, principalmente evangélicas, mas assim como seus familiares, nunca se vinculou a nenhuma.

Ninguém da minha família disse que era evangélico ou católico, nunca! A gente sempre vai na igreja que achar que se sente melhor, mas nunca batizou, nem nada. (...) Eu freqüentava. Aí de um tempo para cá, eu fui deixando. Mas foi por lerdeza mesmo, eu até sinto necessidade de voltar, mas... sabe aquela coisa assim ‘ah, amanhã eu vou’? Aí você não vai. ‘Ah, amanhã. Não, semana que vem!’ Então eu fui deixando. Mas eu quero voltar a freqüentar sim. E lá em casa, todo mundo está na mesma história que eu: ‘amanhã; depois...’. Quando eu parei de ir, parou todo mundo que ia junto. A gente nunca teve assim essa coisa de ‘ah, eu sou dessa religião!’. Nunca!

Apesar de não se considerar uma pessoa religiosa e de não freqüentar nenhuma igreja, Larissa credita importância ao elemento religiosidade ao realizar suas escolhas afetivas, pois

acredita que pessoas religiosas têm mais princípios que outras que não crêem em nada. Aqui evidencia-se uma forte vinculação entre valores familiares e os religiosos.

É importante! Porque, apesar de eu nunca ter sido batizada, eu fui criada em igreja evangélica. Então tem uns princípios que, mesmo você estando afastada, você leva com você, independente até da religião. Igual, por exemplo, eu analiso se a pessoa bebe muito... eu não sou contra bebida alcoólica. Mas se for excessivo, eu já tento me afastar. Cigarro, até o presente momento pra mim, não tem jeito, eu nem me aproximo, de forma nenhuma! Então são coisas que você vai aprendendo, tanto dentro da igreja, quanto na família mesmo. E olha que eu nem convivo com ninguém que bebe nem que fuma.

Ao entrarmos no tema dos relacionamentos afetivos, Karine afirma ser uma jovem bastante tímida, que começou a se relacionar afetivamente com dezoito anos, com um parceiro mais experiente, com quem se sentiu inexperiente e imatura.

Eu sou muito tímida para essas coisas. Então meu primeiro relacionamento, pra mim foi no momento certo. Mas para as outras pessoas, elas acreditam que foi até tarde. Eu tinha dezoito anos, então não faz tanto tempo assim. E, foi meio estranho, mas... correu tudo bem. Acho que o fato de você se envolver com uma pessoa bem... não bem mais velha, mas mais experiente, eu acho que eu me senti inexperiente no momento. Eu me senti muito infantil. Não no sentido de criança mesmo, mas no sentido de pouca experiência. Imatura, essa é a palavra! Durou muito pouco. A gente não se entendia muito bem. Sabe quando uma pessoa pensa em azul e a outra pensa em rosa? Totalmente diferente!

Larissa se relaciona afetivamente muito pouco com outras pessoas e aponta a relevância da timidez neste processo. Além disso, não concorda com ‘ficar’ com pessoas diferentes, pois considera isso vulgar.

Eu, particularmente, não gosto! Eu sou mais tímida para essas coisas. Eu acho que esse negócio de ‘fica’ com um aqui e outro ali, eu acho que não tem significado para a pessoa. Pelo menos eu acredito que, para mim, não tem significado nenhum ‘ficar’ com uma pessoa aqui e outra ali. Eu não concordo mesmo. Acho que fica um pouco vulgar, não só no caso da mulher, mas do homem também, eu acho que fica um pouco vulgar, uma coisa assim... sei lá, parece que a pessoa não gosta nem dela.

Afirma que os relacionamentos têm sofrido mudanças no sentido de que as pessoas não desejam mais assumir compromissos duradouros e que visem ao casamento. E, além disso, aponta que a importância da afetividade, que anteriormente diferenciava homens e mulheres, tem se dissolvido e que ambos não se interessam muito em se envolver afetivamente e manter um compromisso em uma relação.

Antes a pessoa já pensava em namorar para casar. Hoje é muito difícil alguém namorar pensando em casar. Às vezes, casamento é consequência, às vezes porque engravidou ou porque aconteceu alguma coisa. Nunca o casamento é planejado, pelo menos na maioria das minhas amigas tem acontecido muito isso. Então, eu acredito que está mudando bastante esta estrutura. (...) Eu acho que é mais ou menos a mesma coisa. Antes, para a mulher era diferente, porque a mulher era mais afetiva. Mas hoje eu percebo que a mulher perdeu isso, está caminhando junto com o homem agora. Eu acho que ela está começando a acompanhar o homem. Porque o homem geralmente é mais... não tem muito afeto. Eu acho que as mulheres estão começando a acompanhar eles na forma de pensar sobre relacionamento afetivo.

Clara, 20 anos

Clara cursa o quinto período do curso de Pedagogia, advém de uma família de classe baixa e disse ter ‘ficado’ com um número que varia de 16 a 20 pessoas neste último ano. Clara mora com a mãe e os quatro irmãos mais novos. Os pais se separaram recentemente e o pai foi morar fora de casa. A mãe, que possui o ensino médio completo, está desempregada e Clara, que estudou a maior parte da vida em escola pública e trabalha como professora, é então a principal responsável pela renda familiar, que situa-se entre 801,00 e 1.600,00. Com seu salário ela paga o aluguel, faz as compras dos mês e o pai, que possui o ensino fundamental incompleto, ajuda pagando as contas da água e da energia elétrica. O irmão de dezessete anos também trabalha mas, por receber apenas um salário mínimo, contribui pouco para a formação da renda da família.

Ela conta que os pais brigavam muito, principalmente por ciúmes. Afirma que sempre tentou não deixar que os problemas familiares interferissem em sua vida pessoal e aponta que se se deixasse influenciar pelo fracasso do casamento dos pais, não se casaria nunca. No entanto, percebemos que as dificuldades e sofrimentos vividos pela família em decorrência das discussões e até agressões físicas entre os pais constituem sim o significado que Clara produz acerca dos relacionamentos afetivos e principalmente do casamento.

Não tinha paz, não tinha descanso lá em casa, eles brigavam mesmo, muito. Às vezes até de agressão física, então foi meio que um alívio. Apesar de que meu pai faz falta, só que está bem mais tranqüilo agora. Minha mãe começou a envolver com ele muito novinha e minha mãe é muito ciumenta, ele também é muito ciumento. Então por causa do ciúme dos dois, eles ficavam constantemente um jogando na cara do outro que um estava traindo o outro... aí rolava brigas frequentes. E foi assim a vida toda, desde que eu me entendo por gente, eles brigam por causa de ciúme. (...) Eu tentei ao máximo não deixar isso me influenciar, ao máximo mesmo. Porque eu acho que existe a família e existe a Clara, com a personalidade totalmente diferente. Eu acho que não posso descartar a experiência, porque tem muitas coisas que eu não quero fazer da minha vida. Mas, acho que tudo que aconteceu na minha família não influenciou na minha vida não. Até porque eu sempre fui muito mais precoce que as outras pessoas. Sempre fui mais inteligente, mais cabeça, sabia falar melhor, até porque eu sempre gostei de estudar... eu deixava a família não me afetar muito. Porque eu tenho que ter objetivos na minha vida, não posso deixar minha família influenciar em tudo não, que eu também tenho minha vida.

Apesar de Clara insistir que não permite que os problemas familiares influenciem em sua vida ela afirma que o casamento é um passo muito importante na vida e que por isso deve-se pensar muito antes de se casar, para que não se repita com ela a história dos pais. “(...) Então a gente tem que tomar muito cuidado com quem a gente escolhe para casar. Porque paixão é uma coisa e amor é outra coisa totalmente diferente”.

Clara fala que frequenta uma igreja evangélica desde os quinze anos, mas que atualmente afastou-se da igreja por não estar se identificando tanto com os princípios e com as pessoas da igreja.

Bem, desde os quinze anos de idade eu frequento a igreja evangélica. Só que atualmente eu não estou indo, já tem um ano e pouco que eu não estou indo na igreja. Um dos motivos é que eu estava esfriando, eu me sentia muito sozinha na igreja, senti que o pessoal afastou um pouco. E pela questão também de que eu não estava dando conta mais, não estava me sentindo mais naquele lugar, como se ele não fosse para mim.

Apesar disso, a fé em Deus aparece permeando a fala de Clara acerca de diversos campos da sua vida.

Clara conta que seu primeiro namorado foi uma pessoa da sua igreja e diz que foi um tempo bom, pois realizavam muitas atividades juntos. “*No primeiro relacionamento eu digo que eu não perdi muita coisa, eu aproveitei ao máximo, porque eu estava na igreja, sempre fazia as atividades juntos, então eu aproveitei ao máximo*”. Já o segundo namoro de Clara foi com uma pessoa de fora da igreja e certamente foi um relacionamento importante para a constituição do sentido que ela produz sobre os relacionamentos afetivos. Eles moravam longe e ela deixava de fazer muita coisa com medo que ele descobrisse e brigasse com ela. Apesar desta tensão, este namoro parece ser o mais significativo na vida de Clara, pois ela afirma que gostou muito deste rapaz e foi quando ela se afastou da igreja por causa dele.

Agora, no segundo namoro, eu acho que eu perdi muita coisa! Porque eu deixava de fazer muita coisa por causa dele, porque eu gostava, porque eu tinha medo... vamos supor, eu estar em alguma festa, uma pessoa me ver e contar para ele. A gente mora em setor longe um do outro e ele não tinha carro, não tinha moto, então ficava complicado da gente se ver sempre. Eu acho que pulei muita etapa. Acho que eu nem deveria ter começado um namoro até hoje e que eu poderia ter aproveitado muito mais coisas. Porque às vezes a gente deixa de viajar, a gente deixa de sair, porque a pessoa não está junto... tem gente que tem vontade de ir ao cinema com os amigos, ir a uma festa... isto tudo influencia.

Clara, ao se afastar da igreja e de seus valores rígidos, começou a se afastar também da maneira de se relacionar afetivamente que era comum e valorizada na igreja. Passou a ‘ficar’ com várias pessoas, sem se importar se eram da mesma igreja que a sua e se a relação tinha a aprovação dos líderes religiosos. Clara, no momento da entrevista, estava namorando um rapaz da igreja, seu terceiro namorado, mas não estava satisfeita com o relacionamento, que estava muito atravessado pelos valores da religião.

Eu estou namorando faz dois meses, só que está praticamente acabado, naufragado, não dá. É meu terceiro namorado, a gente se conheceu recentemente na igreja, porque eu tentei voltar. Aí eu já o conhecia, acabei começando a namorar. Aí agora ele não está indo na igreja de novo e eu também acabei indo junto... aí eu não quero! Prefiro ficar sozinha!

Maria, 19 anos

Maria cursa o quinto período de Pedagogia, vem de uma família com renda mensal considerada com de classe alta e afirma que não ‘ficou’ com nenhuma pessoa no último ano. Vive com os pais, a irmã mais velha e um irmão mais novo. Trabalha como professora de letramento de crianças e adolescentes, mas não contribui para a constituição da renda familiar. O pai, que é pós-graduado e trabalha como fiscal e também como professor, é o principal responsável pela renda da família, que está entre 5.001,00 e 8.000,00. A mãe possui o ensino superior completo. Maria estudou a maior parte da vida em instituição de ensino privada.

Maria conta que possui uma religião e que frequenta a igreja evangélica em células diariamente. A fé cristã, como ela mesma denomina diferenciando fé de religião, é uma mediação que se constitui fundamento de praticamente todas as esferas da vida de Maria, estando Deus em primeiro lugar em sua existência, como ela afirma repetidamente. *“Pensando nessa questão, religiosidade como Deus, seria tudo pra mim. A religiosidade seria tudo na minha vida. Porque eu fundamento tudo nisso, em buscar a vontade de Deus, em obedecer a palavra, que é a bíblia, essas coisas...”* Sobre o significado de família ela fala:

Família é uma instituição, criada por Deus, que inclui pessoas, com algum vínculo afetivo, laços sanguíneos, ou não, e só. Minha família? Minha família pra mim é um presente de Deus. São as pessoas que eu mais amo, mais tenho contato e numa cadeia de prioridade, ficaria em segundo lugar na minha vida. Em primeiro Deus!

Sobre o casamento dos pais, ela diz

Com certeza essas dificuldades no casamento é porque eles não têm Deus na vida deles! Só o fato de meu pai não acreditar em Deus e minha mãe ser católica isso já gera muitos conflitos, porque a visão de mundo deles são diferentes. Meu pai, por exemplo, não tem muitos princípios que nós cristãos temos. Então isso já gera muita discussão. Mas eu creio que ele vai mudar, logo logo.

Acerca da importância dos meios de comunicação na constituição dos sentidos do relacionamento afetivo produzidos pelos jovens Maria responde: *“Eu creio que os meios de comunicação até... como um.... acho que os meus relacionamentos com as pessoas, com Deus é o que determina mais essa formação, muito mais do que os meios de comunicação. Porque também eu sou muito crítica em relação a eles”*.

Os familiares de Maria não são religiosos como ela, o pai é ateu e a mãe católica, e até criticam seu forte envolvimento com a igreja e suas atividades. Ela conta que conheceu e se “converteu” à religião evangélica protestante através de um grupo de jovens colegas evangélicos que realizavam encontros em sua escola.

Ninguém da minha família é da mesma igreja, só eu! Assim, eu não converti numa igreja. Eu converti em casa mesmo. Eu tinha algumas pessoas na escola, alguns amigos que... um dia eles faziam uma reunião na escola, eles tavam lá, buscando a Deus. Aí eu fui, senti a presença de Deus, aquilo me marcou e eu converti. Mas, eu fiquei um bom tempo sem ir numa igreja, por não ter convertido numa igreja eu visitava, de vez em quando, mas... pela questão familiar mesmo, que eles proibiam, eu era muito nova, aí eu não ia em igreja nenhuma. Mas eu tinha a visão ali, lia a bíblia... Proibiam porque meu pai é ateu e minha mãe é católica. Aí eles achavam ridículo Deus, igreja, essas coisas... igreja evangélica... faltavam jogar pedra (risos).

A fé no Deus cristão e nos princípios bíblicos é tão primordial na vida de Maria que regulam a forma com ela se relaciona afetivamente com outras pessoas. Não se relacionou com nenhuma pessoa no último ano porque em sua igreja os relacionamentos afetivos só podem acontecer entre membros da igreja e este relacionamento deve seguir um padrão de “santidade”, em que não deve haver prazer físico, e estar sob orientação e aprovação das lideranças religiosas. Este modelo de relacionamento é nomeado de corte.

É porque, assim, eu tenho um padrão que chama côrte, não é namoro, eu acho que você não deve ter ouvido falar sobre a côrte. A côrte, a gente fala, que é um padrão de relacionamento que envolve muito a amizade. É um padrão que você crê que é um padrão de santidade, que a gente se guarda mais, guarda o coração, busca em Deus, ora, pra ver se realmente é da vontade de Deus que a gente se relacione com aquela pessoa. A gente envolve a família, envolve a liderança na igreja... pra que, se todos os sinais forem verdes, de fato, chegar a um casamento. E esse padrão, a côrte, é um padrão sério, assim, até um pouco mais sério que o namoro, porque quando a gente entra na côrte, é pensando em casamento. Não em algo rápido, assim, de um ano, mas... porque é um tempo de conhecer, mas, não é uma enrolação. Tem que ter interesse pela pessoa, você tem que gostar da pessoa, logicamente, aí você conversa com a pessoa e se ela realmente estiver interessada em você, vocês vão orar, vão se conhecer mais. (...) Ahm, bem, eu já me relacionei, mas meu padrão de relacionamento é um pouco diferente, a questão do namoro é diferente. Foi um tempo de conhecer mais, assim, a pessoa. Não teve nenhum envolvimento físico, é mais..., é como se fosse uma amizade. Mas, eu gostava da pessoa só que não deu certo. A gente viu que a gente era muito diferente.

A organização de uma igreja em células é um retorno à comunidade cristã de base, descrita no novo testamento: ‘Cada casa uma igreja, cada membro um ministro, vivendo em Cristo de casa em casa e na grande congregação’. A célula é um grupo de oito a quinze pessoas que formam uma comunidade para experimentar o amor de Deus, para crescer no relacionamento com os outros e para alcançar os incrédulos. Compartilhar nossas vidas com as outras pessoas na presença de Jesus vai nos unir em uma forte malha que não pode ser rompida (retirado do site da Igreja em Células www.celulas.com.br). A ‘ideologia’ desta igreja, como assim denomina Maria, é criar grupos (células) que se fortaleçam internamente através de oração e trabalhos voluntários de educação religiosa para que cada membro da célula possa atrair, através da evangelização, fiéis de fora. E cada célula é interdependente de todas as outras células da igreja. O objetivo final é aglomerar mais e mais pessoas e constituir cada vez mais células.

Maria é líder de uma destas células em sua igreja.

Eu até sou líder de um grupo... a gente tem nossas atividades lá. Pra mim eles são tão importantes, assim..., eles não são tão importantes quanto a minha família, mas é quase. É como se eles fossem a minha família também. Então, eles são extremamente importantes pra mim! Tanto que eu dedico o máximo do meu tempo pra ajudar as pessoas desse grupo, pra estar junto com essas pessoas. Como líder a minha importância é de ensinar a palavra, de estar ajudando em qualquer dificuldade que eles tiverem, seja carências financeiras seja questões até da própria faculdade, se eles têm com alguma dificuldade, se eu puder ajudar. Se eles têm com algum problema espiritual, eu ajudo eles também, estar orando por eles, intercedendo pela vida deles... suprindo em todas as áreas.

Certamente o forte envolvimento de Maria com a fé nestes princípios da igreja que frequenta é uma determinação fundamental ao significado que ela produz acerca da família, do casamento, dentre outros. Para ela, o casamento tem sentido na medida em que ao casar-se, ambos, o noivo e a noiva, estão dando continuidade à família, unindo através do casamento, as duas famílias.

Tipo assim, já existe as famílias, por exemplo, do noivo e da noiva, já existem duas famílias, os pais, os irmãos, que eles estão unindo a família deles e criando uma outra, mas que seria uma ligação das duas. Porque quando casa, não casa só o marido e a esposa, mas está unindo as famílias.

A união que dá origem às células.

Renata, 22 anos

Renata provém de uma família de classe alta e mora com o pai e a mãe e tem um irmão mais velho que atualmente reside e trabalha em São Paulo. Sempre estudou em escolas privadas, está cursando o terceiro ano de Medicina e contou ter ‘ficado’ com uma quantia dentre 16 e 20 pessoas no último ano. O único responsável pela renda familiar, que está entre 5.000,00 e 8.000,00, é o pai, que possui pós-graduação. A mãe, que possui curso de graduação completo, só trabalha cuidando da casa e da família, o que, segundo Renata, acontece pelo fato de o pai não gostar que a mãe trabalhe fora de casa, pois assim ficaria muito tempo ausente.

Diz ser católica e frequentar a igreja semanalmente com sua família. Afirma que sua fé religiosa é uma fortaleza, na qual ela se apega para tentar entender e acreditar no que acontece em sua vida.

É também como se fosse uma base para mim. Porque muita coisa eu me apego na religião para acreditar nas coisas que estão acontecendo, assim, para eu entender um pouco o que está acontecendo. Porque tem algumas coisas que a gente não explica cientificamente, então eu acredito que eu me apego na religião para tentar entender essas coisas.

Além de considerar a religiosidade um fator importante em suas escolhas amorosas, pois segundo Renata, é mais fácil conviver com uma pessoa que segue as mesmas tendências, tem as mesmas idéias que ela.

É importante sim, porque pessoas que seguem a mesma tendência que você, as mesmas práticas, tem o mesmo contexto familiar, as mesmas idéias... eu acho que é mais fácil conviver com uma pessoa que tem o mesmo biotipo do seu. Então eu acho que é por isso que eu faço escolhas de pessoas que estão mais próximas que tem a mesma realidade que a minha. Eu acho que é mais difícil me relacionar quando há diferença.

Afirma acreditar que os meios de comunicação “*interferem bastante*” no sentido que o jovem tem dado atualmente aos relacionamentos afetivos, pois assim como “*pelos meios de comunicação as coisas são tão instantâneas, tão fáceis... eu acho que aí afeta, porque as pessoas acabam acreditando que os relacionamentos também podem ser tão fáceis, tão rápidos...*”. Porém, Renata diz que já foi bastante influenciável pelos meios de comunicação, mas atualmente, devido ao seu processo de amadurecimento, entende que não se deixa influenciar pelos meios de comunicação.

Eu acho que sim, que interfere bastante. Pelos meios de comunicação as coisas são tão instantâneas, tão fáceis... eu acho que aí afeta, porque as pessoas acabam acreditando que os relacionamentos também podem ser tão fáceis, tão rápidos... Comigo eu acho que não. Eu já tive bastante influenciável pelos meios de comunicação, afetando minhas relações. Mas acho que atualmente o processo de amadurecimento tem modificado um pouco esse perfil. A influência era de marcar encontro pela internet, ter relacionamentos pela internet, ter um namoro virtual, você nunca conheceu a pessoa e você namora virtualmente com a pessoa... eu já fiz isso. Agora eu acho que, pela minha falta de horário, eu não tenho tempo para ficar entrando em msn, não tenho tempo para ficar entrando em orkut todo dia. Tem o telefone, que eu uso muito. Mas é isso, tem modificado.

Atualmente, Renata está se relacionando com a mesma pessoa há um mês e acredita que seja o início de um namoro. Afirma que o a quantidade de pessoas que afirmou ter ‘ficado’ no último ano (entre 16 e 20) foram todos relacionamentos curtos, de aproximadamente um mês e que não desenvolveram até chegar a um namoro, aparentemente em uma atitude conservadora, tentando justificar o número de pessoas que ‘ficou’ considerado socialmente grande para uma ‘menina séria’.

Não que eu seja aquela pessoa assim... porque eu coloquei nos dados que eu ‘fiquei’ com várias pessoas no último ano, assim, foram relacionamentos de um mês, que eu não considero como um namoro. Então eu ‘fiquei’ ao longo de um mês com aquela pessoa, saía sempre junto, encontrava sempre, mas não tinha aquele relacionamento de levar para conhecer a família, de fazer tudo junto. Era um período de conhecer. E a partir do momento que realmente viu que não ia dar certo, então acabou, terminou.

Afirma, assim como a maioria dos sujeitos, que, por enquanto, procura alguém que se encaixe na sua vida, que não a atrapalhe em suas atividades. E que para um futuro mais distante, deseja ter um relacionamento estável, casar-se e constituir família.

Pelo menos no meu período é companheirismo. É aquela pessoa que, alguma vezes, vai te ajudar e você também está apta a ajudar aquela pessoa e poder passear, é como se fosse um lazer, um período de lazer, que ao longo de todo o estresse, da faculdade e das coisas extra-curriculares que você tem que fazer, então é a pessoa com quem você vai sair, passear. Nada pensando em um casamento ainda, nem na pessoa que... ah, em amor, essas coisas. Por enquanto eu procuro alguém que se encaixe na minha vida, que não vá atrapalhar nas minhas atividades. Em um futuro mais longo, eu espero um casamento, estabilidade, constituição de uma família...

Aponta diferenças na maneira como homens e mulheres lidam com os relacionamentos afetivos. Segundo ela

Mulher é mais ligada com o aspecto afetivo, de que a pessoa tem que estar muito junto com ela, como se fosse uma propriedade. Estão mais ligadas em querer um namoro. E o que eu vejo é que maioria dos homens não quer namoro, o que eles querem mais é relacionamentos fáceis, volúveis.

3.2 – Sentidos e significados dos relacionamentos afetivos produzidos por jovens em Goiânia

Adorno e Horkheimer (1973) afirmam que “antes de ser uma categoria primordial e eterna, a própria família é um produto da sociedade. Assim (...) a família moderna, em relação à família burguesa antiga, vê reduzida a sua capacidade de formar indivíduos autônomos...” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p. 73). De acordo com estes autores a conformação familiar em pai, mãe e filhos, aparentemente independente do complexo social e própria da sociedade burguesa, foi responsável pelo processo de internalização e aceitação da autoridade enquanto tal, que favoreceu o desenvolvimento do modo de produção capitalista, no qual a submissão à autoridade do patrão se faz indispensável à engrenagem da produção nesta sociedade. “Só a família podia causar nos indivíduos uma identificação com a autoridade, idealizada como ética do trabalho, que substituiu funcionalmente o domínio imediato do senhor sobre os servos da época medieval” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p. 137).

A moralidade que regula a organização social é legitimada e incorporada no núcleo familiar pela mediação da figura representativa da autoridade, geralmente encarnada pelos pais e, mais significativamente, pelo pai ou seu representante. Pela mediação desta autoridade, os preceitos e valores reguladores do funcionamento social têm sua confirmação e continuidade na educação moral que o pai reproduz e repassa como herança aos filhos. E é por esse processo de reprodução e adesão ao social que as características fundamentais ao modo de produção capitalista se conservam e se desenvolvem (HORKHEIMER, 1990).

A família convertera-se em agente da sociedade: era um veículo pelo qual os filhos aprendiam a adaptação social; formava os homens tal como eles tinham de ser para cumprir as tarefas impostas pelo sistema social. A família racionalizava o elemento irracional da força, cujo poder não podia dispensar a razão (Adorno e Horkheimer, 1973, p. 139).

Adorno e Horkheimer (1973) reconhecem a relevância da psicanálise freudiana para a compreensão da constituição recíproca entre família e sociedade. Para estes autores a teoria de Freud teve uma contribuição decisiva para a “visão que se obteve da família como lugar socialmente definido, no qual se forma a estrutura da personalidade que, por sua vez, tornar-se-á socialmente relevante” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p. 136). Uma tendência a uma formação conservadora da personalidade²⁵ foi um dos resultados mais significativos revelados pela análise dos dados da presente pesquisa. Os jovens participantes da pesquisa apresentaram uma intensa vinculação aos valores e crenças de sua família, que repercutem as exigências e características da sociedade em geral. É muito recorrente no discurso dos jovens a concepção do significado de família como “base”, “fortaleza”, “protetora”, “porto seguro”, é o que “dá apoio”, é “tudo”. Praticamente todos os jovens entrevistados deram respostas deste tipo quando inquiridos sobre o que a família significava para eles.

*Família é minha base. São eles que estão lá sempre para me auxiliar, me representar. Para mim é minha base, minha fortaleza. **Renata***

Família, para mim, é o principal de tudo. Se você não tiver uma boa estrutura familiar, eu acho que você não consegue ter nenhum tipo de relacionamento bom, tanto afetivo, quanto profissional. Se você não tiver o apoio da sua família, eu acho que não dá certo.

*Pra mim é a base de tudo. **Larissa***

O prolongamento do período e a extensão da condição de dependência dos jovens à tutela financeira e moral dos pais podem indicar como esta tendência ao conservadorismo tem se desenvolvido e se mantido como característica marcante da juventude goianiense contemporânea. Mas há contradições e especificidades neste processo de adiamento da independência que devem ser desvelados.

Todos os jovens entrevistados moram com sua família de origem. No entanto, ao analisar a relação dos jovens com o trabalho, observa-se claramente a diferença dos que advêm de famílias com renda mais baixa e, portanto, estão todos inseridos no mercado de trabalho em busca de complementação para a renda familiar. Em contraposição, nenhum dos jovens filhos de famílias de renda familiar alta trabalham, apenas se dedicam às atividades da faculdade, a não ser Maria, que trabalha em sua igreja como professora de crianças e adolescentes, mas não contribui para a composição da renda familiar. Esta realidade indica que a denominada *moratória social* (KEHL, 2004), que representa um adiamento das responsabilidades sociais, profissionais e políticas em decorrência de um prolongamento da

²⁵ A discussão acerca desta marcante tendência conservadora dos jovens fundamenta-se nos resultados de uma extensa e profunda pesquisa realizada por Adorno nos Estados Unidos, que foi publicada com o título de *A personalidade autoritária* (1965).

condição de estudante e, em conseqüência, uma dilatação da dependência financeira do jovem em relação aos pais, é um privilégio da juventude de renda familiar alta. Enquanto isso, os jovens de famílias de baixa renda empenham-se em uma rotina que combina trabalho diurno com estudo acadêmico noturno, na esperança que sua formação resulte futuramente em empregos mais rentáveis (CORROCHANO, FERREIRA, FREITAS E SOUZA, 2008).

*Sou eu e mais quatro irmãos do mesmo pai e da mesma mãe. Meus pais se separaram. Eu sou a principal provedora da renda familiar. Porque minha mãe atualmente está desempregada. Eu sou a mais velha, tenho vinte e um. Então eu trabalho, saí do emprego tem uma semana, eu ganhava em torno de mil trezentos e oitenta reais e era eu que pagava aluguel, fazia compras lá para casa, por enquanto. Meu pai pagava a energia e a luz. Aí eu que estava provendo, porque minha mãe desempregada, meu irmão tem dezessete anos e ganha um salário, ajuda com pouco, mas ajuda. E minhas outras irmãs são tudo novinhas, elas não trabalham não. **Clara***

*Eu quero me formar e tentar vencer na vida, ter alguma coisa, buscar o que eu não tive quando eu era pequeno, o que meus pais não tiveram. E dar um futuro melhor para o filho que eu pretendo ter um dia, eu acho que isso é importante. E é por isso que eu trabalho o dia todo e estudo à noite, o que não é nada fácil. **Alex***

É neste sentido também que os jovens postergam para um tempo futuro em que terão alcançado maior estabilidade profissional e financeira para o *cumprimento de suas responsabilidades*, a realização de planos como os de casar e ter filhos. Todos os sujeitos afirmam pretenderem continuarem vinculados à sua família de origem enquanto estudarem e não forem capazes sustentar sua própria família. Além disso, apostam na condição de se encontrar a “*pessoa certa*”, pois para eles, casamento é para a vida toda.

*Eu acho que depende da hora que a pessoa escolhe. Se for pra ela casar num momento que ela acha, que ela sabe que não vai poder cumprir com as obrigações de tudo o que implica um casamento, eu acho que é melhor ela não casar. **Frederico***

*No momento eu não me sinto preparado e por isso não procuro um relacionamento justamente por eu ter aquela idéia do casamento. Eu estou pensando em casar! E hoje eu não poderia casar, nem daqui um ano, dois anos. Eu estou no terceiro ano da faculdade. Se eu comesse a namorar agora e namorasse dois anos, eu casaria no quinto ano. E é bem complicado! É hora de monografia, de prestar OAB... Então eu não vejo a possibilidade de casar em dois anos. Eu vejo, talvez, a possibilidade de casar em quatro anos, porque eu já vou estar formado, já vou ter tirado, talvez, a OAB, vou estar com um salário melhor, então vou poder estar construindo minha vida, pra casar. **Jonas***

Ainda em relação ao casamento, os relatos dos jovens assinalam que suas experiências infantis, fundadas em seu relacionamento edípico com os pais, são fundamentais na construção do sentido que eles atribuem ao casamento. O relacionamento conjugal dos pais apresenta-se como modelo marcante para os jovens filhos em suas escolhas amorosas. Consideram que, mesmo o casal vivendo em uma relação em que há muitas divergências, conflitos de opiniões, brigas, eles se toleram e aceitam essas diferenças para manterem o casamento e, sobretudo, a família. Os jovens chamam a isso de “*responsabilidade*”, “*companheirismo*”.

*Bom, eu acho que todo casamento atravessa isso, discussões, falta de concordância nas coisas: o que um quer e o outro não concorda ou o que um concorda e o outro não quer, e vice-e-versa. (...) É muito difícil, não tem aquele diálogo assim... Se gostam ainda, sentem falta um do outro, mas só que quando estão juntos é que brigam. **Murilo***

*O que eu considero um exemplo positivo é o grau de responsabilidade. Que eles cada um assumem um papel familiar e que eles se tornam responsáveis e cumprem isso. E isso é algo que eu acho fundamental numa família. **Maria***

*Tomo como exemplo positivo o companheirismo deles. Apesar das brigas eles eram muito companheiros, de um poder contar com o outro para qualquer coisa. Um poder confiar no outro,(...) a questão do companheirismo, que era muito forte entre eles, e eu gostava disso, era bem protetor. **Clara***

Um forte atrelamento entre valores familiares e princípios religiosos pode também iluminar a constituição conservadora desses jovens. Condutas e ideais defendidos pelas diversas religiões e igrejas são grandemente valorizados e reproduzidos na dinâmica familiar. De acordo com Adorno (1965), existe uma diferença significativa na pertença a um grupo religioso e sua relação com aptidões etnocêntricas quando a escolha da vertente religiosa é efetuada por critérios próprios e quando a fé orienta-se pela formação religiosa herdada dos pais desde a infância, por convencionalismo, fenômeno que ele nomeia de “adesão por pressão dos pais” (p. 220). Adorno (1965) ainda reitera que a submissão incontestada à autoridade dos pais constitui forte determinante da personalidade autoritária e conservadora, potencialmente fascista.

*Eu sou da igreja cristã evangélica de Campinas, que é uma igreja evangélica protestante. Minha família toda é. É tradição na família, apesar da minha fé não ser tradicional. Eu digo que é tradição porque meus bisavós foram. Então vem de muito tempo, quase cem anos que a minha família é cristã protestante. **Jonas, Igreja Cristã Evangélica de Campinas.***

*Eu comecei bem pequeno, com uns sete anos. Na verdade ia apenas eu e a minha irmã. Mas aí, posteriormente minha mãe e meu pai também passaram a freqüentar. Foi por intervenção de uma tia nossa, porque criança não escolhe uma religião para seguir. Então esta tia nos levou uma vez e eu acho que menino se apegou com facilidade nessas coisas, no ambiente, chegamos lá tinham muitas crianças e a gente passou a ir. Então, a partir daí meu pai levava a gente, só que ele mesmo não ia, só levava e depois voltava. E com o passar do tempo a gente foi crescendo nesse meio, no meio cristão. E minha mãe também tinha a fé dela, ela era cristã, mas seguidora da igreja católica, mas cristã! Ia em algumas outras igrejas e passou a ir também, para nos acompanhar. E meu pai por último, como ele tinha um problema no coração, tinha chagas no coração, foi liberto... não sei se você acredita em milagre, mas aconteceu com o meu pai! E mediante esse milagre dessa cura, ele passou a freqüentar a igreja também. Então lá em casa todo mundo passou a ser cristão. **Murilo, Congregação Cristã do Brasil.***

Esta intensa vinculação entre família e religião também pode ser observada na forma como os jovens significam instâncias importantes como a família e o casamento. Deus está sempre em primeiro lugar e é o fundamento e a finalidade de tudo, inclusive do casamento, que por isso é considerado sagrado, assim como seus pais o consideraram e o conservam.

Eu entendo família como um plano de Deus. Eu acredito que Deus que planejou a família e ele a planejou naquela estrutura tradicional: homem, mulher e filhos. Então, meu entendimento de família, é

de que Deus planejou essa instituição para que o homem tivesse um ambiente em que ele pudesse se relacionar com pessoas diferentes e, neste primeiro contato social, ele aprendesse a lidar com situações diversas, com pessoas diferentes, com pensamentos diferentes. (...) O casamento, para mim, é também um plano de Deus e perfeito. Jonas, Igreja Cristã Evangélica de Campinas.

Tenho, assim como meus pais, uma visão arraigada, do casamento ser algo sagrado, que tem que ser algo para a vida toda. De que quando você casa com alguém você une em uma só carne e tem que viver assim até que e a morte os separe. Murilo, Congregação Cristã do Brasil.

No entanto, apesar de ser um espaço em que as regulações morais da sociedade se conservam e se reproduzem, a família apresenta-se ainda, contraditoriamente, como uma instância dinâmica de contraforça à pressão do todo social. “No seio de um ordenamento total determinado pelo sistema de troca e, portanto, pelo racionalismo individual dos homens em seu trabalho, a família manteve-se como instituição essencialmente feudal, baseada no princípio do ‘sangue’, do parentesco natural” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p. 137).

Horkheimer (1990) afirma que a família passa a representar, para o indivíduo moderno, fuga da árdua rotina de trabalho e se torna assim sinônimo de “*porto seguro*”, “*fortaleza*”, a base que protege e recompensa afetivamente o trabalhador exausto. Na família o sujeito encontra uma base de apoio, de acolhimento afetivo que o gratifica pelo esforço de hoje e o encoraja para o trabalho de amanhã.

Assim, perpetuava-se um elemento irracional dentro da sociedade industrial, orientada pela ordem racionalista, pelo domínio exclusivo do princípio de “calculismo” em todas as relações e que não tolera qualquer outro parâmetro de controle senão a oferta e a procura. Diante disso, a família burguesa continuou, num certo sentido, sendo um anacronismo (Adorno e Horkheimer, 1973, p. 137).

A família sobrevive, antagonicamente, em meio à lógica racionalista do pragmatismo e do individualismo capitalistas, enquanto uma mediação fundamental no processo de socialização, que opera na contramão do esquema totalizador da sociedade, pela irracionalidade da lógica da união pelos laços de sangue e pelo afeto.

Família, olhando pelo lado sentimental, é uma ligação que fornece base para a nossa sociedade e para o mundo mesmo. Murilo

É o que me dá apoio. É importante! Minha mãe sempre me dá apoio, sempre todo mundo me apóia, tenta me ajudar. Para mim família é muito importante, mesmo eu não tendo essa família perfeita, para mim é muito importante. Alex

A privacidade encontrada na família, na qual o sujeito pode expressar tanto seu cansaço e descontentamento em suas relações de trabalho, quanto manifestar sua satisfação com a nova promoção e também seus sonhos para o futuro, possibilita à família desenvolver-se ainda como um espaço em que a resistência e a crítica ainda podem engendrar-se. No seio

familiar sobrevivem pulsando lado a lado a tendência ao conservadorismo e ao autoritarismo e também a possibilidade da constituição da autonomia (HORKHEIMER, 1990).

Tomando a histórica pesquisa que Adorno empreendeu no período em que viveu nos Estados Unidos sobre *A personalidade autoritária* (1965) como referência nos estudos sobre a tendência fascista que constitui a personalidade dos sujeitos contemporâneos, compreende-se a urgência da necessidade de se atentar para as novas conformações em que têm se atualizado o conservadorismo autoritário em nossa sociedade.

Todos os oito estudantes entrevistados afirmaram possuírem uma fé religiosa, na qual encontram respostas para questões existenciais e outras que a razão humana não consegue solucionar. Destes, apenas cinco se identificam como vinculados a uma religião específica, sendo que quatro deles se reconhecem como protestantes evangélicos. Esta era uma tendência já apontada nos resultados da pesquisa de Adorno: o número de pessoas que afirmam professarem alguma religião é muito maior do que os que afirmam não pertencerem a nenhuma religião. Além disso, Adorno (1965) observou também que os sujeitos não religiosos são menos preconceituosos e etnocêntricos que os sujeitos que se afirmam religiosos. A par da corrente religiosa a que se associam, existe um discurso freqüente e geral de que não importa a religião ou a igreja que freqüentam, mas sim a fé na qual creem, sendo que esta é sempre uma fé nos princípios cristãos. Esta foi uma característica também apontada pelos dados da pesquisa adorniana, que o autor nomeou como uma “aceitação da religião, mas rechaço da igreja; transcendência de conceitos tais como fé e Deus” (ADORNO, 1965, p. 222).

*Eu sou cristão! Talvez a palavra nem seria religião, é mais fé! Todo mundo tem uma fé, então a fé é algo em que você acredita. Se você acredita em uma caminho a seguir ou se você acredita em uma doutrina, que seja religiosa ou que esteja arraigada em uma divindade e que te oriente na conduta da sua vida, isso com certeza vai ter influência em todo o seu modo de viver. **Murilo**, Congregação Cristã do Brasil.*

*E assim, a minha igreja, o que ela representa pra mim? Representa..., assim, a igreja em si, pra mim, são todas as pessoas que crêem que Jesus Cristo é o senhor, por exemplo. Que todas as pessoas formam a igreja, não seria o prédio ali, o sistema ali, mas todas essas pessoas. Então eu não me prendo muito àquele prédio ou àquela placa de igreja e também não me prendo à placa de religião evangélica protestante, por exemplo. Pra mim eu penso mais na ideologia, no cristianismo, e isso significa tudo pra mim. **Maria**, Igreja em Células.*

*É, eu sou cristão! Mas eu não tenho uma igreja. Eu não sou católico, eu não sou evangélico, não sou de nenhuma igreja. Eu acho que a fé é importante. **Alex***

A religião aparece como expressão da onipotência divina em detrimento da limitação e da condição de incompletude do homem. Como teorizou Freud (1927/1996) o apego às idéias e rituais religiosos representam uma ilusão, uma produção cultural que recompensa

libidinalmente o indivíduo pelo mal estar conseqüente da sua condição limitada perante a civilização. Assim, Deus toma proporções de perfeição e transcendência impossibilitadas ao homem civilizado.

Mas para mim o casamento é uma benção de Deus, é uma dádiva de Deus, é perfeito, lógico que tem falhas, mas as falhas são decorrentes dos homens e não do planejamento, não da idéia do casamento.

Jonas

Continuo acreditando em Deus! Não acredito no homem, mas em Deus eu acredito. Eu acredito que Deus pode usar pessoas para falar com a gente... só que eu acho que o homem é muito inconstante, apesar de que o homem não é perfeito. **Frederico**

Olha, essa palavra religião... pensar em religião, pensar em igreja, pra mim é diferente de pensar em Deus, porque essas coisas tem muito o homem relacionado. A religião foi o homem que criou. A igreja é a instituição que os homens muitas vezes tomam a frente mas que... **Maria**

Neste mesmo sentido, da religião tomada como ilusão, é recorrente nas falas dos jovens, sobretudo dentre os evangélicos, a afirmação da religião como uma visão de mundo, fundamentada nos princípios bíblicos cristãos, sob os quais guiam seus comportamentos e suas escolhas. A religião é o código que atua como parâmetro, modelo de conduta para os jovens relacionarem-se nas diferentes esferas de sua vida. A religião aparece, assim como a família, como a *base* sobre a qual os jovens alicerçam suas vidas e enfatizam a “importância da religião como fonte de fortaleza e satisfação interiores” (ADORNO, 1965, p. 222). Em alguns relatos, os jovens apontam para uma não diferenciação entre religião e vida.

De acordo com Freud (1927/1996) a funcionalidade da religião reside no fato de ela apresentar à humanidade pai, substituto do protetor e guardião da infância e que estabelece leis reguladoras de moralidade e de justiça e, principalmente, mune os homens de respostas aos enigmas do sentido da vida e da dúvida desesperadora frente a irremediável morte, incertezas tão caras à condição de desamparo da humanidade.

A minha visão de mundo é basicamente uma visão cristã. (...) Eu procuro estudar a bíblia quase diariamente, estou sempre escutando músicas cristãs. É quase que natural, para mim, religião e vida. Para mim não tem essa diferença. Para mim não, eu sou cristão na hora que estou fazendo meu trabalho, mas eu sou cristão também na hora que eu estou aqui, na hora que estou fazendo minha prova. Então a minha vida perpassa pelo cristianismo, quase tudo que eu faço tem a ver com o cristianismo, as minhas atitudes quase todas têm a ver. **Jonas, Igreja Cristã Evangélica de Campinas**

Eu acho que a fé é importante. Eu acho que tem essa carência do ser humano de achar que tem um ser superior, uma coisa maior que olha pela gente, mesmo quando a gente está sozinho, **Alex**

Porque muita coisa eu me apego na religião para acreditar nas coisas que estão acontecendo, assim, para eu entender um pouco o que está acontecendo. Porque tem algumas coisas que a gente não explica cientificamente, então eu acredito que eu me apego na religião para tentar entender essas coisas, **Renata, Igreja Católica**

O controle exercido pelas regulações e valores religiosos sobre as escolhas e atitudes dos jovens pode ser tão severo que, em algumas igrejas evangélicas, há processos e rituais (“côrte”) que regulam os relacionamentos afetivos entre os jovens, nos quais freqüentadores mais velhos e mais influentes na igreja dão opiniões e sugestões que apontam as pessoas, dentre os membros da igreja, mais indicadas para cada jovem se relacionar.

*É porque, assim, eu tenho um padrão que chama côrte, não é namoro, eu acho que você não deve ter ouvido falar sobre a corte. A côrte, a gente fala, que é um padrão de relacionamento que envolve muita a amizade. É um padrão que você crê que é um padrão de santidade, que a gente se guarda mais, guarda o coração, busca em Deus, ora, pra ver se realmente é da vontade de Deus que a gente se relacione com aquela pessoa. A gente envolve a família, envolve a liderança na igreja... pra que, se todos os sinais forem verdes, de fato, chegar a um casamento. E esse padrão, a côrte, é um padrão sério, assim, até um pouco mais sério que o namoro, porque quando a gente entra na côrte, é pensando em casamento. **Maria**, Igreja em Células*

Um outro elemento de intolerância indicado pela análise dos dados da presente pesquisa refere-se à importância da fé religiosa nas escolhas afetivas. É unânime a importância que os jovens dão ao fato de encontrarem parceiros afetivos que tenham princípios religiosos, preferencialmente se forem da mesma religião, para evitarem possíveis conflitos por causa das diferenças.

*Assim, geralmente a imagem que fica é a seguinte: a mulher quando ela tem uma formação religiosa ela é melhor... assim, como eu posso te dizer? Mais confiável. Lógico que tem as exceções, mas geralmente você confia mais do que naquela mulher que não crê em nada, não está nem aí para nada. **Frederico***

*Sim, minha fé é importante em minhas escolhas sim! Porque a fé, como eu disse, ela guia, ela influencia totalmente em como você vai conduzir a sua vida. Então é muito complicado para uma pessoa que tem costumes religiosos diferentes, por exemplo, um umbandista se casar com um cristão. Ou uma pessoa que é satanista com um cristão, para ser mais radical no exemplo. Eu não vejo possibilidade de isso dar certo. **Murilo***

A pesquisa de Adorno (1965) sobre o caráter autoritário observou que, uma firme crença em forças sobrenaturais, inacessíveis à explicação racional e científica, e a devoção submissa a este poder está relacionada a uma posição anti-democrática e etnocêntrica da personalidade, em suma, uma intensa devoção religiosa revela sujeitos conservadores e intolerantes frente ao diferente.

*É importante sim, porque pessoas que seguem a mesma tendência que você, as mesmas práticas, tem o mesmo contexto familiar, as mesmas idéias... eu acho que é mais fácil conviver com uma pessoa que tem o mesmo biotipo do seu. Então eu acho que é por isso que eu faço escolhas de pessoas que estão mais próximas que tem a mesma realidade que a minha. Eu acho que é mais difícil me relacionar quando há diferença. **Renata***

Adorno (1973) afirma que “o grupo continua exercendo sua função mediadora e seria difícil conceber uma sociedade sem essa função; mas a função mediadora depende hoje, de maneira evidente, do todo societário, como é provável que sempre tenha dependido, de uma maneira menos ostensiva” (ADORNO, 1973, p. 74). Todos os jovens entrevistados afirmam

não participarem de algum outro tipo de grupo além da família, da universidade e dos grupos ligados à igreja. Entretanto, o grupo desvelou-se como uma instância de mediação fundamental na iniciação e na posterior constituição dos sentidos e significados que o jovem produz sobre os relacionamentos afetivos.

Todos os jovens entrevistados contaram que seus primeiros relacionamentos afetivos aconteceram quase sempre em contextos de sociabilidade, em grupos relacionados à escola, igreja, vizinhança, primos (as) e todos se referem a estes primeiros relacionamentos como “inocentes”, “coisa de criança”.

*Foi, assim... quando eu era mais novinho, eu e essa prima minha a gente tinha uma relação boa, sabe? (Risos). Assim, a gente tinha aquelas amizadezinhas de infância, meio coloridas. Acho que eu tinha uns nove, dez anos. Eu acho que durou até a quinta série, sexta... não sei bem a idade não. Aí na quinta, eu comecei a ‘ficar’, dar uns beijinhos e tal. **Frederico***

*Coisa de colégio, de ‘ficar’ atrás da sala, na hora do recreio fecha a porta e aquela molecada... e começou assim. Era bom, gostoso, era legal! Dava aquela tensão, da primeira vez, o primeiro beijo. E aquela turminha escondida atrás da porta da sala. **Alex***

*Foi com onze anos de idade. Acho que é a época da puberdade, época que a gente começa a beijar na boca, esses trem. Foi em casa de tia mesmo, passando férias. Ah, foi tudo uma brincadeira, pra mim foi bom! Foi um passo importante! Mesmo sendo através de brincadeira, foi um passo importante. Porque eu tinha que passar por isso, mais cedo ou mais tarde. **Clara***

Por se constituírem em intrínseca relação com o todo social, quanto mais a ideologia da “liberdade sem limites” da modernidade insiste na autonomia do grupo, “tanto mais os próprios grupos, como instâncias mediadoras entre a totalidade e o indivíduo, são determinados, de fato, pela estrutura da sociedade” (ADORNO, 1973, p. 74). A crescente taxa de desemprego e as, cada vez maiores, exigências de qualificação e atualização profissional levam o trabalhador a encarar seu colega de trabalho como um concorrente em potencial, para o qual deve sempre dar mostras de sua superioridade. O espírito competitivo, característico das relações de trabalho no capitalismo avança sobre outras formas de relação, para além das relações de trabalho. Revelou-se na presente pesquisa uma tendência dos jovens do sexo masculino em declarar como normal a existência, entre eles e seu grupo de amigos, de uma ‘competição’ em que o vencedor é aquele que consegue ‘ficar’ com o maior número de mulheres e também com as mulheres mais bonitas. Competição por quantidade e por qualidade.

*Ah, influencia, porque desde cedo tem a competição. No começo mais mascarado, mas sempre tem. (...) Mas tem sim, até hoje. É mais forte no homem! Com certeza! Competição por quantidade! Aí depois, lá pela sexta, sétima vem a qualidade também. Mas homem é mais a quantidade mesmo. **Frederico***

*Ah! Isso de ‘ficar’ com alguém e comentar com o grupo de amigos é muito normal! (...) Sem dúvida, isso de se exibir contando para os amigos como se fosse um troféu tem muito! **Murilo***

Já a relação dos sujeitos do sexo feminino com o grupo de amigas, no que se refere aos relacionamentos afetivos, tende a ocorrer no sentido de conversas e aconselhamentos com base na experiência anterior das amigas ou quando estas conhecem o parceiro com quem a amiga está se relacionando. O grupo de amigas aparece como uma fonte de opinião e conselhos relevantes nas escolhas de parceiros para as mulheres.

Eu acho que sim, minhas amigas tem importância em minhas escolhas e decisões, porque sempre a gente sai e vai para os mesmos lugares, então a gente conhece as mesmas pessoas. Então, às vezes, uma pessoa que eu fiquei já conhece minha amiga... então eu acho que elas tem importância sim neste processo.

Renata

E, nessa época, tinha uma que estava noiva, então ela tinha bem mais experiência do que eu. E ela me ajudou muito, me deu muitos conselhos, que eu agradeço até hoje, porque ela foi super amiga mesmo. (...) Mas sempre tem aquela coisa de você contar e a pessoa falar o quê que acha, se acha que combina, se acha que não combina, se é uma boa pessoa, se não é. Larissa

Neste mesmo sentido, a pesquisa indica diferenças bem tradicionais entre homens e mulheres no que se refere aos relacionamentos afetivos, sendo o homem apontado como mais liberal, sem pudor e que é mais valorizado quanto com mais mulheres ‘fica’. Já a mulher é mais ligada ao “sentido afetivo” do relacionamento e, ao contrário do homem, é mais valorizada quanto mais se preserva e com menos pessoas ‘fica’. Apesar disso, há uma tendência em afirmar que as marcantes características que diferenciavam o homem da mulher tem se dissociado e existe hoje uma maior igualdade entre homens e mulheres. No entanto, as entrevistas indicam que os jovens atuais tendem a reproduzir o modelo nuclear e monogâmico da família burguesa, em que a autoridade do pai consolida-se pela sua função de macho e provedor econômico do lar, enquanto à mãe cabe o papel de manancial de cuidado e carinho (HORKHEIMER, 1990).

Competição por quantidade. Mas homem é mais a quantidade mesmo. É mais forte no homem! Com certeza! Pela própria criação, de que o homem tem que ser macho, tem que ‘pegar’ mesmo e tal... acho que é mais por causa disso. Acho que criação cultural mesmo. O homem é mais liberal, tem menos pudor, pode falar... A menina mesmo quando ela faz, ela não tem essa competição, até porque muitas tem vergonha de contar, de assumir. Agora o homem não, o homem acha é bom contar ‘fiz isso, fiz aquilo...’.

Frederico

É diferente. Mulher é mais ligada com o aspecto afetivo, de que a pessoa tem que estar muito junto com ela, como se fosse uma propriedade. Estão mais ligadas em querer um namoro. E o que eu vejo é que maioria dos homens não quer namoro, o que eles querem mais é relacionamentos fáceis, volúveis. Pelo que eu vejo os homens estão sempre reclamando das mulheres porque elas são mais fáceis e as meninas ficam reclamando que os homens não têm compromisso nenhum. Então eu acho que cada vez mais a pessoa está procurando ser individualista, pensar só em si, ficar sozinho. Renata

Tem diferença, porque se o homem ‘fica’ com várias mulheres ele é o garanhão, ele é de boa. Agora, se a mulher ‘fica’ com vários homens ela é puta, não presta, não é boa pessoa... infelizmente é assim. Clara

Desvelou-se também uma diferença no significado que homens e mulheres dão ao ‘ficar’. Há uma tendência dos homens serem mais abertos a este tipo de relacionamento, a

maioria deles acha “normal” e aconselhável em situações em que não há pretensão de um relacionamento fixo, duradouro e que implica em responsabilidade. Já as mulheres têm uma tendência em denotar o ‘ficar’ como um relacionamento sem compromisso e fútil, sem significado.

*Eu acho até certo ponto bom, porque se a pessoa não está querendo namorar, não está com cabeça pra isso, é melhor ela só ‘ficar’ mesmo, que aí ela não dá problema para a outra pessoa. **Frederico***

*Eu gosto! Eu ‘fico’ muito, ‘fico’ com muita gente. Ultimamente, nestes dias agora, final de semestre, prova, trabalho e tal, eu afastei um pouco, estou mais quieto. Mas quando eu estou tranqüilo, eu ‘fico’ direto. **Alex***

*Eu acho que o ‘ficar’ é algo extremamente fútil. **Maria***

*Eu acho que esse negócio de ‘fica’ com um aqui e outro ali, eu acho que não tem significado para a pessoa. Pelo menos eu acredito que, para mim, não tem significado nenhum ‘ficar’ com uma pessoa aqui e outra ali. Eu não concordo! **Larissa***

Neste sentido, revela-se mais uma vez a formação psicossocial rigidamente conservadora dos jovens entrevistados, que reproduzem e atualizam em sua maneira de se relacionar afetivamente, valores e preconceitos constituídos socialmente e que impregnam a constituição dos principais grupos a que pertencem, como a família, a religião e o grupo de amigos.

Os jovens entrevistados tendem a relacionar os meios de comunicação à serviço da indústria cultural mais utilizados atualmente, como a internet e a televisão, com uma globalização, uma massificação das características individuais e singulares.

Se atualmente ainda podemos afirmar que vivemos numa época de esclarecimento, isto tornou-se muito questionável em face da pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planejado até mesmo de toda realidade interior pela indústria cultural (ADORNO, 2003, p. 181).

A indústria cultural através da falsa identidade entre o universal e o particular, uma de suas marcas registradas, ao apresentar-se em programações distintas para os diferentes *tipos* de espectadores, não se funda na realidade e possibilidades destes, mas antes, o faz para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los. E este processo reflete ao fim quando os consumidores da indústria cultural perseguem e consomem cada um o seu *tipo* adequado de produto cultural, como se fosse um processo espontâneo, fruto da liberdade de escolha. No entanto, as diferenças são apenas aparentes e ilusórias, e a indústria cultural oferece a todos as mesmas maneiras de encontrar a felicidade, que seja, render-se ao consumo de seus produtos em um eterno *mais do mesmo*, que limita as possibilidades de diferenciação e autonomia (ADORNO, 2002).

Apesar de apostarem naquilo que Adorno (2002) chamaria de a força dos produtos da indústria cultural neste processo de homogeneização da cultura, a maioria dos jovens afirma acreditar que já foi influenciado quando mais novo, mas que atualmente já é o bastante esclarecido para não se deixar influenciar, embora acredite no forte alcance e controle dos meios de comunicação sobre a juventude. E, contraditoriamente, apontam o uso da internet como uma forte mediação na atual constituição de relacionamentos afetivos superficiais e efêmeros.

*Eu acho que sim, que interfere bastante. Pelos meios de comunicação as coisas são tão instantâneas, tão fáceis... eu acho que aí afeta, porque as pessoas acabam acreditando que os relacionamentos também podem ser tão fáceis, tão rápidos... Comigo eu acho que não. Eu já tive bastante influenciável pelos meios de comunicação, afetando minhas relações. Mas acho que atualmente o processo de amadurecimento tem modificado um pouco esse perfil. **Renata***

*Você entra em um bate-papo, você conversa com um monte de gente, de um monte de lugar diferente, gente que não quer nenhum relacionamento fixo, não quer nada, só quer uma coisa rápida, 'fica' aqui, 'fica' ali. **Alex***

Quanto à relação entre 'ficar' e namorar, os jovens afirmam que não há uma dependência necessária entre o período de 'ficar' e o namoro apesar de, contraditoriamente, acreditarem que o primeiro passo para o namoro é 'ficar' com o parceiro, para conhecê-lo melhor.

*Eu acho que não existe uma relação necessária entre o 'ficar' e o namoro. Nem sempre é um processo, que precisa passar por um período em que você tem que 'ficar' com aquela pessoa até chegar a um namoro. Não! A pessoa pode te conhecer e você pode começar um namoro no dia. Acho que não há estágios para um relacionamento não. **Renata***

*Não existe relação entre 'ficar' e namorar! Apesar que o 'ficar' é o primeiro passo para o namoro. **Clara***

Os jovens apontam que os relacionamentos afetivos têm se transformado no sentido de uma desvalorização dos relacionamentos fixos e duradouros e uma valorização de relacionamentos sem compromisso e superficiais. Este processo de aligeiramento das relações afetivas acompanha o ritmo da tendência já indicada por Marx (2004) no século XIX de que, o desenvolvimento acelerado da fragmentação e da individualização da cadeia produtiva, aliado à alienação que transforma a própria atividade do homem em uma força estranha e externa a ele, distancia os sujeitos não só quando se relacionam em seu trabalho. O trabalho é a determinação fundamental que tece todos os campos da sociabilidade humana. E o trabalho que coifisica a subjetividade do homem repercute na maneira que os indivíduos relacionam-se uns com os outros (MARX, 2004). Até o amor se torna mercadoria, que vai-e-vem transitando sem grandes obstáculos e quase nenhum estranhamento.

*Eu vejo que são cada vez mais superficiais. E são muito..., tanto no casamento, no namoro, você vê que é muito rotativo. As pessoas trocam de parceiro muito rápido. Elas não investem tanto no conhecer, no ficar junto. É tudo muito rápido. **Maria***

*Pois o que a gente vê, por exemplo, os casamentos, até a época dos nossos pais, por mais que não tinha mais aquela química, aquele amor entre os dois, eles continuavam juntos por causa da família. E atualmente o que a gente vê são muitos divórcios, facilidades jurídicas. Então as pessoas se divorciam mais, permanecem menos tempo juntos, suportam menos conviver com a outra pessoa, abdicar de algumas coisas pela outra pessoa. **Renata***

*Têm ocorrido mudanças! Eu acho que as pessoas, hoje em dia, não estão procurando compromissos. Elas querem mais se divertir, pensam mais nelas mesmas. As pessoas estão muito egoístas. Não procuram uma base sólida e, às vezes, quando procuram, é porque estão carentes, é porque quer ter filho. São poucos que realmente estão juntos porque gostam. Tanto que o índice de divórcio é imenso. **Clara***

Por fim, os jovens expressam como ‘sentido do relacionamento afetivo’ encontrar alguém com quem se realize uma relação de “companheirismo”, com quem se vá viver o resto da vida e que se encaixe em seus projetos de vida, que não seja um obstáculo na concretização dos planos para o futuro e que “sempre faça bem”.

*Eu acho que o sentido é te fazer bem. É uma balança, a partir do momento que estiver fazendo um pouquinho a mais de mal, está te dando muita preocupação, está te dando dor de cabeça, você está ficando nervoso, está brigando em casa, está ficando com um clima de ciúme... qualquer coisinha que não está te fazendo bem mais, aí eu acho que já não vale a pena. **Frederico***

A partir de Freud (1914/1996), o narcisismo passou a ser compreendido como um elemento fundamental e determinante do desenvolvimento sexual humano. Para o autor, o narcisismo é uma característica universal que relaciona-se ao direcionamento da libido para o próprio ego do sujeito e que, desde o nascimento, atua no sentido de sua autopreservação. Ao apaixonar-se, o sujeito priva-se de parte de seu narcisismo ao investir libidinalmente o objeto de amor. Neste caso, o ego substitui certa quantia da libido narcísica investida, pelo amor do objeto amado por ele. Entretanto, analisa Freud (1914/1996), o neurótico tende a procurar no outro o que falta a ele mesmo e que se aproxime de seu ideal do ego. Aposta todas as suas fichas no amor, acreditando que este irá salvá-lo de sua pobre e desamparada existência. E assim, o ego pode desenvolver uma “dependência mutiladora” do objeto amado, ficando sujeito a sofrer desesperadamente perante as inevitáveis frustrações. Uma atitude narcisista, em alguns casos, pretende proteger o indivíduo de sofrer diante da inconstância e limitação dos objetos do mundo externo investidos libidinalmente. Com base em experiências de investimento amoroso frustrantes, a libido teme sair e se prende ao ego (FREUD, 1914/1996).

*Não consegui mais me apaixonar por ninguém. E eu relaciono isso a experiências passadas, coisas que aconteceram. **Alex***

Freud (1914/1996) aponta diferenças no tipo de escolha amorosa entre homens e mulheres. Para o autor, os homens efetuam suas escolhas de objetos de amor de acordo com o *tipo anaclítico* de escolha objetal, no qual há uma supervalorização do objeto e do prazer sexual e o ego é empobrecido em favor do investimento libidinal no objeto externo de amor. Já as mulheres atuam sexualmente de acordo com o *tipo narcísico* de escolha objetal, no qual há um autocontentamento consigo mesmas, sua necessidade não é amar, mas ser amada.

Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças. (...) Tais mulheres exercem o maior fascínio sobre os homens, não apenas por motivos estéticos (...), pois parece muito evidente que o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal (FREUD, 1914/1996, p. 95-6).

Partindo da análise dos dados apreendidos na presente pesquisa acerca dos relacionamentos afetivos entre a juventude, observamos que o tipo de escolha narcísico parece constituir-se predominante entre jovens de ambos os sexos. Há uma tendência a escolher parceiros amorosos que não se diferenciem muito de si mesmos. O que se procura é alguém que oriente o destino de sua vida seguindo e acompanhando o destino que o jovem traça para a sua própria vida.

*Para mim, o sentido de um relacionamento afetivo, é um completar. Quando eu falo em completar é no sentido de ter alguém para estar junto, alguém para chorar junto, alguém para dormir junto, alguém para comer junto, alguém para passar as mesmas necessidades, se tiverem necessidades financeiras. É a pessoa que vai lutar comigo, que vai se realzar comigo, que vai descansar comigo nas férias, que vai trabalhar comigo, que vai aceitar que eu trabalhe até mais tarde, porque ela entende. Que vai me ajudar ou que vai ser fundamental na criação dos meus filhos. É neste sentido que eu estou falando de completar, não no sentido de uma plenitude plena, de uma felicidade completa, de paz completa, de tudo de bom completa. Não! Então é alguém para você dividir a sua vida, alguém que, numa perda, você possa estar junto. **Jonas***

O outro só funciona para mim na medida em que me completa. A diferença aparece como dificuldade, problema, empecilho à realização pessoal.

*Eu acho que o sentido é te fazer bem. É uma balança, a partir do momento que estiver fazendo um pouquinho a mais de mal, está te dando muita preocupação, está te dando dor de cabeça, você está ficando nervoso, está brigando em casa, está ficando com um clima de ciúme... qualquer coisinha que não está te fazendo bem mais, aí eu acho que já não vale a pena. **Frederico***

Esta tendência narcisista das escolhas amorosas associa-se e acompanha as tendências acima apresentadas de conservadorismo e de intolerância frente ao diferente, como se este fosse sinônimo de obstáculo e de um mal presságio para o futuro relacionamento. Meu parceiro afetivo não deve se diferenciar muito de mim mesmo, já que busco alguém que confirme constantemente que sou um indivíduo livre, que posso ir e vir quando bem entender e que me realize pessoal e socialmente quanto mais mercadorias eu produzo,

independentemente de ninguém. A felicidade em uma relação afetiva é instaurada pela crença na possibilidade de que o outro me complete, me satisfaça plenamente, sem me contrariar nem me desviar do caminho que eu mesmo tracei para atravessar. Relações pautadas por escolhas narcisistas e intolerantes passam a ser valorizadas socialmente e nomeadas de *companheirismo e cumplicidade*.

*Eu acredito que é companheirismo. Pelo menos no meu período é companheirismo. É aquela pessoa que, alguma vezes, vai te ajudar e você também está apta a ajudar aquela pessoa e poder passear, é como se fosse um lazer, um período de lazer, que ao longo de todo o estresse, da faculdade e das coisas extra-curriculares que você tem que fazer, então é a pessoa com quem você vai sair, passear. **Renata***

*Primeiramente a pessoa tem que ser amiga da outra, tem que acreditar na outra, acima de tudo, tem que ter confiança. Tem que ter o companheirismo, que eu prezo muito, para estar com a outra pessoa nos momentos ruins, nos momentos bons, pra ter uma cumplicidade. E sempre um ajudando o outro, tentando entender o outro, porque senão... não dá certo! Como eu disse, as pessoas estão muito egoístas, às vezes um pensa mais em si mesmo do que pensa no outro e não o procura entender. **Clara***

A partir de sua pesquisa sobre a *personalidade autoritária*, Adorno (1965) considera que o desvelamento da produção subjetiva caracteristicamente preconceituosa e etnocêntrica deve recorrer, para além dos relevantes fatores sociológicos, à compreensão de aspectos psicológicos profundos. Conformismo, convencionalismo, submissão à autoridade externa, abertura à determinação por pressões externas (heteronomia) em detrimento de uma autodeterminação, são atributos que conservam o sujeito em um eterno infantilismo psíquico e formam personalidades profundamente autoritárias e incapazes de resistir à adesão ao status quo. De acordo com o autor, a capacidade de resistir ou de aderir a tendências conservadoras - seja na política, na opção religiosa ou na escolha do parceiro afetivo – diz respeito à efetividade da força do ego frente à constante coação social. “A irracionalidade objetiva se impõe tão radicalmente aos indivíduos que, não somente extingue qualquer resistência, como também a consciência da possibilidade de haver algo a que resistir” (RESENDE, 2009).

As principais mediações que atuam na constituição psicossocial da juventude desenvolvem-se em conformidade e adesão sem hesitação à dinâmica individualista e excludente da sociedade. Formado por um ego cada vez mais fraco e incapaz de consciência e autonomia, o jovem contemporâneo adere a padrões sociais que reconhecem e encorajam relacionamentos afetivos imediatistas e narcisistas, nos quais a diferença deve ser eliminada em nome do *...e viveram felizes para sempre*. O ‘ficar’ com alguém se prolifera como uma forma de relacionar-se sem compromisso e envolvimento em meio a jovens que, contraditoriamente, apostam na promessa do amor como felicidade redentora.

Mas, é na contradição que reside a possibilidade. Enquanto as relações entre os jovens se desenvolverem de maneira liberal e descompromissadas, ao mesmo tempo que conservadoras; em busca do amor eterno, mas esquivando-se e defendendo-se através do medo da entrega ao outro - que assim só tem a oferecer prazer momentâneo -, ainda se conserva a possibilidade de estranhamento e reconhecimento deste jovem na universalidade.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. Em: FREITAS, M. V. (organizadora). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação educativa, 2005. Disponível em www.acaoeducativa.org. Acessado em 05/10/2009.
- ADORNO, T. W. *La personalidad autoritaria*. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1965.
- ADORNO, T. W. A indústria cultural. Em: Cohn, G. (Organizador.), *Sociologia* (p. 92 - 107). São Paulo: Ática, 1994.
- ADORNO, T. W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.
- ADORNO, T. W.; Horkheimer, M. *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M.. O conceito de esclarecimento. Em: *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro : Guanabara, 2006.
- CANEZIN, M. T. G. *As referências simbólicas de jovens estudantes de um colégio militar*. Caxambu, ANPED, 2003.
- CANEZIN, M. T. G. *Juventude, educação e campo simbólico*. Goiânia: Ed. UCG, 2007.
- CANEZIN, M. T. G.; QUEIROZ, E. M. O.; ANDRADE, M. D. P. Governo municipal e atores jovens: a Assessoria Especial para Assuntos da Juventude (AJ) de Goiânia – 2001/2004. Em: SPOSITO, M. P. (org.). *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, 2007.
- CORROCHANO, M. C.; FERREIRA, M. I. C.; FREITAS, M. V.; SOUZA, R. *Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Ação educativa, Instituto ibi, 2008. Disponível em www.acaoeducativa.org. Acessado em 06/10/2009.
- FREITAS, M. V. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação educativa, 2005. Disponível em www.acaoeducativa.org. Acessado em 05/10/2009.

FREUD, S. Totem e tabu. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1913/1996.

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1921/1996.

FREUD, S. (1923/1996). O ego e o id. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1924/1996). A dissolução do complexo de Édipo. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1927/1996.

FREUD, S. O mal estar na civilização. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996.

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo: três ensaios. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1939/1996.

HORKHEIMER, M. Autoridade e família. Em: *Teoria crítica I*. São Paulo: Perspectiva – Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma social. Em: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (organizadores). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

LEÓN, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. Em: FREITAS, M. V. (organizadora). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação educativa, 2005. Disponível em www.acaoeducativa.org. Acessado em 05/10/2009.

MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

MARX, K.; ENGELS, F. Trabalho assalariado e capital. Em: *Obras escolhidas*, volume 1. São Paulo: Editora Alfa-ômega, s/d.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.
- QUEIROZ, E. M. O. *O trabalho diurno/escolarização noturna: o cotidiano do jovem trabalhador*. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001.
- QUEIROZ, E. M. O.; CHAVES, E. G. *Retratos da juventude*. Goiânia: Verbo/Prefeitura de Goiânia, 2001.
- QUEIROZ, E. M. O. *Mediação familiar em processo: formação de jovens estudantes do ensino superior*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás, 2008.
- STENGEL, M. *Obsceno é falar de amor?: as relações afetivas dos adolescentes*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.
- RESENDE, A. C. A. Da relação indivíduo e sociedade. Em: *Revista educativa*, volume 10, nº 1. Goiânia: Editora UCG, 2007.
- RESENDE, A. C. A. *Para a crítica da subjetividade reificada*. Goiânia: Editora UFG, 2009.
- ROUANET, S. P. *Teoria crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- SPOSITO, M. P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação educativa, 2003. Disponível em www.acaoeducativa.org. Acessado em 05/10/2009.
- VYGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

Anexo A**Questionário****Nome completo:****Data de nascimento:** ___/___/___**Sexo:** ()feminino () masculino**Estado civil:****Telefone:****Celular:****Email:**

1 - Com quem você mora?

a- () Com a própria família (pais, irmãos)

b- () Com um dos pais

c- () Com parentes ou outra família

d- () Com o cônjuge e filhos

e- () Com amigos

f- () Sozinho (a)

2 - Qual a carga horária aproximada de seu trabalho?

a- () 40 horas semanais ou mais

b- () Mais de 30 e menos de 40 horas semanais

c- () Mais de 20 e menos de 30 horas semanais

d- () Até 20 horas semanais

e- () Trabalho eventualmente

f- () Não trabalho

3 – Qual é a contribuição de seu salário para a constituição da renda familiar mensal?

a- () Nenhuma

b- () Parcial

c- () Total

4 – Quanto é aproximadamente o total da renda de sua família?

a- () Até 800,00

b- () Entre 801,00 e 1.600,00

c- () Entre 1.601,00 e 3.000,00

d- () Entre 3.001,00 e 5.000,00

e- () Entre 5.001,00 e 8.000,00

f- () Entre 8.001,00 e 12.000,00

g- () Mais de 12.001,00

5 – Quem é o principal responsável pela renda da sua família?

a- () Pai

b- () Mãe

c- () Pai e mãe

d- () Irmão (s)

e- () Cônjuge

f- () Eu

f- () Outros. Quem? _____

6 – Qual o nível de escolaridade de seu pai?

a- () Nenhuma escolaridade

b- () Ensino fundamental incompleto

c- () Ensino fundamental completo

d- () Ensino médio incompleto

e- () Ensino médio completo

f- () Ensino superior incompleto

g- () Ensino superior completo

h- () Pós-graduação

7 – Qual o nível de escolaridade de sua mãe?

- a- () Nenhuma escolaridade
- b- () Ensino fundamental incompleto
- c- () Ensino fundamental completo
- d- () Ensino médio incompleto
- e- () Ensino médio completo
- f- () Ensino superior incompleto
- g- () Ensino superior completo
- h- () Pós-graduação

8 - Em que tipo de instituição de ensino você estudou?

- a- () Somente em escola pública
- b- () Somente em escola privada
- c- () Maior parte em escola pública
- d- () Maior parte em escola privada
- e- () Metade em escola pública e metade em escola privada

9 - Você tem alguma religião?

- a- () Sim
- b- () Não

10 – Com que frequência você participa das atividades de sua igreja?

- a- () Nunca
- b- () Raramente
- c- () Mensalmente
- d- () Semanalmente
- e- () Diariamente

11 – Qual a sua atividade preferida de lazer?

- a- () Televisão
- b- () Cinema
- c- () Música (shows, eventos musicais)
- d- () Teatro
- e- () Leitura
- f- () Internet
- g- () Festas
- h- () Sair com os amigos
- i- () Esporte
- j- () Outro. Qual? _____

12 – Atualmente você tem um relacionamento afetivo fixo (namoro, casamento)?

- a- () Sim Qual? () namoro () casamento
- b- () Não

13 – Há quanto tempo aproximadamente você tem este relacionamento?

14 – Nos últimos 12 meses, com quantas pessoas aproximadamente você “ficou”?

- a- () Uma
- b- () Entre 2 e 5
- c- () Entre 6 e 10
- d- () Entre 11 e 15
- e- () Entre 16 e 20
- f- () Entre 21 e 30
- g- () Mais de 30. Quantas? _____

Anexo B

Roteiro de entrevista

- Família

1 - Qual é o significado de família para você?

2 - Você considera o casamento (enquanto união entre duas pessoas, formal ou não) um processo importante na constituição de uma família? (Ou) O que você pensa sobre o casamento (enquanto união entre duas pessoas, formal ou não)?

3- Como você percebe o relacionamento conjugal no casamento de seus pais?

4 – O que, no casamento de seus pais, você toma como exemplo positivo para seus relacionamentos e o que você considera exemplo negativo?

- Religião

1 - Como você compreende a importância da religião na sua vida?

2 - Sua fé religiosa constitui um fator importante em suas escolhas amorosas?

- Grupo

1- Participação em algum grupo específico (Político, cultural, esportivo, de estudo ou pesquisa, religioso, etc)?

2 - Seu grupo de colegas/amigos representaram um fator importante nas suas primeiras experiências afetivas? Como foi esta importância para você?

3 - Como você considera a importância e significado deste grupo em seus relacionamentos afetivos?

- Meios de comunicação

1- Você considera que os meios de comunicação são um agente importante na formação do significado que o jovem dá aos seus relacionamentos afetivos? Como você entende que isso acontece?

- Relacionamentos afetivos

1 - Quando aconteceram suas primeiras relações afetivas?

2 - Como foram essas primeiras experiências?

3 - Atualmente, você tem algum tipo de relacionamento afetivo? Se sim, fale sobre o significado deste relacionamento pra você? Se não, fale sobre como você costuma relacionar-se (no sentido afetivo, sexual) com outras pessoas.

4 - Como você compreende e o que acha do 'ficar' (forma comum de relacionamento atual)?

5 - Você acha que existe alguma relação entre o 'ficar' e o namoro?

6 - Você percebe mudanças na estrutura dos relacionamentos amorosos na atualidade?

7 - Qual o sentido de um relacionamento afetivo para você?

Anexo C

Tabelas

Tabela 3 - Distribuição do sexo dos alunos/por curso

Sexo	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Feminino	17	40,5	38	50,6	9	37,5	45	91,8
Masculino	25	59,5	39	49,4	15	62,5	4	8,2
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 4 - Distribuição da idade dos alunos/por curso

Idade em anos	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
18	-	-	1	1,3	-	-	-	-
19	14	33,3	6	7,8	6	25,0	4	8,2
20	19	45,2	17	22,1	1	4,2	6	12,2
21	6	14,3	22	28,6	2	8,3	7	14,3
22	2	4,8	15	19,5	4	16,7	7	14,3
23	1	2,4	6	7,8	-	-	5	10,2
24	-	-	1	1,3	2	8,3	1	2,0
25	-	-	2	2,6	1	4,2	2	4,1
26	-	-	-	-	2	8,3	2	4,1
27	-	-	-	-	2	8,3	3	6,1
28	-	-	-	-	1	4,2	-	-
29	-	-	-	-	-	-	1	2,0
30	-	-	-	-	-	-	1	2,0
31	-	-	-	-	-	-	2	4,1
32	-	-	-	-	-	-	1	2,0
33	-	-	-	-	-	-	1	2,0
34	-	-	-	-	1	4,2	-	-
36	-	-	-	-	-	-	2	4,1
40	-	-	-	-	-	-	1	2,0
41	-	-	-	-	-	-	1	2,0
42	-	-	-	-	1	4,2	-	-
45	-	-	-	-	-	-	1	2,0
50	-	-	-	-	1	4,2	-	-
Não respondeu	-	-	7	9,1	-	-	-	-
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Tabela 5 - Distribuição do estado civil dos alunos/por curso

	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Estado civil								
Solteiro (a)	42	100	75	97,4	17	70,8	33	67,3
Casado (a)	-	-	1	1,3	7	29,2	12	24,5
Divorciado (a)	-	-	1	1,3	-	-	4	8,2
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 6 - Distribuição da condição de moradia dos alunos/por curso

	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mora com quem?								
Própria família	33	78,6	60	77,9	12	50,0	28	57,1
Um dos pais	5	11,9	6	7,8	3	12,5	3	6,1
Parentes ou outra família	-	-	3	3,9	-	-	2	4,1
Cônjuge	-	-	-	-	1	4,2	-	-
Cônjuge e filhos	-	-	1	1,3	6	25,0	13	26,5
Irmão (s)	-	-	-	-	-	-	1	2,0
Amigos	2	4,8	2	2,6	1	4,2	1	2,0
Sozinho	2	4,8	5	6,5	1	4,2	1	2,0
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 7 - Distribuição da situação em relação ao trabalho dos alunos/ por curso

	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Trabalha?								
Sim	17	39,5	26	33,8	19	79,2	46	93,9
Não	25	60,5	51	66,2	5	29,8	3	6,1
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 8 - Distribuição da contribuição com a renda familiar dos alunos trabalhadores/por curso

	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Contribui?								
Sim	7	41,2	3	11,5	13	68,4	37	80,4
Não	10	58,8	23	88,5	6	31,6	9	19,6
Total	17	100	26	100	19	100	46	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 9 - Distribuição da parcela de contribuição para a renda familiar dos alunos trabalhadores/ por curso

	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Contribuição								
Parcial	7	100	3	100	12	92,3	29	78,4
Total	-	-	-	-	1	7,7	8	21,6
Total	7	100	3	100	13	100	37	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 10 - Distribuição da renda familiar dos alunos/por curso

	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Total da renda familiar								
Até 800,00	-	-	1	1,3	5	20,8	2	4,1
De 801,00 a 1.600,00	1	2,4	-	-	8	33,3	25	51,0
De 1.601,00 a 3.000,00	5	11,9	7	9,1	3	12,5	15	30,6
De 3.001,00 a 5.000,00	7	16,7	18	23,4	5	20,8	6	12,2
De 5.001,00 a 8.000,00	8	19,0	23	29,9	1	4,2	1	2,0
8.001,00 a 12.000,00	12	28,6	16	20,8	1	4,2	-	-
Acima de 12.000,00	9	21,4	11	14,3	-	-	-	-
Não sei	-	-	1	1,3	1	4,2	-	-
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 11 - Distribuição dos alunos por principal provedor da renda familiar/por curso

	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Provedor								
Pai	19	45,2	32	41,5	3	12,5	9	18,4
Mãe	10	23,8	15	19,5	6	20,8	11	22,4
Pai e mãe	12	28,6	28	36,4	5	25,0	9	18,4
Irmão (s)	1	2,4	-	-	1	4,2	1	2,0
Cônjuge	-	-	1	1,3	2	8,3	9	18,4
Eu	-	-	-	-	6	25,0	5	10,2
Outros	-	-	1	1,3	1	4,2	5	10,2
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 12 - Distribuição dos alunos por grau de escolaridade do pai por/curso

Escolaridade	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Nenhuma	-	-	-	-	1	4,2	3	6,1
Ensino fundamental incompleto	-	-	1	1,3	9	37,5	19	38,8
Ensino fundamental completo	-	-	-	-	-	-	5	10,2
Ensino médio incompleto	1	2,4	2	2,6	2	8,3	3	6,1
Ensino médio completo	11	26,2	19	24,7	10	41,7	12	24,5
Ensino superior incompleto	5	11,9	5	6,5	-	-	2	4,1
Ensino superior completo	17	40,5	27	35,0	1	4,2	2	4,1
Pós-graduação	8	19,0	23	29,9	1	4,2	3	6,1
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 13 - Distribuição dos alunos por grau de escolaridade da mãe/ por curso

Escolaridade	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Nenhuma	-	-	-	-	1	4,2	2	4,1
Ensino fundamental incompleto	-	-	1	1,3	13	54,2	15	30,6
Ensino fundamental completo	-	-	1	1,3	2	8,3	7	14,3
Ensino médio incompleto	-	-	1	1,3	-	-	2	4,1
Ensino médio completo	4	9,5	16	20,8	4	16,7	15	30,6
Ensino superior incompleto	3	7,1	6	7,8	-	-	2	4,1
Ensino superior completo	19	45,2	32	41,5	3	12,5	4	8,2
Pós-graduação	16	38,1	20	26,0	1	4,2	2	4,1
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 14 - Distribuição dos alunos por tipo de instituição de ensino em que estudou a maior parte da vida escolar/por curso

Tipo de instituição de ensino	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Somente em escola pública	1	2,4	1	1,3	14	58,3	24	49,0
Somente em escola privada	30	71,4	55	71,4	3	12,5	3	6,1
Maior parte em escola pública	-	-	5	6,5	2	8,3	7	14,3
Maior parte em escola privada	7	16,7	14	18,2	2	8,3	10	20,4
Metade em escola pública metade em escola privada	4	9,5	2	2,6	3	12,5	4	8,2
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 15 - Distribuição dos alunos que tem uma religião/por curso

Tem religião?	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	27	64,3	61	79,2	16	66,7	45	91,8
Não	15	35,7	16	20,8	8	33,3	4	8,2
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 16 - Distribuição da freqüência com que os alunos que tem religião participam da igreja/por curso

	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Nunca	2	7,4	10	16,4	-	-	-	-
Raramente	14	51,8	19	31,1	2	12,5	12	26,7
Mensalmente	-	-	7	11,5	4	25,0	4	8,9
Semanalmente	10	37,0	24	39,4	8	50,0	25	55,6
Diariamente	1	3,7	1	1,6	2	12,5	4	8,9
Total	27	100	61	100	16	100	45	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 17 - Distribuição dos alunos que tem relacionamento afetivo fixo atualmente/por curso

	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Relacionamento afetivo?								
Sim	24	57,1	34	44,2	12	50,0	36	69,4
Não	18	42,9	43	55,8	12	50,0	13	26,5
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 18 - Distribuição dos alunos por tipo de relacionamento afetivo fixo atualmente/por curso

	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Tipo de relacionamento								
Namoro	24	100	33	97,1	5	41,7	24	66,7
Casamento	-	-	1	2,9	7	58,3	12	33,3
Total	24	100	34	100	12	100	36	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

Tabela 19 - Distribuição dos alunos por quantidade de pessoas que “ficou” nos últimos 12 meses/por curso

Com quantas pessoas você ‘ficou’?	Direito		Medicina		Geografia		Pedagogia	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Uma	19	45,2	25	32,5	11	45,8	34	69,4
Entre 2 e 5	12	28,6	27	35,1	4	16,7	5	10,2
Entre 6 e 10	1	2,4	8	10,4	3	12,5	5	10,2
Entre 11 e 15	2	4,8	3	3,9	1	4,2	2	4,1
Entre 16 e 20	2	4,8	2	2,6	-	-	-	-
Entre 21 e 30	1	2,4	6	7,8	2	8,3	-	-
Mais de 30	2	4,8	3	3,9	1	4,2	1	2,0
Nenhuma	3	7,1	3	3,9	2	8,3	2	4,1
Total	42	100	77	100	24	100	49	100

Fonte: questionário elaborado e aplicado pela pesquisadora

